

# **DESDE MINHA JANELA**

© **ERNESTO KRAMER**

Foz do Iguaçu - PR – 2001

**NÃO QUERO SER DONO DA VERDADE  
POIS A VERDADE NÃO TEM DONO NÃO**

**RAULZITO**

**E SE TIVER DONO  
TERÍAMOS QUE EXPROPRIÁ-LA  
E SOCIALIZÁ-LA**

**PARA RA**

# **SUMÁRIO**

**Antes do começo**

**Uma mulher, um filho**

**Como deixamos as coisas chegarem a este ponto?**

**O futuro**

**A questão ética**

**Vamos fazer o quê?**

**Ecologia é um ótimo negócio**

**Biovida**

**A trava religiosa**

**Mais sobre religionismo cristão**

**Nada deu certo**

**O fim dos tempos**

**Só olhando e escrevendo**

**Uma nova era**

**A árvore azul**

**Os cretinos**

**Visão da besta**

**Sem medo de querer ser feliz**

**Ao mestre com carinho**

**A incorporação das diferenças**

**Competição positiva**

**Degradação da informação**

**A solução utópica**

**Enxurrada de letras**

**Onze de setembro**

**O dia seguinte**

**Pausa e reflexão**

**Justiça infinita**

# ANTES DO COMEÇO

Quem sabe quando começou. Poder-se-ia dizer que agora mesmo quando começo a pôr no papel ou, também, quando surgiu a idéia de escrever tudo isso que você está começando a ler agora. Mas, em um sentido mais estrito do conceito de começo, vejo que comecei bem antes que isso.

Ainda que o expressado nas linhas que seguem esteja mais comprometido com uma visão do presente e uma possível projeção futura, há muito tempo que estou olhando desde minha janela. A obviedade lógica quer colocar o começo no momento do meu nascimento, mas isto também pode se controvertido, pois nem sempre enxerguei o que hoje vejo, ou posso registrar.

Pode-se entender que o mundo mudou no transcurso de tantos anos. Têm muitas pessoas de minha idade que já escreveram as memórias de suas vidas. É claro que as coisas mudam através do tempo. Mas, também é claro que a gente mesmo pode mudar suas próprias formas de enxergar as coisas, diferenciando momentos de compreensões desiguais entre si, mudanças de pontos de vista, acréscimo de dados, ou até simples (ou mais complexos) exercícios mentais fazem que vejamos as coisas de maneira diferente.

Pessoas diferentes não necessariamente enxergam o mesmo, sendo que olham para a mesma coisa. O que para alguns pode parecer uma bucólica paragem de bela natureza, para outros pode ser uma dolorosa amostra da destruição do meio ambiente.

Assim, a questão do começo pode ficar delimitada, também, a quando comecei a enxergar o que hoje creio ver. Outra vez é muito difícil, se não impossível mesmo, colocar uma data certa neste suposto momento em que teria se produzido uma possível mudança, de um modo de ver para outro.

Mais fácil é observar, nesta relação, um processo de formação. Isso, de certa maneira, eu posso enxergar e entender. Fui tateando (ia usar o lugar comum “no escuro”, mas não foi isso, absolutamente.) Mais bem, dados e informações em geral estavam disponíveis. Só que tudo isso ao que eu tive acesso era de uma complexidade enorme, com o agravante de não possuir uma unidade coerente. Muito pelo contrário, eram e ainda são dados espalhados e não muito bem relacionados, de uma abismante e incoerente contradição. É uma situação que prevalece até agora mesmo e não acho exagero afirmar que se estende a todos os âmbitos do conhecimento humano.

Antes de continuar (ou é continuação mesmo?), quero esclarecer algo e, já que lugares comuns são facilmente entendidos, faço o que as pessoas tendem a expressar como “usar o remédio antes de contrair a doença” ou “colocar o emplasto antes de ser ferido”. Algo assim como prevenir antes de curar. Bom, tudo isso só pra dizer que não pretendo aqui ordenar o conhecimento humano em um tudo coerente e unitário. Ninguém, nem eu mesmo, pode esperar tal tarefa de mim.

Fazendo uma pequena introspecção, pode ser que somente queira me esclarecer a mim mesmo. Poderia ficar contente com isso, a não ser o fato que me considero um escritor. Escrever, é isso que eu faço, e um escritor escreve porque tem a ilusão ou tem a vontade, a meta, de ser lido por outros; sejam estes escritores ou não, seja que concordem ou não com o que está escrito. Sempre há mais, muito mais, outras coisas, outros incentivos, que fazem que uma pessoa escreva. Esse desdobramento não é parte desta obra.

O fato concreto é que parece que estamos atravessando um momento histórico de extrema densidade na informação e essa quantidade de informação não está dando à humanidade uma compreensão, nem seja um entendimento, do que realmente está acontecendo. Ou será que isso só se enxerga desde minha janela?

Então, este escrito também pode ser considerado um confronto de dados, uma forma de tentativa de comunicação entre seres que podem, ou não, perceber as coisas de forma similar. Porque minha janela não só me mostra paisagens naturais, urbanas ou de aglomerações humanas, mas, especialmente, me fornece informação. Isso graças ao nível técnico que a comunicação hoje alcançou neste planeta. Não é necessário entrar em detalhes, pelo menos agora.

O que sim é de meu interesse imediato, e reafirmo: meu interesse pessoal, antes de começar, é entender o que vejo pela minha janela. Entender corretamente, gostaria dizer, mas quem pode, quem poderia ser tão poderoso para *entender corretamente* o aparentemente infindável caos ao

que me sinto exposto. Entender satisfatoriamente já seria bom demais, ainda que, me parece ver, coisa extremamente difícil e complicada. Fácil não é, de jeito nenhum.

Tampouco seria sério nem honesto, de minha parte, alegar uma suposta objetividade na minha visão das coisas. Não cheguei até este ponto de minha existência sem uma opinião formada sobre muitos assuntos. Só pode estar claro que a experiência acumulada influi minha visão, meu processo de entendimento e compreensão dos fatos que me são apresentados. Todo o processo de assimilação e interpretação da realidade que percebo está condicionado por um longo processo vital, com quase infinitas experiências do cotidiano, que foram se acumulando até formar aquilo que hoje reconheço como “eu”.

Aquele eu foi se formando através de longos anos, num dia a dia de acertos e desacertos, maiormente de erros e estes algumas vezes até conscientes e voluntários; outras vezes frutos de apreciações deficientes que produziram ações negativas. Isso mesmo, neste momento faz com que coloque em certa dúvida ou, ao menos, manipule com cuidado muitos dados que me fazem assumir uma posição fixa ou já quase cristalizada, baseada em experiências e dados adquiridos na vida. A renovação constante é premissa básica.

É interessante, em qualquer momento da vida, fazer uma checagem da bagagem que a gente está levando consigo. Não é coisa de velho não. A reconsideração do antigo à luz do novo sempre é coisa saudável. A cristalização, quando novo, de um conhecimento ou ponto de vista dado, é ini-

miga da evolução, da correção de erros, do entendimento entre seres humanos.

Mas sempre há coisas que nos recusamos a jogar fora. Isso fica fazendo parte de nossa bagagem. Poderíamos complementar: a bagagem cultural, ou aquilo que assimilamos durante a nossa vivência, aquilo que nos faz enxergar as coisas de certo modo, o que nos dá uma escala de valores, o que nos dita uma atitude moral no relacionamento com outros humanos e o ambiente onde estamos inseridos; isso, enfim, que faz a nossa subjetividade, á qual não posso nem quero renunciar, se o objetivo é descrever o que eu vejo desde aquela minha janela exclusiva.

Um assunto por mim determinado antes do começo é o tema escolhido para ser desenvolvido aqui. Aliás, o tema estava decidido bem antes de decidir a forma de abordagem do mesmo. As perguntas eram: como encaro o tema? Como posso desenvolvê-lo? Isso se explica por uma decisão tomada há bastantes anos atrás, que era justamente este tema o que era de interesse primordial, principal e prioritário.

Também não é a primeira vez que me aventuro neste campo. Existem algumas poucas centenas de páginas digitadas, onde expus alguns posicionamentos ao respeito. Outra coisa é que ainda não foram publicadas, ou feitas públicas, o que hoje inclui a forma eletrônica, além da impressão tradicional em papel. Só que as informações continuam fluindo, a situação não é estática e se desenvolve com uma rapidez

inusitada e insensata. O que estou percebendo me preocupa muito e cada vez mais não estou entendendo certas afirmações e atitudes que me produzem desgosto e um profundo desagrado.

Quero logo corrigir uma forma de dizer. É claro que estou entendendo alguma coisa, mas sempre desde minha janela. Vejo também que existem alguns outros que enxergam o mesmo que eu e ainda outros que me mostram as coisas de um certo jeito que eu posso compreender. É dizer, existem dados, provenientes de outras pessoas, que batem com aquilo que eu observo. É dizer, outra vez, que certos conhecimentos meus e certas interpretações minhas são fornecidas e/ou influenciadas pelo que outras pessoas observam desde suas respectivas janelas.

Não posso colocar esse fato como prova de que estou certo. Apenas esclarece que não sou o único exemplar da raça humana que observa certo fenômeno e lhe dá certa interpretação específica. E ainda mais, é muito possível achar concordâncias em partes pontuais, com bastante facilidade relativa, mas bastante difícil achá-las em uma visão mais totalizadora, mais global.

Antes de ver isso como um problema, pelo contrário, deve ser entendido como uma vantagem, especialmente para o leitor, que será (pelo menos) beneficiado pela transmissão de uma visão diferente da interpretação de uma realidade comum a todos. Se concordar ou não, é outra questão, mas em caso nenhum pode esperar uma visão estandardizada, estereotipada, sobre o que pretende ser geralmente co-

nhecido; como tampouco será alimentado com opiniões ou pontos de vista oficialmente aceitos, tanto pela maioria, como pela minoria que compõe o poder que nos governa.

Atrevo-me a dizer isto último antes de começar, devido ao conhecimento que tenho de mim mesmo e das opiniões enraizadas que fazem parte do acervo inalienável da minha bagagem. Na realidade nem sei o que vou dizer, nos detalhes. Não existe, até aqui, um plano detalhado da obra. Apenas existe uma idéia, um esboço mental geral.

Esta idéia poderia ser resumida em poucas palavras e diz respeito ao tema que pretendo tratar. As palavras “*a humanidade e seu meio ambiente*” até poderiam servir – não como título, mas como idéia-força – mas são pomposas demais. Também me parecem acadêmicas demais, para titular um modesto trabalho de um leigo sem formação especializada oficialmente reconhecida. Apenas cumprem a função de delimitar o tema em si, de definir a área que gostaria de examinar.

Agora, usar a palavra “*delimitar*”, se bem examinada em sua relação, parece-me um exagero, pois não acho que exista um outro tema que possa ser tão amplo e abrangente como este. Tem a ver com tudo e todas as coisas. Se pudesse multiplicar a duração de minha vida, não poderia alcançar sozinho a totalidade que o tema pode conter.

Então, e ainda que seja só para possibilitar uma obra finita, terei que reduzir os alcances e me enquadrar nos limites

daquilo que, segundo meu discernimento particular, me pareça de maior prioridade, importância, interesse, ou seja ditado simplesmente pela “inspiração” da mente. Para que ou para quem? Pois para isso mesmo: para a humanidade e seu meio ambiente.

Um limite auto-imposto tem relação com os conhecimentos ambientais e ecológicos amplamente disponíveis pela população em geral, em todo o planeta. Carece de sentido repetir o que está dito e ao que qualquer humano pode ter ao seu alcance, até gratuitamente, em uma biblioteca pública qualquer – virtual ou concreta. Isso já está feito e, no melhor dos casos, pode me servir de referência ou de base para certas asseverações específicas.

É claro que não se pode começar a elaborar um plano sem ter clareza sobre o que se quer realizar. Um plano só é implementado sobre premissas concretas e específicas, e estas só nascem de idéias claras sobre o que se pretende fazer.

Com relação ao tema proposto apresentam-se inúmeras contradições e divergências de opiniões em praticamente todos os agrupamentos humanos. Existe uma amplíssima gama de opiniões, que vão do “não passa nada”, ou “deixa como está, que está bom assim”; passam por aqueles que – forçados por algumas circunstâncias – aceitam ou propõem certos ajustes ou algumas adaptações e até mudanças mais ou menos significativas; passam também por outros que expressam profundas preocupações pelo que está aconte-

cendo com a sociedade humana e com a natureza deste planeta, que apresentam propostas e sugestões que implicam modificações mais amplas ou profundas; até chegar aos que não enxergam outra coisa que um apocalipse ecológico, produzido pela extrema imbecilidade humana.

É estranho que entre estes últimos o niilismo ainda não tenha se manifestado em forma muito profunda. Aparece em forma acentuada, mas sem a profundidade que o leve a suas últimas conseqüências, que é a morte, o suicídio. No fundo, bem no fundo, é difícil achar alguém que tenha descartado toda possibilidade de reversão de um processo que, entendem, neste momento nos conduz ao caos e à destruição total. Diverge-se na forma, nos detalhes, nas prioridades, mas ainda há propostas ou tentativas de esclarecimento de como se poderia evitar um final que a muitos parece iminente e inevitável, se nossa forma de vida humana não for radicalmente modificada.

### **EIS AÍ UM CAMPO PERFEITAMENTE DELIMITADO:**

QUAL O REAL ESTADO DO PLANETA?

QUAL É A REALIDADE POR TRÁS  
DAS AFIRMAÇÕES DE UNS E DE OUTROS?

QUE ESTÁ ACONTECENDO E POR QUÊ?

## **E COMO CONSEQÜÊNCIA:**

Se houver alguma coisa errada, ou preocupante, ou potencialmente perigosa, que poderíamos fazer para evitar um desenlace fatal?

Ou, até: existe mesmo a possibilidade desse desenlace fatal se produzir?

Sem dúvida que isso tudo está relacionado com o tema proposto e, apesar de poder ser ampla e/ou profundamente abordado, as perguntas permitem respostas concretas, os problemas tem soluções propostas. Ou seja, a temática possibilita definições, o que permite o ponto final, parcial de um tema tratado e de toda a obra em si mesma. Assim também o volume desta pode ser limitado, o que é bom para todos.

Tendo esclarecido esta parte (?), caberia pensar na divisão temática que seja necessária estudar para encarar as perguntas propostas. Precisamos primeiro saber sobre o estado em que o planeta se encontra. Poderíamos, de outra forma, perguntar:

### **COMO ESTÁ A SAÚDE DE NOSSO PLANETA?**

Correlativamente poderíamos, provavelmente, entender o por que está assim e como isto afeta nós humanos, no presente e no futuro. Isto já nos deixa em situação de poder intervir nas áreas que apresentam problemas, implementando as ações necessárias para solucioná-los.

As perguntas são neutras. Nada nos dizem de bem ou de mal. Não há, não deveria haver, juízo prévio na realização delas. O problema (relativo) reside nas respostas ou, mais claramente, na necessária escolha do material que deveria ser apresentado à consideração do leitor. Isto condiciona as conclusões, as possíveis propostas, e é onde reside a subjetividade da trama. Apesar da possível objetividade das fontes escolhidas, existe a subjetividade da escolha, o que finalmente implica em opiniões e tomadas de posição que, por sua vez podem, ou não, ser discutidas, atacadas ou defendidas, aceitas ou rejeitadas de plano.

A necessidade da consulta a fontes, como se diz “de terceiros”, é uma obviedade que se reconhece na total incapacidade de um ser humano, sozinho e fisicamente bastante isolado, tomar conhecimento de uma questão tão ampla como é a ecologia planetária, com todas as suas relações. Nem com todo o ouro do mundo, nem com toda a tecnologia hoje disponível, uma pessoa sozinha poderia dar conta do recado. Há uma necessidade, uma situação realística, que nos obriga a ver, a estudar, a entender e compreender o que outros estão enxergando desde cada uma de suas janelinhas individuais.

Bem pode ser que nas matérias que pretendo desenvolver tenham trabalhado milhares de pessoas. Não há nem como saber quantas. Na maioria dos casos, mas nem sempre, é possível identificar o autor do escrito. Também nem sempre isso é garantia de autoria pura e, outra vez nem sempre, este faz referência a suas fontes. Pessoalmente acho

tudo isso um saco, burocracia detestável. Se for somente para proteger direitos autorais ou de cópia, o que se consegue é travar a livre circulação da informação. Se fossem coisas triviais, como a reivindicação de um autor de best-seller, ou de uma novela de TV, tanto faz. Mas aparentemente estamos tratando com informação que é de importância extrema, crucial, para toda a humanidade.

Por isso me questiono sobre a legitimidade da aplicação da legislação sobre direitos autorais dos temas aqui tratados. Digo que, se houver problemas, como aparentemente os há e (estou me adiantando), gravíssimos, a única forma apropriada para contorná-los e superá-los é que estes sejam amplamente conhecidos, discutidos e debatidos por absolutamente toda a população terrestre. Não é com restrições à circulação da informação que poderíamos evitar o doloroso impacto do problemático futuro que parece nos esperar na velhice de todos nós que hoje estamos vivos.

Disse que estava me adiantando e é verdade, mas o tema de copyright, as proibições que este traz consigo, impossibilitariam a publicação deste e de outros escritos meus. Só o desafio à lei internacional estabelecida é que pode fazer chegar a você algumas das coisas por mim publicamente expostas.

No fundo acho que eu gostaria mesmo de estar errado em tudo o que apresento. Ficaria tanto mais tranquilo, poderia dormir tanto melhor, meus dias seriam tanto mais despreocupados, a escasseante felicidade seria tanto maior como

mais freqüente. Efetivamente, o material que disponho é tudo, menos alentador. É real e profundamente preocupante. Isso faz que também seja evitado por muitas pessoas demais.

Por aquelas nada posso fazer. Quem não quer ver, pois fica cego. Aí há negação do conhecimento e da comunicação. Ali reside o perigo de morte. Querer desconhecer uma realidade concreta, neste nível, só pode acelerar nosso fim coletivo. Posso estar certo ou errado, mas a preconceituosa negação de qualquer problema não esclarece nada a ninguém. Os assuntos tratados aqui merecem e precisam de ampla divulgação, compreensão e discussão a nível mundial. Tampouco são temas a ser tratados exclusivamente por especialistas, mas são de profundo interesse de todos os que neste momento estamos vivos e dos que nascerão nos próximos anos. Disso tenho a mais absoluta certeza.

O que complica as coisas, para mim, é que o tema escolhido, apesar de sua abordagem delimitada, engloba absolutamente tudo o que existe neste planeta, tudo extremamente inter-relacionado e exercendo inegáveis influências estruturais.

Sem ir muito longe, podemos reconhecer influências extraplanetárias provenientes do sol e da lua, que possibilitam a nossa forma de vida. Poderíamos ir mais longe, quiçá longe demais para esta obra, tentando nos encaixar num universo que mal estamos começando a entender, após milhares de anos de estudo. De tudo aquilo que existe, aquilo que percebemos ou não, nada existe “porque sim”. Tudo tem ra-

zão e função naquela especialíssima harmonia que formata o âmbito que permite nossa existência. Nós estamos mudando esse equilíbrio extremamente sensível e estamos chegando a um ponto onde se torna imperativo refletir séria e conscientemente sobre o que estamos fazendo, ou a prontando.

Eu sou daqueles que acreditam que os humanos deveríamos ativar um forte sinal de alarme planetário, advertindo sobre o estado de nossa Terra. Óbvia e logicamente sei sobre o que escreverei mais adiante e sobre os pontos de vista adotados. Não posso deixar de advertir você, possível leitor:

Não me interesso pela opinião e posição dos “passotas”, aqueles que passam de tudo, nem ficam acima, mas por trás do muro. Ali só se encontra escapismo e inconsciência. É o estágio mais longínquo do animal-gente, o mais perto do animal-bicho. Existem em todo nível da sociedade humana e com nada positivo contribuem a ela. São o produto ideal do sistema hegemônico imperante na atualidade; quase que mortos vivos.

Não sei se ainda piores são aqueles que acham que não são passotas. Manifestam interesse por acontecimentos, fatos, especialmente por coisas materiais, mas seus campos de interesse são totalmente manipulados pelo sistema. Desfrutam de uma ilusória liberdade aparente, dentro de marcos predefinidos. Suas opiniões são as opiniões dos donos do poder. São os alienados *lambebotas* que acreditam que o sistema está tomando conta dos problemas, com o qual não haveria problemas mesmo, e que acreditam que alguns

ajustes lá ou acolá, indicados pelo sistema, apresentariam soluções reais e até afetariam positivamente o desenvolvimento da humanidade.

Entre estes últimos há muitos que bem poderiam ter condição de entender as coisas de uma maneira um pouco mais diferente. Mas eles têm medo de encarar, tem interesses criados, tem rabo preso, estão vendidos de corpo e alma. Prestar-lhes atenção é escutar a versão oficial. Isso, segundo o que me parece, é coisa revestida de perigo, pois vejo diariamente todo aquele maquinário sendo implementado para enganar a população, das mais diversas formas. Pois então, também aqueles deixamos de lado.

Existe um outro tipo que também não deixa de ser perigoso. Esse acredita que sabe, chega às vezes até ser considerado militante, mas seu conhecimento é limitado ou é distorcido. Apesar de que geralmente está aberto a receber informação, ruim é quando usa esta em proveito próprio, única e exclusivamente. É massa de manobra, ou facilmente presa dos expertos exploradores da indústria da preservação e/ou defesa ecológicas. Pois ecologia e meio ambiente são ricas fontes de recursos e lucros. Tem muito experto aí que não pode negar.

Nesse espectro se encaixam infinidade de associações, fundações e ONGs similares, que conscientemente exploram os bem-intencionados “ecologistas”. É claro demais que por esses canais não costuma circular a informação veiculada neste. Em grande parte representam uma corrente que até poderíamos chamar de romântica. Não existe por aqui

qualquer compromisso com mudanças mais abrangentes. Bebem do capitalismo e desse jeito está bom demais pra eles.

Aliás, adeptos ao romantismo bucólico naturalista há muitos. Antes que uma forma coesa ou movimento formal, mais nos parece uma tentativa de preservar raízes arcaicas, subconscientes, de não perder ou destruir o nosso elo com o mundo natural; mas este é colocado no contexto mágico da consciência emocionada. Encontram-se aqui muitos predispostos a entender os problemas emergentes nas últimas décadas, a compreender os perigos reais que estamos enfrentando e também muitos daqueles que podem colaborar com propostas aplicáveis nas mais diversas situações. Se problemas há, mais são da ordem relativa à consciência emocionada, não racional, e à falta de militância organizada que transcenda o pessoal, particular ou local. Isso é, generalizando em forma grosseira.

Uma faixa importante de pessoas perceptivas adere ao ecologismo porque entendem a gravidade do problema que este denuncia. Mas esse ecologismo não assume um caráter humanista correspondente, se não orientar a luta contra os promotores da catástrofe, a saber: o grande capital e a cadeia de indústrias e empresas destrutivas e poluentes, parentes próximas do complexo militar-industrial.

Antes de se preocupar com as araras, o ecologista esclarecido ocupa-se da fome, da miséria, da promiscuidade e a aglomeração, da mortalidade infantil, das doenças, dos déficits sanitário e habitacional da população humana, e da

forma como solucionar estes e outros problemas sem agredir o meio ambiente. Também destacará o desemprego, a exploração, o racismo, a discriminação e a intolerância em um mundo tecnologicamente avançado. Esse mesmo mundo que está criando desequilíbrios ecológicos em benefício de seu próprio crescimento irracional.

Estando meio cansado de examinar as possibilidades que diferentes humanos podem assumir defrontados com o tema ecologia, prefiro declarar que não pretendo esgotar a lista. Não confio, quase que instintivamente, nos que têm interesses, especialmente econômicos, em manter a situação social e política do jeito que está. Para estes, é primordial a manutenção do *status quo*. São os afetados por qualquer mudança que implique restrições a suas atividades. Comum e geralmente são identificados com grandes empresas responsáveis por imensas e irracionais depredações. Mas também podemos ver que pequenos grupos sociais e até indivíduos isolados podem causar grandes e irreparáveis danos.

Mas então, onde é que se pode achar informação confiável? É esse mesmo o problema que estou enfrentando. Não é nada fácil consegui-la. Há certa reticência dos canais mais oficiais por veiculá-la. Certo é que a situação em si mesma, já quase catastrófica, está fazendo com que algumas empresas e alguns países comecem a reconhecer a realidade. Isso é bom e é necessário. O que pode ser questionável, são algumas formas, maneiras, propostas grosseiras para encarar essa situação.

O que defendo é que tudo isso, toda essa informação, todas as propostas de soluções, devem ser, tem a obrigação de ser de amplo domínio público. Ou seja, tem-se a obrigação de comunicar a situação real a absolutamente todos os seres humanos, sem exceções de nenhuma classe. Isto não é brincadeira, sendo que todos nós, sem exceção possível, estamos sendo – e seremos ainda mais – afetados pelo estado em que estamos deixando o planeta.

Nesse sentido, isto aqui é apenas uma pequeníssima e modesta contribuição a uma discussão que tem que assumir proporções planetárias. A prioridade deste assunto só pode ser entendida à luz dos dados altamente preocupantes que nos alcançam. Não parece possível, nem recomendável, deixar a solução dos problemas apenas em mãos de cientistas, especialistas ou governantes. Aliás, estes últimos parecem os mais relaxados ao respeito.

Todos nós humanos, de uma maneira ou outra, em proporção maior ou menor, sabendo e conscientes ou não, estamos contribuindo com a atual deterioração planetária. Por isso também é impossível reverter o processo sem a participação de todos. Por isso é que são necessários a ampla circulação e o fácil acesso à informação pertinente.

Insisto no tema específico. Reter informação, colocar empecilhos na circulação desta, relativa à real situação ambiental planetária, é uma atitude criminosa. Desconsiderar os dados que estão nos alcançando, nos faz cúmplices do maior crime que pode ser realizado neste planeta: a destruição total do único habitat que dispomos.

Temos que encarar a realidade: não existe outro lugar no qual possamos viver, que atualmente esteja ao nosso alcance. É este Planeta único quem permite que a raça humana – e todo o resto – assuma sua forma vivente. A unicidade deste Planeta é expressa em suas estruturas e relações que permitem nossa forma de vida, tal como a conhecemos. As alterações que estamos realizando estão afetando profundamente a vida, de forma extremamente negativa.

Estamos em perigo extremo e todos deveríamos sabê-lo. Toda informação a respeito do problema tem que ser liberada. Neste caso, não se trata de uma criação intelectual humana, como um romance de ficção, um poema, obra de teatro ou invenção tecnológica. Esta informação é apenas uma recopilação de dados e, quando mais, alguém os interpretou. Se esta informação atinge a proporção de revelar um assustador perigo que nos ameaça, então não tem – não pode existir – justificativa moral para que só possa ser acessada por quem pode pagar ‘x’ quantia por uma cópia. Complica mais ainda se ela está em língua estrangeira e com proibição expressa de tradução. Isso eu não acho certo. São dados que tem a ver com nossa vida, nossa qualidade de vida, a nossa e a de nossos descendentes diretos. É coisa de vida ou morte. São inaceitáveis os mecanismos jurídicos restritivos, que contribuem a manter a maior parte da humanidade na ignorância com respeito ao tema que estamos tratando.

Neste caso específico, a transmissão e circulação da informação estão em relação direta a nossa capacidade de se-

guir mantendo e gerando vida no planeta. Isso é assunto importante demais para ficar circunscrito/reduzido a razões puramente econômicas. Pode ser também que estas alegadas razões econômicas sejam a causa principal dos problemas globais que teremos que enfrentar daqui pra frente. Não há como escapar disto.

## **UMA MULHER, UM FILHO**

Quando releio o que tenho escrito, conto a quantidade de páginas manuscritas e calculo o volume resultante uma vez devidamente impresso em forma de livro me dá uma certa alegria, pois a quantidade de material já dá para expor um todo, aparentemente completo e coerente. Quando releio as últimas frases do manuscrito, me parece que muito bem poderiam ser as palavras finais que deixem o leitor com a devida impressão de algo que se completou em si mesmo. Penso que deve ser o desejo de completar mais uma obra, o que me ilude, querendo colocar o final no lugar onde este ainda está longe, pois têm algumas coisas mais que observo e não estão incluídas no anteriormente exposto, como o que segue aqui.

Um assunto um tanto enigmático e não discutido publicamente em absoluto, no seio da sociedade contemporânea, é o contingente populacional que deverá ser suportado no Planeta em um prazo extremamente curto. Não entendo

que, sendo o assunto tão grave e preocupante, e as soluções mais coerentes de uma aplicação exigirão uma extrema mudança em nossos costumes mais arraigados, nada esteja se implementando para, pelo menos, alertar a humanidade do que estará acontecendo com ela durante esta, a próxima e as seguintes gerações (isso, se conseguirmos gerá-las). Parece-me que as ditas autoridades estão tendo uma atitude dúbia com respeito à questão da superpopulação.

O bicho gente sempre teve a capacidade de se propagar com relativa rapidez e facilidade, em todo e qualquer âmbito, sob qualquer tipo de circunstâncias. Superou com incrível força e rapidez situações adversas de causas naturais ou infringidas por ele a si mesmo, como as inumeráveis guerras de extermínio mútuo que nos contaram nossos antepassados e tal como ainda o estamos testemunhando. Nada foi capaz de interromper nosso crescimento e expansão populacional.

Assim mesmo, passaram vários milênios até chegarmos a contabilizar mais de seis bilhões de humanos vivos, juntos no mesmo espaço físico e temporal. É muita gente para esta pequena bolinha, mas, mesmo assim, podemos prever que outros dois bilhões se unirão a nós em pouquíssimos anos mais. Se meu corpo resiste até completar uma média comum e aceitável de longevidade, no momento em que minha presença atual passe para outra coisa deverão existir mais de oito bilhões de humanos em este planeta, e se eu durar uns poucos anos mais ainda, superaremos um total de dez bilhões de seres vivos tentando e querendo sobrevi-

ver ao mesmo tempo. Olhando um pouco mais pra frente, quando meu filho, que hoje está comigo, alcance minha idade atual, haveremos dobrado a quantidade de indivíduos que hoje existem.

Ainda poderíamos estar de acordo em que não haveria grandes e insuperáveis dificuldades em alimentar, vestir, educar, proporcionar um lugar para morar e até alguma ocupação para uma quantidade igual ou um pouco superior à existente atualmente. São equações resolvidas com relativa simplicidade, dependendo de ajustes e modificações concebíveis e executáveis. Digamos que pode ser visto como algo complexo e que, já de por si, implicaria um empenho certamente revolucionário. Mas ainda seria plenamente possível. Agora a coisa se complica, basicamente, pelo manejo corrupto e criminoso do meio ambiente e pela injustiça na repartição dos produtos. Os próprios problemas indicam as soluções pertinentes.

A questão se complica muito mais quando consideramos quantidades maiores de sobreviventes, como dez ou doze bilhões, chegando a situação se tornar insustentável ao considerar quantidades ainda maiores, as quais devemos alcançar na brevidade dos próximos 30 ou 40 anos.

Se não, vejamos. Quando começou o século vinte estavam presentes mil seiscentos milhões de pessoas, ou seja, a quarta parte (25%) dos que puderam participar da festa que marcou o início do terceiro milênio da era vulgar, cem anos mais tarde. Em aqueles tempos a expectativa média de vida era muitos anos menos que a atual, o que quer dizer que

hoje permanecem por mais tempo e demandam mais do planeta. Ainda que subtraímos uns cinqüenta e poucos milhões de mortos por ano, estamos agregando cerca de meio Brasil à população mundial, anualmente. Não parecemos uma espécie que está colonizando o planeta; mais parece que o estamos sufocando.

Possuo uma cópia da síntese de uma investigação, digamos melhor um estúdio, encomendado por, e realizado sob, o auspício das Nações Unidas. Foi publicado somente em uma língua (a imperial) com expressas restrições ao direito de cópia e com proibição explícita de tradução. Alcança extensão e amplitude muito maior e este tema é apenas uma pequena parte do todo que nos pretende informar sobre o estado de saúde de nosso planeta.

Como qualquer publicação própria do sistema, tenta minimizar o problema enfocando os procedimentos que estão sendo implementados com uma patina de otimismo. Nada deixa transluzir uma real e profunda preocupação pelas massas humanas que enfrentarão uma vida dura enchida de dificuldades, privações e sofrimentos.

O estúdio nos informa que todas as medidas se focalizam em diminuir a taxa de nascimentos, e não é difícil entender, nas entrelinhas, que a única solução reside em limitar o número de filhos a um por cada mulher. Não pode nem deve haver mais que isso, porque esse máximo que pode ser permitido já é demais para as minguadas capacidades de sustentação que nossa Terra nos oferece.

O informe não entra em considerações sobre o estado em que ficará o planeta depois que uma horda selvagem de onze ou doze milhões de capitalistas modifique as paisagens atuais. Podemos perceber o estrago produzido por dois, três ou cinco bilhões, podemos observar e sentir em corpo próprio as dificuldades que atualmente têm seis bilhões, junto à necessidade de um câmbio profundo e abrangente, que seria absolutamente necessário para manter uma quantidade como a atual. Nem isso podemos conceber dentro de um sistema capitalista, como está sendo demonstrado claramente e sem a mínima sombra de uma só dúvida.

Não é somente os que vêm, os que se agregarão a nós, os que nos devem preocupar, pois pertencem ao mesmo total. Temos que colocar as coisas em contexto e considerar fatos indiscutíveis como que em uns 25 anos mais haverá falta de água apta para o consumo humano, haverá redução crítica das terras produtivas (devido à contaminação agrotóxica e ao mau manejo), haverá uma redução grande na quantidade e qualidade dos produtos alimentícios que subtraímos dos mares, rios e das lagoas, haverá, enfim, uma sensível diminuição da oferta dos produtos básicos que nos permitem sobreviver. E ainda podemos nos alongar considerando os itens próprios e necessários para realizar uma vida digna.

Poderíamos ainda considerar a questão com mais otimismo se tivéssemos os cuidados que nossa Terra reclama, mas estamos justamente (ou injustamente) estreitando nossos limites e diminuindo nossas possibilidades de atender a

demanda da população global, porque estamos criminosamente envenenando água, ar e terra, cobrindo tudo de lixo até o espaço sideral e não estamos repondo – nem estamos deixando condições de repor – o que estamos usando, ou melhor: gastando.

Não estamos conseguindo cuidar de nós mesmos e não estamos demonstrando nenhum tipo de respeito por nossos próprios descendentes, destruindo e eliminando todos os elementos que lhes serão tão necessários como a nós mesmos, para a sobrevivência. Só o controle da natalidade – induzido ou espontâneo – não tem o poder de reverter a situação, mas ainda assim, está absolutamente claro para mim que é algo que devemos considerar seriamente e de acordo com a verdadeira dimensão do problema. Se fôssemos totalmente conseqüentes, ninguém teria coragem de ter um só filho ou uma só filha durante os próximos decênios! A política de crescimento zero não é bastante: temos que, obrigatoriamente, reduzir nosso número.

É aí que escuto – novamente – o rugir enfurecido de milhares de milhões de vozes, apoiados e incentivados pelas credices de certas expressões religiosas. Em seus olhos seguramente sou um herege, quase um anticristo, pelo que expresso e, se pudessem, me perseguiriam até a morte. Eles preferem esperar que a destruição se realize e sem dúvida responsabilizarão algum deus ou algum de seus enviados especiais pelos acontecimentos dolorosos que estão por vir. Eu me pergunto se depois de um acontecimento de tal magnitude e natureza sobrarão algo, alguém que possa contar a história. Eles afirmam que sim, agregando que só

depois dessa “limpeza” – realizada por meio do poder divino – é que será possível estabelecer o milênio da paz, da felicidade, da justiça e da barriga cheia.

Eu só observo o mundo desde minha janela e me pergunto como é que pensam que isso será possível. Eu não os entendo e mais, eu queria acusá-los publicamente de ser parte de uma conspiração de inspiração diabólica que tem por fim supremo a destruição do planeta (e por que não, de toda a criação). Se eles não têm consciência disso, então são tão imbecis e cretinos que não vale a pena tomá-los em conta. Pelo menos e por agora, não estão cooperando nem com a fração de uma migalha para a solução do problema.

Suponho que os capitalistas, que são os verdadeiros ateus e hereges deste mundo – quando não são realmente adoradores dos demônios – estão um tanto mais de acordo com minha colocação sobre reduzir a população mundial. Faz já certo tempo que reconhecem que não tem a capacidade para controlar a situação, nem para dar satisfação às necessidades primárias da população existente. Uma redução suavizaria a pressão existente e daria alguma sobrevida a suas pretensões totalitárias. Mas por esse caminho não evitaríamos o massacre, que só seria menor proporcionalmente a um total menor de seres existentes. O apocalipse em si não seria evitado, apenas um pouco protelado.

Já estou meio cansado de repetir a afirmação que o capitalismo não nos serve como ferramenta de sobrevivência. Até um escritor medíocre como eu tem o direito de odiar suas próprias repetições; ou formo uma seita mística que repita

incessantemente o mantram “*capitalismo não, não ao capitalismo*”, por toda a eternidade. Prometo que ressuscitarão no melhor mundo que mente utopicamente divina possa imaginar.

O certo é que, observando a relação entre o tamanho da população e a capacidade da Terra para sustentá-los, as expectativas estão muito piores que há vinte anos atrás. De aqui a cinquenta anos poderemos ser sete a onze bilhões, dependendo de nossa capacidade de reduzir o índice de fertilidade. O número menor seria possível de estabelecer se nos limitássemos a ter um filho por mulher, ou, como diriam os religiosos ocidentais tradicionalistas: um filho por casal.

Não será em absoluto estranho nem impensável que surjam movimentos que, apoiados em fundamentos filosóficos ou teóricos coerentes e bem fundamentados, lutem pelo ideal de que não seja aceito outro tipo de concepção que não seja totalmente natural. Não somente a clonagem humana seria combatida, como qualquer forma de inseminação artificial, mas também proporá que não se implementem curas a problemas como a esterilidade natural das pessoas. Serão partidários de abolir o ideal que os casais se devem unir com o fim de reproduzir. O aborto deverá ser livre mesmo, sem interferência destrutiva de igreja nenhuma.

Se examinarmos a questão a fundo e em detalhe com toda a seriedade e responsabilidade que o caso exige, não podemos mais que reconhecer honesta e humildemente que eles teriam razão. Um dos sacrifícios menores e mais razoá-

veis que temos que encarar com coragem e determinação é baixar ao mínimo as fecundações de novas vidas humanas, por todos os meios possíveis. O contrário nos levará a reproduzir uma multidão de seres condenados a uma vida miserável, calamitosa, desgraçada, plena de sofrimentos, e a uma morte horrível que arrastará junto a eles toda possibilidade de supervivência de nossa espécie. Mais de uma fertilização, mais de um parimento por pessoa, é crime contra a humanidade e como tal deveria ser punido.

Não quero entrar aqui em detalhes, apresentando exemplos de controle populacional praticado por outras espécies animais. Deixo a pesquisa em mãos do leitor interessado no tema. Mas o que sim interessa mencionar é que nós, que pretendemos ser tão superiores aos outros bichos que povoam nossa biosfera, estamos passando de idiotas e cretinos ao não tomar uma atitude realista frente a este fato.

O que nos diferencia do animal-bicho é nossa capacidade de lembrar a nossa história, com o qual enfrentamos nosso dia a dia e, desde ali, podemos projetar nosso futuro. A projeção nos oferece a possibilidade de escolha, o que justamente nos distingue como humanos e nos coloca em posição “superior” aos que estão limitados ao que os instintos indicam. Podemos imaginar, decidir e escolher o mundo onde queremos viver, como também criá-lo e construí-lo. Mas isso devemos fazer considerando as condições que oferece o âmbito, o meio ambiente, onde queremos inserir aquela nossa vivência pretendida. Temos que tentar ser – porque podemos sê-lo – objetivos e realistas. Não nos be-

neficia o atrelamento a dogmas ou doutrinas apresentadas pelos fanáticos e corruptos serventes dos donos do poder.

## **COMO DEIXAMOS AS COISAS CHEGAR A ESTE PONTO?**

O mencionado informe da Organização das Nações Unidas examina o estado do conhecimento que temos sobre cinco categorias maiores de ecossistemas. Os gradua em termos de sua capacidade de continuar abastecendo os bens e serviços que suportam a vida humana e sua economia. Observa como as pessoas alteram ecossistemas e afetam sua robustez, procurando prever os problemas que podem se apresentar no futuro.

Uma olhada nas afirmações da ONU sobre os ecossistemas da Terra mostram que eles estão extenuados até o limite. A condição é crítica também no mar, apresentando problemas nos campos de reprodução.

### **ÁGUA FRESCA**

Este é o ponto mais crítico de todos os ecossistemas, pois todos os organismos precisam de água para sobreviver. O consumo humano de água cresceu 6 vezes no século passado, o dobro do crescimento populacional. A humanidade usa 54% da água fresca disponível, sendo 38% na agricultura.

Demanda adicional vai colocar em perigo todos os outros ecossistemas.

Fertilizantes, sedimentos (lodo), esgotos e outros efluentes envenenaram e mataram lagos e rios.

A metade das terras úmidas do planeta foram drenadas, destruindo habitats.

Tanta água tem sido tirada de grandes rios (como Colorado, Nilo, Amarelo, Ganges) que estes às vezes secam antes de chegar ao mar.

Introdução de espécies não-nativas em um meio ambiente rompe o equilíbrio existente. Sistemas de suprimento de água estão sendo afetados por algas e outros elementos estranhos.

A biodiversidade está mais em perigo na água fresca que em qualquer outro ecossistema. 20% das espécies aquáticas desapareceram ou estão sendo empurradas à extinção, nas últimas décadas.

Baseado em dados e análises novos, o informe das Nações Unidas assevera que 2,3 bilhões de pessoas encaram falta de água. Isto é 60% mais que estimativas anteriores.

A escassez de água logo pode limitar o desenvolvimento econômico, particularmente em lugares onde os suprimentos já são inadequados para satisfazer as necessidades das pessoas, da indústria e da agricultura.

## **MAR / LITORAL**

Para 4 bilhões de pessoas, áreas costeiras cumprem um rol econômico vital e também sentem o ataque frontal do impacto humano. Dois terços de todo o peixe coletado depende – em algum ponto de sua vida – das terras úmidas do

litoral, algas marinhas ou recifes de corais. Tudo isso está desaparecendo rapidamente.

Destruição vastas áreas de solo marinho.

Efluentes de nutrientes e tóxicos agrícolas produziram um impetuoso florescimento de algas.

As frotas pesqueiras são 40% maiores do que os oceanos podem sustentar.

O esquentamento das águas está causando a morte dos recifes de coral. Os corais são elos essenciais para a conservação da vida das próprias águas marinhas. Sem corais os mares apodreceriam e morreriam.

A pesca está em declínio para mais ou menos 1/3 dos maiores peixes comerciais. Empresas de pescaria em colapso vão prejudicar diretamente 1 bilhão de pessoas, particularmente no sudeste da Ásia, mas também no resto do planeta.

## **TERRAS DE AGRICULTURA**

Um terço da terra global foi convertida à produção e comida, mas  $\frac{3}{4}$  partes desta área têm solo pobre. Até agora, as colheitas superam o crescimento populacional, mas o futuro está encoberto pela perda de terra para o desenvolvimento urbano, a degradação do solo e a escassez de água.

Os produtos químicos matam criaturas ruins e boas, por igual, sujam água subterrânea e criam zonas mortas nos oceanos.

Compactação imprópria causa perda de nutrientes.

O processo taxa aquíferos, drena rios e pode levar à ruínosa salinização do solo.

]

Mais de 40% das terras da agricultura tem sido muito degradadas. Erosão, esgotamento de nutrientes e o stress nos sistemas de água anunciam problemas.

## **PASTAGENS**

Este sistema, que cobre 40% da superfície da terra firme do planeta, inclui, savanas, pradarias, cerrados e tundras. Suporta os mamíferos maiores, aves migrantes, animais domesticados e as colheitas. Todos os grãos de consumo humano originam em pastagens. Variedades selvagens destes elementos ajudam que as colheitas fiquem resistentes a ameaças.

Grandes áreas estão sendo convertidas à agricultura ou usadas para desenvolvimento urbano.

80% das terras de pastagens do planeta estão afetadas pelo solo em deteriorização.

A erosão do solo e a desertificação estão reduzindo a capacidade do sistema para suportar animais domésticos.

## **FLORESTAS**

Lar de 2/3 de todas as espécies, as florestas temperam o clima e armazenam água. Sua madeira foi o trampolim para o desenvolvimento econômico. Elas armazenam 40% do carbono terrestre e podem reduzir a acumulação de dióxido de carbono na atmosfera.

Enquanto encolhem os trechos com florestas, os animais desaparecem.

Fogos são estimulados por roçados e mudanças no clima.

Em países em desenvolvimento, o corte de árvores é mais rápido que o crescimento destes.

A maioria das nações industrializada acabou com quase todas suas florestas originais. Florestas úmidas também estão encolhendo rapidamente.

## **O Futuro**

Através da íntima ligação entre os pais e os filhotes flui a continuidade da vida. A corrente de lixo que atravessa até esta ligação sagrada é evidência de uma Terra ferida, com relações desfiguradas. A cultura de consumo permeia todos os pontos cardinais. Desde os recifes banhados pelo sol, até as geadas águas polares, nenhuma criatura, em lugar nenhum, fica separada ou isolada.

Há razões para estar cautelosamente otimistas em relação à salvação da biodiversidade. Se isto acontecer a tempo, depende profundamente de uma mudança a uma nova ética, que veja a humanidade como parte da biosfera e como seu administrador consciencioso; não só como o mestre residente e o maximizador econômico. Esta mudança de coração parece ter começado entre alguns líderes visionários e uma pequena parte do público em geral, embora de forma muito devagar demais.

O sucesso também depende do gerenciamento sustentável do meio ambiente, incluindo a preservação da biodiversidade. Existe a esperança que muito possa ser realizado em um curto período de tempo. Muito do que existe no Planeta pode ser poupado, sem conseqüências que possam aleijar a economia ou a sociedade.

Mais difícil, mas igualmente importante, são a preservação e o uso não destrutivo – em longo prazo – dos fragmentos restantes das antigas florestas, incluindo a selvageria tropical da Ásia, África Central e Latino-América.

Nada disso seria fácil, mas nenhuma grande meta nunca foi fácil de ser atingida. Com certeza que nada pode ser mais importante que assegurar o futuro do resto da vida e assim proteger nossa própria vida.

### **A QUESTÃO ÉTICA**

Mais e mais líderes de ciência e religião agora nos colocam a seguinte pergunta: “Quem somos nós para destruir ou ainda seja só diminuir a biodiversidade e assim a criação?”

Eles nos dizem: *“Olhem mais perto a natureza; cada espécie é uma peça mestra, esquisitamente adaptada ao ambiente particular onde sobreviveu por milhares ou milhões de anos. É parte do mundo – ou do Éden, se você preferir – onde apareceu nossa própria espécie”*.

A devassidão do século 20 liderou a humanidade a um gargalo de superpopulação e diminuição de recursos naturais. A humanidade tem que passar agora por esse gargalo. Para esse fim é importante aceitar o desafio da conservação global – e começar agora mesmo, antes que seja tarde demais. Seremos julgados pela quantidade de biodiversidade que trazermos conosco e da que sobre depois de nós.

## **VAMOS FAZER O QUE?**

Todos sabemos que o planeta está em péssimas condições, mas a maioria das pessoas parece resignada à passividade. Pensam que mudar o rumo requer sacrifícios econômicos e provocariam dura resistência de corporações e consumidores, então, para que se importar ou incomodar? É mais fácil ignorar as nuvens que anunciam a tormenta e esperar que o problema magicamente tome conta de si mesmo.

Esse fatalismo não só é perigoso, mas também totalmente errado. Temos que considerar seriamente o dano que estamos causando e a velocidade com que está ocorrendo. Nada há de inevitável – ainda – no nosso comportamento destrutivo. Podemos reduzir dramaticamente nossa carga sobre o ar, a água e outros sistemas naturais.

Conseguir-lo vai precisar de muito trabalho e antes de começar precisamos entender três fatos sobre a realidade que nos encara.

**PRIMEIRO**, não temos tempo a perder. Enquanto temos feito alguns progressos em algumas áreas, grandes problemas ambientais – como mudança de clima, escassez de água e a extinção de espécies - está piorando mais rápido que nunca antes. Devemos mudar nossa conduta agora mesmo.

**SEGUNDO**, a pobreza é um assunto central do problema. 4 dos 6 bilhões de habitantes enfrentam privações inconcebíveis ao bilhão mais rico. Enquanto crescem em suas demandas por comida e uma vida mais digna – sem deixar de

mencionar carros e DVDs – vai crescer a marca ambiental deixada pela humanidade.

**NOSSO DESAFIO É EVITAR ESTA ESCALADA MASSIVA DE POBREZA,  
SEM ARRUINAR OS SISTEMAS NATURAIS QUE POSSIBILITAM A VIDA.**

TERCEIRO, algumas notícias boas: temos a mão a maioria das tecnologias necessárias para iniciar um novo rumo. Sabemos como usar petróleo, madeira, água e outros recursos de uma forma muito mais eficiente do que fizemos até agora.

Aumentando a eficiência – fazendo mais com menos – nos capacitará para usar menos recursos e produzir menos poluição per cápita. Isto poderia nos permitir ganhar o tempo necessário para implementar energia solar e eólica, células de combustível a base de hidrogênio e outras tecnologias (nem tão) futuristas.

Eficiência não parece ser uma palavra de ordem bastante forte para desencadear uma revolução ambiental. Precisamos readaptar nossas fazendas, fábricas, lojas, casas, escritórios e tudo que tem dentro delas. Mas a transição não vai acontecer por si mesma: muitos interesses enrustidos atrapalham no caminho. Beneficiários do sistema atual vão resistir. O poder do dinheiro deve ser neutralizado e até os direitos humanos dos ativistas ambientais devem ser assegurados.

A história do ambientalismo é a história de pessoas comuns lutando pelas mudanças, enquanto que os governos se-

guem atrás em forma relutante. A continuação da luta é absolutamente necessária, imprescindível, se quisermos salvar nosso planeta de uma morte já anunciada. Todos temos que ser ativistas militantes, querendo ou não querendo.

Precisamos tempo para fazer as mudanças mais profundas que são necessárias para concertar nossa relação com nosso ambiente. Temos que moderar drasticamente nossos apetites e eliminar essa crença curiosa que acha que os humanos são o Centro do Universo.

Nada vai acontecer sem ter os cidadãos todos envolvidos no projeto, que é de interesse comum a todos. Além disso, deve atravessar transversalmente fronteiras políticas, de classe e as nacionais, atraindo a todos no planeta em nome de um valor universal: deixar a nossos descendentes uma Terra onde se possa viver.

## **ECOLOGIA É UM ÓTIMO NEGÓCIO**

O assunto ecológico transcende largamente os estreitos limites que lhe são fixados. As soluções aos problemas ecológicos superam em muito, vão muito além da limitada e (in)conveniente afirmação de que sua superação será fonte dos maiores negócios num futuro já palpável.

Os profanos donos do poder outra vez querem nos enganar com cantos de sereia virtuais. A solução dos problemas ecológicos da atualidade só será negócio para nós humanos terrestres, quando não sejam mais feitos negócios na face da Terra, na forma e estilo que agora estão sendo feitos!

Se imaginarmos poder combater os efeitos do capitalismo total aplicando mais doses de capitalismo, também poderíamos curar enfermos de Aids aplicando-lhes pesadas doses de HIV. Vamos engolir essa também?

Na atualidade todos precisamos de dinheiro para sobreviver. É um fato tão comum e corriqueiro que nem pode ser questionado. Nas cidades não se cavam poços, tem que se pagar a água que é consumida a uma empresa que persegue lucros. Somos dependentes da energia que, além de ser muito cara, produz danos ambientais consideráveis, pela forma que é produzida. A produção de alimentos emprega tecnologias que estão impossibilitando produções futuras. Existe uma incrível produção de artigos imprestáveis, de má e péssima qualidade, que também produz incríveis fortunas para tão poucos, e intermináveis sofrimentos para tantos, além de uma – outra vez “incrível” – devastação ambiental.

Ultrapassamos os limites do racional e nos tornamos algozes de nós mesmos. Ainda parece que temos alguma possibilidade de reverter o processo de degradação, mas é muito difícil enxergar isso, tendo por meio um sistema como aquele que está produzindo tanto estrago físico e espiritual.

Se há necessidade de um messias libertador, é de aquele que nos libere da praga que nos governa, daquela praga amaldiçoada que nos explora, tortura e assassina, que destrói nossos lares para seguir existindo.

Enquanto este messias redentor não apareça ou siga prote-lando sua reaparição anunciada, não podemos nos negar tomar atitudes que defendam a possibilidade de continua-ção da vida nesta nossa Terra. Fazer o jogo dos que hoje os-tentam o poder é atuar em diametral oposição ao legado que nos deixou em sua primeira aparição. É só um detalhe, mas não podemos alegar que não sabemos qual deveria ser uma forma adequada ou correta de atuar.

O que não podemos fazer sem pecar de tolos é usar a pró-pria doença como remédio. Não entendo como poderíamos confiar naqueles que sempre nos enganaram, e digo sem-pre durante toda a história que conhecemos – pelo tanto não me refiro a ninguém em particular, mas a todos, um por um, na cara – quando hoje, outra vez, nos querem a-traiçoar e trucidar com palavrório mole e conversa fiada, somente considerando seus próprios espúrios interesses.

É uma característica deste ignóbil sistema querer transfor-mar o todo existente numa forma de gerar lucros, de fazer dinheiro, de acumular em mãos de poucos o produto de muitas mãos (e hoje também das máquinas).

A finalidade do Estado – e dos estadistas – não é mais (se alguma vez o foi) servir o povo ou velar pelo bem-estar do povo, mas só existe para defender os especuladores. Sem ir

muito longe nem aprofundar demais, existe e é praticado hoje o conceito que a ajuda social aos necessitados tem que gerar lucro. Se o ato de ajuda a um necessitado não produz um ganho, este ato não é praticado. É a prova mais simples e clara que o sistema é totalmente herético, fora de qualquer contexto aceito por qualquer religião que possa ser considerada aceitável pelos humanos.

Isto corresponde à realidade do momento que estamos vivenciando e ainda não foi assimilado pela população carente. Digo carente, especialmente, de conhecimento e informação, além das necessidades materiais que estão passando. É o que vem sendo afirmado e assinado nos contratos e acordos efetuados nas numerosas reuniões que realizam os líderes dos governos mais poderosos constituídos na atualidade. Chamam isso de terceira via ou liberalismo social.

Assim como tiram lucro da miséria, também querem tirar lucro da destruição da Terra. Lucro ao destruir, lucro ao reconstituir; lucro produzindo miséria e lucro na ajuda aos miseráveis. Não falta quem tente calcular quanto a humanidade e o planeta podem ainda resistir esta forma de tratamento. Os prazos resultantes são bem curtos, aterrorizantemente curtos, e nem mais são contestados pelo próprio sistema que, para variar, quer tirar vantagem desta situação.

É ali que reside a grande novidade: finalmente tem se chegado a um consenso – nas mais altas esferas - sobre a gravidade da situação e a necessidade prioritária de adotar

uma série de medidas que possam evitar o cataclismo (para seguir tirando lucros por mais um tempinho). No que existem divergências, há controvérsias, é na forma que deve acompanhar estes ajustes e mudanças.

Os líderes do desajuste global acenam com a possibilidade de excelentes negócios com grandes lucros. Para quem? Bom, só para os que possuam doses massivas de capital. Como engodo adoçante, quer se transmitir à massa social falida a ilusão da abertura de múltiplas frentes de trabalho. Vai sobrar trabalho para todos na reconstrução do Planeta. O pior é que podem até ter razão. É péssimo sinal para as projeções possíveis.

Deveríamos nos perguntar – e pedir provas confiáveis – se realmente as medidas previstas irão mesmo garantir uma vida no mínimo decente aos mais de 4 bilhões de marginalizados que hoje mal sobrevivem, mais dois ou quatro bilhões previstos para muito logo se somarem a esta quantidade. É muito emprego a ser criado. Muita destruição para ser concertada...

Será mesmo que alguém tenha a extrema cara de pau de afirmar que isso é possível no capitalismo total? Se o único fim da jogada é enriquecer mais a quem já tem demais e a única forma aplicada é explorar a pobreza dos mais necessitados, que se pode esperar? Pobre não faz negócios nesse nível e só serve de mão de obra barata ou carne de canhão. O resto é balela.

Com a corrupção característica desse sistema e inerente a ele, também nada pode nos garantir que os esforços e os recursos destinados sejam empregados para os fins propostos. Negócios capitalistas são – sempre foram e sempre serão – negócios sujos, como suja é a politicagem que praticam seus cultores. Não há nem haverá conjunto de leis ou regulações que resista essa cambada de predadores, pois qualquer restrição a sua ação nada significa para quem tem como meta a acumulação de dinheiro, de bens materiais, e o gozo de prazeres que são negados aos outros; mais o poder para manter a situação.

E mais, se esta proposta provém dos líderes governamentais das maiores potências, as mesmas que nos mantém nesta condição infame e infernal, então devíamos multiplicar nossos cuidados e nossa desconfiança. O interesse dos negócios sempre foi deles e para nós nunca sobrou muito mais que a casca das batatas, ou o lixo e a sucata em geral; isso, quando deixam algum sobranço diferente da poluição e destruição de tudo e qualquer coisa.

É mesmo inacreditável que de repente as coisas vão mudar porque está em jogo a sobrevivência do planeta e da humanidade. Se mesmo no anúncio desta nova idade de ouro dos negócios está incluído um protelamento dos atos mais urgentes considerados pelos especialistas como, por exemplo, a assinatura de um pacto de proteção à biosfera.

Já que agora estamos de acordo sobre as características do problema, se já podemos apontar as medidas que irremediavelmente teremos que tomar, o racional seria que come-

cegos imediatamente, numa escala mundial. Mas não, isso prejudicaria as finanças dos que se acreditam donos e senhores da humanidade, e eu sou perigoso por ousar me expressar desta maneira.

## **BIOVIDA**

Nossos moldes e sistemas de pensamento não são adequados para observar o desconhecido. É ignorância acreditar que vida inteligente só pode existir em âmbitos que possuam oxigênio e água. Num universo tão vasto e diversificado, pelo contrário, fica extremamente difícil imaginar que nossa forma de existência humana, desenvolvida neste Planeta de características tão próprias e aparentemente únicas, seja a única e exclusiva forma capaz de gerir um raciocínio (relativamente) inteligente.

Antes de nos considerar os únicos e procurar por similares, a lei de probabilidades nos convida a procurar formas não assemelhadas, mas diferentes em tudo, desde a própria composição físico-química e o âmbito de sobrevivência dos prováveis seres mais ou menos inteligentes que provavelmente existem na totalidade da criação.

A crença de ser o único modelo viável é tão primitiva como aquele que considerava a Terra como Centro do Universo. A vida pode e deve ter várias ou muitas outras formas de se expressar, num Todo que nos mostra uma praticamente infinita gama de variações, por nós perceptíveis ou não. Considerar tudo isso aí como matéria morta é um profundo erro de apreciação de nossos tais cientificistas.

Muitos dos processos naturais que acontecem em nosso Planeta poderiam ser bem melhor entendidos e assimilados se considerássemos nosso habitat planetário como um “*algo vivo*”. O raciocínio que este ponto de vista produz, permite uma forma de mentação que nos faria tomar um cuidado bem maior com o nosso meio ambiente e nos daria uma forma melhor (poderíamos até afirmar “*superior*”) de sobrevivência. Mas nosso jeito de pensar e atuar atual faz que consideremos até o orgânico como matéria morta. A verdade é que somos nós quem o está matando.

Se é assim aqui na Terra, nossa visão do resto do Universo segue os mesmos padrões: nada existe se não for similar a nós; o resto só é coisa sem vida e, por extensão, incapaz de produzir entes/seres com a mais remota capacidade intelectual ou emocional. Até agora só alguns cientistas admitem a possibilidade da existência de algumas formas de vida extremamente simples e primitivas, em alguns corpos físicos que observamos no firmamento. A ciência e a religião oficiais não admitem mais do que isso. Mas, também, na fração de nossa história humana mal conhecida, passamos por numerosas etapas onde as ciências oficiais – contemporâneas de diversas civilizações e até da nossa atual –, afir-

maram como verdade incorruptível coisas que hoje estão comprovadamente erradas.

Pelo lado contrário, também hoje podemos resgatar conhecimentos de procedência imemorial, que se comprovam absolutamente certos.

Um ponto que é preciso lembrar e sempre ter presente, é que somos uma espécie em estado de evolução – por mais que o momento pareça de involução. Nossos conhecimentos não são totais e ainda existem profundas controvérsias sobre os assuntos mais elementares de nossa existência. Não sabemos, em absoluto, de onde viemos nem como chegamos ao estado atual, além de uma estreitíssima faixa temporal, que se reduz a uns poucos milhares de anos. Ainda assim, o pouco que conhecemos deste período está recheado de lacunas, especulações e de caprichosas interpretações, que variam de acordo com o bel-prazer dos autores ou de acordo com a época, seus pressupostos, crenças, ideologias e limitados conhecimentos.

Tudo isso sempre sofreu modificações durante nossa história. É o que sabemos, e também sabemos que não chegamos ainda a ter uma resposta final, clara e indiscutível, às perguntas mais essenciais sobre nossa existência e o âmbito que nos rodeia individual e coletivamente.

É com essa bagagem miserável que nos enxergamos como a única forma de vida inteligente possível no Universo inteiro! Alguém deve estar rindo lá fora...

Está bem, até tem alguns que admitem certa possibilidade que as condições existentes aqui, neste Planeta, tenham podido se reproduzir em alguns outros pontos do Universo que podemos captar. Haveria então a possibilidade que existam, em algum lugar, seres mais ou menos similares a nós, em estados mais ou menos evolucionados que nós.

Tudo bem, convenhamos que isso possa ser real. Mas o que se discute é que se considere essa a única forma de “inteligência” (e bota aspas nisso) possível no Universo inteiro. Tomando em conta nossas limitações e imperfeições, é bem pouco, muito pouco demais, ante a grandiosidade da Existência, que tão só parcialmente nos é dado enxergar.

Não quero entrar aqui no terreno da religião para ilustrar exemplos, ainda que haja quem declare que no Universo existem 99.999 anjos por cada humano que existiu, existe e existirá; venha essa afirmação de um papa empossado por uma seita cristã ou por quem quer que seja. Só com essa comprovação já teríamos uma apreciável quantidade – trilhões, quatrilhões – de seres inteligentes no espaço, que existiriam sem reunir as características físicas nossas, nem teriam as necessidades materiais que nós temos. Só deste ponto de vista, um cristão militante, cientista ou não, cometeria profunda blasfêmia se não concordar com a teoria exposta. (Isso sem entrar em detalhes, desconsiderando entidades maiores e menores na cosmogonia religiosa cristã e de outras religiões).

Mas não é em afirmações dessa natureza que nos queremos apoiar, como também não é em elucubrações dos es-

critores de ciência-ficção, que afinal produzem suas histórias com o fim de lucro, de ganhar dinheiro. Enquanto mais louca a bolação, maior o êxito do tal ficcionista.

Sem dúvida que em esse campo encontramos farto material para especulações e, se soubermos usá-lo devidamente, poderíamos construir belas teorias que respaldem nossa linha de pensamento. Mas também não é esse o caminho que interessa.

No fundo, na verdade, de nada dispomos para provar o que expomos, além do reconhecimento de nossa ignorância e das limitações de percepção próprias de nossa natureza humana. Ademais, no pior dos casos, nossa arrogância está nos levando a um perceptível limite, além do qual nossa sobrevivência não será mais possível.

Esta ameaça paira sobre nós e não é fruto de especulações provenientes de crenças ou ficcionistas. Hoje até a prostituída ciência oficial admite abertamente essa hipótese. Sabemos que a autodestruição está acontecendo em ritmo acelerado, mas, o que fazemos? Gastamos os mais preciosos recursos em procurar lugares no espaço, para onde poderíamos mudar alguns exemplares terrestres, para que estes sobrevivam à destruição.

Isso é próprio de seres inteligentes? Mais parece uma terrível forma de escapismo, que quer contornar o problema local sem enfrentá-lo diretamente, como seria apropriado, no seu local de origem.

Parecemos-nos, nisso, com a cultura Maya, que construiu grandiosos monumentos, dia a dia, ano a ano, durante séculos, numa seqüência e num ritmo precisos, preestabelecidos por seus sábios e sacerdotes. Mediam o tempo com uma exatidão extrema, realizando suas obras portentosas esperando um acontecimento anunciado há séculos para um momento dado. Quando o fato não aconteceu, a civilização desvaneceu, apesar de todo aquele imenso investimento e dos sacrifícios do povo.

Nossa corrida espacial vai pelo mesmo caminho. Estamos esperando achar algo que não está ao nosso alcance. Estamos gastando recursos enormes para alimentar especulações, sem considerar a destruição de nosso habitat e o sofrimento dos seres vivos, ditos inteligentes – ou capazes de empregar certo grau de inteligência – que povoam nosso próprio Planeta.

Ou seja, há gente que não se importa com a destruição do Planeta ou com a morte de bilhões de pessoas que poderíamos chamar de inocentes, se puderem se salvar um punhado de exemplares num mundo qualquer, fora deste. E nós somos chamados a apoiar tal tremenda imbecilidade?!

Ou qual é a finalidade última de nossa expedição sideral? Será só para aumentar nosso conhecimento do universo, como alegam pretensiosamente? É claro que todo conhecimento que nossa espécie possa chegar a adquirir é de grande valor para nós. Não queremos que isso seja posto em dúvida, de maneira alguma. O que se cogita, neste exato momento tão crucial para a humanidade, é o valor do in-

vestimento realizado para adquirir tal conhecimento e suas conseqüências ambientais e humanas. A relação entre investimento e retorno parece bastante desequilibrada.

Chegamos a ultrapassar as fronteiras do absurdo se formos comparar os miseráveis recursos que investimos em conhecer melhor nós mesmos, nossa história ou nossa própria casa. Mais absurdo ainda se torna tudo isso se confrontamos a realidade de que a maior fatia dos recursos se empregam em programas que tem fins explícitos de destruição belicosa. Ou não queremos enxergar que nosso sofrimento atual se deve a que estamos produzindo aquilo que pretende nos destruir definitivamente?

A relação entre a “conquista do espaço” e as atividades bélicas e de conquista terrestre é impossível negar.

**OS RECURSOS MATERIAIS, ENERGÉTICOS, HUMANOS  
CONSUMIDOS PELO APARATO MILITAR TERRESTRE E SUAS ATIVIDADES,  
SUPERAM POR MUITO  
A SOMA DE TODAS AS OUTRAS ATIVIDADES HUMANAS**

**SERÁ MESMO QUE ISSO É PRÓPRIO  
DE UMA ESPÉCIE QUE ACREDITA SER INTELIGENTE?**

É isso o que queremos exportar ao espaço?

Mais parece o alastramento de uma doença que produziria efeito similar ao câncer que conhecemos de nossos próprios corpos físicos. Se existir outros seres no universo, pa-

rece fora de toda dúvida que seríamos combatidos até a eliminação de todo vestígio de nossa existência.

Para os efeitos, tanto faz que nossos eliminadores sejam de carne e osso como nós, sejam construídos de minérios diversos, sejam gasosos ou de um jeito qualquer que não possamos detectar com nosso primitivo instrumental disponível.

Do jeito que vamos, pelo que estamos fazendo e mostrando, é muito, mas muitíssimo pouco, o que nos pode fazer acreditar que sejamos um exemplo a seguir no universo. Esse universo terrícola-centrado é mais um mito imbecil de nossa existência e deve prontamente ser derrubado. Mas somos nós mesmos que devemos reconhecer o fato. Não podemos esperar que venha “alguém de fora” para nos esclarecer o que nem uma de nossas religiões explica.

Aliás, nesta situação estarrecedora que estamos atravessando, até a volta de um pretendido Cristo perde significado. O panorama que nos apresenta o futuro bastante imediato é mais terrível do que nos foi profetizado nos sonhos apocalípticos de alguns ditos profetas. Neles, pelo menos, se expressa uma esperança ou promessa de salvação para uma parte, dita “boa”, da humanidade.

O que hoje é aceito como verdadeiro, é a possibilidade certa da destruição total de absolutamente toda forma de vida no Planeta e até do próprio Planeta. Isso é fato científico e há, no momento, graves cientistas oficialmente preocupados com o assunto.

Nesse nível, os mais fanáticos crentes seguem confiando na volta de um certo personagem que deverá colocar ordem nas coisas e nas pessoas, eliminando tudo o que não presta e preservando o que seja apto para continuar a evolução. Estão na mesma posição que os antigos Mayas; só que estes tinham data marcada e, quando o fenômeno não se produziu, puderam abandonar tudo. A diferença é que nós poderemos nos achar na situação que nada poderemos abandonar, porque tudo estará destruído e nem nós mesmos existiremos mais. Não poderemos nos perguntar, como se perguntaram os Mayas e outros povos que tiveram crenças similares:

POR QUE OS DEUSES NÃO VOLTARAM?

OU NÃO PODERIA SER QUE SIM VOLTARAM?

Pode ser que voltaram e compreenderam que o experimento não deu certo, que para esta forma de vida não havia chance no universo, que éramos (somos) indesejáveis na criação. Então, ou deixaram de nos ajudar, apoiar e aconselhar (porque não faz mais sentido, porque seria tempo e energia perdidos); ou estão nos fornecendo elementos que aceleram nossa destruição, para que deixemos de encher o saco deles. Pelo que parece, está tudo primorosamente preparado para um espetacular holocausto, muito maior que a pior e mais temida predição bíblica: o tenebroso fim dos tempos.

Piadinhas de lado e tentando adotar a postura de um pseudo-cientista relativamente sério, seguindo uma linha de mentação apoiada no que é observável, mensurável, catalogável, comprovável e qualquer outro “ável” necessário para complementar e arredondar uma colocação que possa ser, se não aceita, pelo menos considerada por meus eruditos pró-colegas, chega a parecer que só um verdadeiro milagre pode nos salvar do desastre iminente.

Olhando friamente, a coisa parece simples. Simples até demais. Podemos entender o problema sem precisar sobrepassar a capacidade média de um humano qualquer. Deixando de lado consciência emocionada e/ou interesses criados (rabo preso), também, sem maiores exigências intelectuais nem capacidades especiais, podemos achar, entender e aplicar as soluções que resolveriam o grande problema.

A coisa não é tão complicada nem tão difícil como se poderia estar pensando. Sem querer blasfemar e muito pelo contrário, não precisamos um deus para resolver o assunto. Tanto menos de muitos deuses, nem de ressuscitados, nem de super-heróis antigos ou modernos, nem de gênios superdotados, nem de extraterrestres de qualquer tipo ou feitio.

Precisamos apenas de seres humanos comuns, com conhecimentos hoje ao alcance e passíveis da compreensão de qualquer um. Nem muito mais do que isso. Mas nesse “nem muito mais” é que parece residir o tal milagre mencionado anteriormente, pois seriam necessárias – nesses humanos –

algumas características que parecem escassear em nossa raça. Ao que parece, historicamente, estas características, próprias de seres inteligentes, nunca abundaram em nossos ancestrados, e hoje, aparentemente mais do que nunca (como lugar comum idiomático) são extremamente difíceis de se achar.

Se observarmos detidamente os retalhos que dispomos de nossa história, há certas características que, de certo modo, qualificavam de “superiores” àqueles humanos que as possuíam. São essas coisas que diferenciam, no entendimento popular, os “bons” dos “maus”, os guias dos guiados, os filósofos, os sábios, os justos, aqueles cujos ensinamentos e cuja lembrança não se perdem através dos tempos, daqueles cuja existência se dissolveu em nada e coisa nenhuma, almas absorvidas pela Lua.

O que os mestres nos legaram foram ensinações muito simples, aplicáveis no dia a dia mais comum do mais simples mortal; preceitos básicos que mostram formas e caminhos para a eterna preservação da espécie, em paz, com saúde e alegria.

Não somos nós agora que descobrimos isso. É um assunto que vem sendo tratado há milhares de anos e por muita gente. Muitos desses homens e dessas mulheres, tão humanos como nós mesmos, manifestaram-se em uma forma mística; outros nem tanto; outros, pretensiosamente ateus, também não diferiram nas suas apreciações. Aliás, os que trilharam a senda mística pertenceram a dezenas ou cente-

nas de credos diferentes. A resposta que precisamos não jorrou só de uma fonte.

Com todo esse respaldo ancestral, ainda estamos precisando de um milagre para nos salvar?

Se tantos, e algum destes bastante poderosos, tão pouco alcançaram, que pode nos ajudar?

Uma espécie de Chapolin?

Alguém que venha (ou volte) de além das estrelas do céu?

Ou não seria mais correto pensar e acreditar firmemente que nós mesmos somos capazes de botar a mão na massa e agir da maneira correta, com fé em nós e em nossa própria capacidade de reverter uma situação imbecil, caótica, destrutiva e imprópria do que pensamos e acreditamos que somos?

O milagre seria, afinal de contas, somente esse: que nós, como espécie e individualmente, reconheçamos e aceitemos a realidade da situação tal como é e tomemos as medidas pertinentes para nos desviar do destino que se delineia agora no nosso futuro.

Milagre é entendido como um acontecimento, um fato que se produz, mas está fora da capacidade humana a sua realização. Seria um milagre que parássemos para pensar, para examinar – sem juízos prévios – o que está acontecendo?

Isso é algo bastante difícil de acontecer, se não for através de uma ação induzida. Podia-se compreender, até um século atrás, a necessidade de uma intervenção divina para levar uma mensagem ao povo. Hoje “a mídia” esbanja tecnologia e pode veicular qualquer tipo de mensagem, a qualquer canto do Planeta. Se coordenada, pode alcançar a quase absoluta totalidade da população global.

Mas esta mídia considera mais rendoso irradiar as pendas e fofocas dos politiqueiros de plantão, as desgraças que assolam a sociedade e as bostas que chamam de cultura e lazer: novelas, shows e filmes com altos conteúdos de erotismo e violência.

Milagre seria que todo este aparato, que nós sustentamos com nossa pobreza e sofrimento, fosse empregado em ações que contribuam efetivamente à salvação da humanidade. Deve ser mais do que óbvio, no contexto do que está escrito, que não se fala aqui da salvação pregada por padres ou pastores naqueles programas que levam multidões a fugir da realidade consciente de suas próprias vidas. Ali não se encontra salvação, mas enganação que alimenta um dos maiores negócios de todos os tempos, além de constituir uma salvaguarda à preservação do sistema infame que nos oprime. Aí a realidade e a verdade não têm cabimento por razões estritamente econômicas e de poder político.

Na mídia, as crenças religiosas encontram sua mais poderosa ferramenta de manipulação social. Se isso ainda fosse usado em real benefício da humanidade – quiçá, de certo modo – poderia ser aceitável. Mas temos observado, du-

rante alguns poucos milhares de anos que, hoje como antes, a religião hegemônica mais desvia que indica o caminho certo aos humanos. Um verdadeiro sentido religioso hoje já não é mais encontrado.

A incentivação das pessoas para a procura da religião se apóia em preceitos individualistas, relacionados essencialmente com alcançar poder e glória terrenos, além de prosperidade material. O crescimento deste individualismo materialista – incentivado pelas seitas cristãs – gera a degradação das experiências religiosas, influenciando na corrupção das relações sociais. Isso inclui a eliminação das comunidades e um muito óbvio enfraquecimento político do povo.

A entrega do indivíduo ao seio aparentemente protetor da igreja gera uma sensação de segurança que é totalmente falsa, pois provoca um aumento sensível de riscos. Não está balizado em condições objetivas, mas em grosseiros desejos individuais que não conhecem limites no caminho para sua realização.

Então, a mídia, da qual tanto precisamos, não está disponível para ser usada objetivamente com fins de salvar a humanidade do cataclismo final. É contraditório, pois a mídia também não vai sobreviver sozinha, ou por si mesma. Mas, por enquanto, está realizando suculentos negócios, está em mãos capitalistas, ao serviço de pseudo-religiosos, especuladores e politiqueiros. Não interessa se a corrupção e a criminalidade branca nos leve ao caos e à destruição. Interessa que está fazendo dinheiro.

Tentar viabilizar uma campanha planetária, destinada a todos os habitantes (como seria correto), esclarecendo sobre o que está a ponto de acontecer, explicando causas e razões, propondo e discutindo soluções e alternativas, por um lado não seria interessante para os veiculadores. Provavelmente destruiria sua própria base de sustentação. Por outro lado, os valores exigidos para o financiamento de tal campanha, que praticamente implicaria uma revolução psicossocial e cultural, seriam tão altos que a tornariam financeiramente impossível de ser realizada. O que existe se move com base no dinheiro e no lucro, nada se faz de graça, nem salvar o Planeta e a Humanidade.

Não acho exagero pensar assim, dessa forma. Os interesses envolvidos na questão são muito extremamente fortes e não se divisa brecha na monolítica construção do sistema hoje hegemônico. Não se divisa a existência de uma alternativa que tenha real poder de contestação. Nem a religião cumpre o rol que teoricamente deveria ter num caso como o exposto.

O triste do caso é que provavelmente a única mídia que nos alerte sobre o fracasso de nossa tentativa vital, sejam as míticas trombetas do juízo final. Mas então não teremos tempo para cair em conta de quão estúpidos fomos, nem poderemos emendar nenhuma das coisas que fizemos errado, assim como hoje ainda é possível.

Que é um final muito triste, sem lugar para a esperança?

Nada disso! É merecido mesmo, sem dúvida alguma. É muita pretensão demais fazer o que estamos fazendo, tanto com o nosso Planeta e com nossos congêneres humanos, e sair por ali no espaço sideral pretendendo ser os redentores do universo, filhos escolhidos do pai criador de tudo.

Por esse lado é melhor que sejamos o único produto igual a nós no universo inteiro, que não se encontre semelhante a nós em lugar nenhum e que no nunca mais absoluto exista a mais remota possibilidade que um homo-sapiens possa chegar a existir.

Se não formos capazes, com nosso próprio alvedrio e a nossa capacidade, de reverter o quadro que estamos traçando, então não temos lugar nenhum para nós no universo. Dignos seremos do mais absoluto esquecimento ou, no máximo, do exemplo – para outras formas de vida – do que há de pior, do mais abjeto, do que nunca, nada e ninguém deve almejar ser.

## **A TRAVA RELIGIOSA**

Mas voltemos para reexaminar um entravamento que observamos superficialmente em páginas anteriores.

Temos que entrar nos campos da mitologia, da pré-história, e examinar o que nos transmitem povos muito antigos, em forma similar, ainda que muito afastados e sem comunicação entre si.

É estranhamente recorrente a lembrança, transmitida oralmente por centenas e até milhares de gerações de pessoas que apareceram em povos primitivos e transmitiram certos conhecimentos. Segundo o lugar geográfico, o estranho ou estrangeiro vinha de além do mar, do outro lado da montanha, de além do deserto; umas vezes vinha a pé, outras de barco ou até voando em veículos esquisitos. Às vezes nascia de uma virgem – fenômeno do qual seu Jesus não é o único protagonista – como, por exemplo, nos contam os índios do Amazonas de seu próprio compilador e ordenador das leis tribais.

Os povos que preservaram o fato na sua memória nos contam que estes seres lhes haviam ensinado a desenvolver atividades básicas que colocaram os fundamentos necessários para o começo da evolução de suas respectivas civilizações. Isto é, ensinaram o uso do fogo, a agricultura, a criação de animais, a realizar construções diversas, como usar minerais, produzir e utilizar medicina, falar, escrever, cantar, dançar e muitas outras coisas que poderíamos catalogar como técnicas evolutivas de sobrevivência.

Mas também estes seres, que eram humanos ou – pelo menos, de aparência humana –, ensinaram assuntos sobre o céu, as estrelas, a escrita e, principalmente, lhes ofereceram um código ético em forma de leis. Como curiosidade, chega a ser contado um caso onde o recém-chegado foi mandado embora, pois exigia que o grupo social contatado deixasse de cometer sacrifícios humanos e eles não concordaram.

O estranho não é que estes fatos possam ter realmente acontecido. O que poderia ser mais estranho é que histórias similares são relatadas por muitos povos nos mais diversos lugares do globo terrestre. Uma característica comum a todas estas histórias míticas chama a atenção: os personagens permaneceram por certo tempo, transmitiram conhecimento e foram embora “prometendo voltar”.

Nossa história oficial também não deixou de registrar casos como este. O de maior ressonância aconteceu há pouco mais de 2000 anos solares e suas minúcias são relatadas num volumoso livro considerado sagrado por consideráveis parcelas da população atualmente viva. Fora daquele livro básico, existe a maior e mais extensa literatura que qualquer outro tema possa ter produzido na história de todos os tempos. Poder-se-ia dizer (ou pensar) que de tantos comentários e de tantas interpretações hoje ninguém entende mais nada. Ou como dizia Lao-Tsê: Enquanto mais regulamentos para colocar ordem, maior é a desordem. (Pedindo desculpas pela digressão, um belo exemplo achamos em nosso Brasil).

Mas nada do anterior é relevante. O que é comprovadamente real é que o personagem em questão prometeu voltar para colocar ordem na casa e já se passaram mais de dois mil anos (isso não é pouco!), nos quais se praticaram as maiores aberrações – seja em nome de nosso personagem ou não – mas o homem ainda não voltou. A cada tanto tempo aparece alguém anunciando dia e hora de sua aparição, mas não tem data marcada em lugar algum.

Nosso tipo de mentação não evoluiu nada, se comparado com nossos ancestrais que consideravam aqueles homens como enviados de deuses, ou como deuses mesmo, propriamente tais. Não sabemos ao certo se eles próprios se declaravam tal coisa, ou se foi um adendo posterior, realizado pelos povos visitados. Daquele que nos referimos em particular, sim sabemos que a designação de “filho de deus” não foi um título que lhe foi imposto posteriormente pela credence popular. Foi ele mesmo que assumiu e assim se manifestou, segundo o que comentam.

Mas também, se formos conseqüentes, observamos que ele não foi o único a ser reverenciado como tal. Não faltam outras religiões, ou grupos dentro destas, que tenham as mesmas – ou similares – características messiânicas e disputam a primazia de um ou de outro messias. Essa disputa não nos interessa e a deixamos de lado.

Dependendo outra vez de alguns enfoques diferentes sobre diversas personalidades que existiram em tempos históricos, com alguma boa vontade pode ser reconhecida uma completa galeria de cristos em potencial. Só que não foram aclamados como tal, oportunamente.

Mas, o fato que encerra os casos expostos, comum a todos os relatos, é que não ficou registro de um só que tenha voltado.

Isso deveria ser motivo de preocupação ou, pelo menos, de profunda meditação. Vieram, ensinaram, fizeram coisas novas e diferentes, podiam ser deuses ou filhos de deuses, an-

tes de ir embora disseram que iam voltar, mas nunca mais voltaram.

Se houvesse um só que tivesse voltado, sem dúvida que a humanidade não o teria esquecido, como não esqueceu suas vindas ou aparecimentos. Dificilmente poderíamos imaginar um fato mais sensacional no acontecer humano. Mas não existe nenhum tipo de registro que testemunhe tal acontecimento, em nenhuma nação, povo ou cultura do Planeta.

ISSO NÃO SOA NEM UM POUQUINHO PREOCUPANTE?

Acrescente-se que nenhuma daquelas civilizações sobreviveu. Aliás, tampouco nenhuma outra. E hoje nos encontramos, outra vez, ante um caso que se tornou repetitivo há muitíssimos séculos. O homem-deus disse (será que disse mesmo?) que ia voltar para concertar os desvios e estamos aqui, embasbacados esperando sua volta, e nada somos capazes de fazer por própria iniciativa. Nada mais fazemos que acelerar nossa própria destruição, ao som do canto de sereia de sacerdotes profanos, ignorantes e servidores dos poderosos, ricos, exploradores e corruptos; membros de uma igreja que há mais de mil e quinhentos anos vem cometendo as maiores atrocidades concebíveis, matando, mutilando e calando, torturando e aniquilando corpos e consciências em nome do que deveria ser o mais sagrado de tudo: a vida.

**SERÁ QUE OS DEUSES REALMENTE NOS ABANDONARAM,  
OU SERÁ QUE NÓS OS ABANDONAMOS,  
DESTRUÍMOS OU ESTAMOS IMPEDINDO SUA VOLTA?**

SERÁ QUE EXISTEM OU EXISTIRAM MESMO?

OS DEUSES SÃO MORTAIS?

Se somente tomarmos como referência o cristo hoje mais conhecido e aceito, profeta do deus único e onipotente, sua volta teria sido justificada mais vezes que os dias que somam os quase dois mil anos de sua visita à casa do pai.

Vai voltar agora, logo mais quando tudo esteja agonizante, quase que totalmente destruído pela cobiça, a falta de consideração e de respeito, a luxúria, o espírito de lucro e ganho, a exploração sem limite, e com a cumplicidade abjeta da própria igreja cuja existência se deve à primeira vinda dele?

Vai vir agora e salvar o que?

A salvar os padres cantores que vendem CDs aos milhões?

Aos párocos que arrecadam oferendas para engrossar o tesouro do Vaticano?

Aos pastores que berram suas ignorâncias pelos altofalantes de sórdidas igrejas?

A lista poderia ser longa e é nojenta, mas, afinal, há ainda o que salvar, a quem salvar? Há, existe, encontra-se sequer alguém por aí, um punhado que for, de pessoas que possam dizer: EU SOU DIGNO DE SER SALVO POR UM DEUS!?! Isso, nos padrões salvacionistas hoje socialmente aceitos.

Convenhamos: é muito difícil, e pior: onde é mais difícil de achar é dentro de uma igreja qualquer.

Agora, se formos conseqüentes com o certo grau de inteligência humana que certamente deveríamos possuir; se deixarmos de lado as considerações que nos mantêm inativos, surdos cegos e mudos frente ao problema; se nos aplicarmos a achar e aplicar soluções objetivas aos problemas que nos atormentam e ameaçam; então sim que apareceria uma chance de salvação.

Com uma mudança de atitude, agarramos uma chance em dose dupla. Por um lado, se formos conseqüentes na preservação de nosso habitat, se reformularmos a estrutura social-econômica-política-religiosa, se mudarmos o comportamento belicoso entre nós, tornando-nos mais cooperadores e solidários e menos agressivos, estaríamos marcando pontos – por assim dizer – nos capacitando para ser considerados entre os eleitos que poderiam gozar da vida como é profetizado nas escrituras consideradas sagradas. Chegado dia e hora tão esperado como temido, poderiam desfilar ante o senhor com a consciência tranqüila e a certeza da salvação.

Desse modo, agora, se o esperado retorno não se produzir – ou, caso aplicado aos que não concordem com esta específica expressão religiosa –, estaríamos todos contribuindo à construção de um mundo belo e confortável, com sustentabilidade assegurada para abrigar incontáveis gerações vindouras. Estaríamos criando as condições para esperar

em paz por quem quer que seja e pelo tempo que seja preciso, sem stress; ou de encarar a vida como ela é, sem precisar esperar por ninguém.

Se chegarmos nesse ponto, renovados em nossa existência, aí sim que poderíamos cogitar alguma comunicação, algum tipo de contato com outros seres que possam existir no universo, sem a desconfiança que queiram nos destruir por indesejáveis. Mas para chegar a isso deverá ainda passar muito tempo, mas muito tempo mesmo.

O que neste momento está claríssimo é que nada poderíamos conseguir se seguirmos atuando da forma como fazemos agora. Nossa presença no universo está com os dias contados se prosseguirmos do jeito que vamos. Então toda conversa religiosa nesses padrões é totalmente inócua, inservível, imprestável.

A participação da igreja cristã, com suas formas sutis, é detectada na destruição ecológica e no caos social, por todo lado.

Não importando adesão do indivíduo a qualquer uma das centenas de seitas existentes, a atitude produzida pela mensagem é padrão em todos os casos. As pessoas desenvolvem uma doença psíquica que os impede ouvir ou enxergar, os incapacita para a mais simples troca de idéias, os paralisa para qualquer iniciativa que envolva mudanças mais radicais ou profundas, lhes limita o pensamento criati-

vo além das possibilidades mais simples, básicas e primitivas.

Também desenvolve um fanatismo exagerado, que não admite nenhum tipo de contestação. Isto pode chegar a produzir atitudes de extrema violência, que freqüentemente evoluem do verbal ao físico. Simples homens, transformados em representantes dos deuses, se transformam em juizes divinos pela sua própria vontade e decisão. O pior é que nestes casos os escritos dos livros que reverenciam são manipulados e acomodados segundo necessidade dos juizes de plantão. O material disponível é farto e é muito fácil achar referências que, fora de contexto, possam ser aplicadas a qualquer caso ou assunto.

Os crentes dissentem do papa vaticanês, mas cada pastor se erige a si mesmo num pequeno papa frente a sua freguesia. E os desorientados fregueses se curvam ante os alegados eleitos representantes do único deus que consideram possível.

Examinemos a coisa desde outro ponto de vista. Não me sai da cabeça, desde criança, aquela afirmação proveniente de fontes religiosas de que deus está em todo e em todas as coisas. Isto inclui absolutamente tudo, desde cada partícula do ser que chamamos “eu”, até toda partícula infinitesimal que se encontre desde aqui até os confins deste imenso universo.

Se esta única afirmação fosse tomada a sério pelos religiosos de plantão, seria inconcebível um só ato de destruição. Sendo parte de um deus vivo ou, pelo menos possuída por um deus vivo, o único no qual se acredita, não seria próprio de nós, humanos pseudo-inteligentes, destruímos qualquer coisa, pois estaríamos também destruindo parte do deus reverenciado.

Isso pode parecer drástico e radical, mas também é básico e elementar. Antigamente quando o conhecimento ainda não nos dava a visão cósmica e nuclear que hoje possuímos, a própria Terra era reverenciada como um deus vivo, produtor de vida e do sustento das formas vitais criadas por ela-deusa. O culto da Mãe-Terra se alastrou por mais milênios que toda a história humana por nós hoje conhecida.

É de tão antiga procedência, que se remonta aos tempos quando a mulher ainda não fora domesticada. Livres e orgulhosas de sua liberdade, elas encarnavam a manifestação dos milagres da natureza, reproduzindo seus ciclos e reproduzindo a vida. Nada era feito sem sua aquiescência, tudo elas coordenavam, pois eram as sacerdotisas que guardavam as portas e os segredos do templo da mãe sagrada.

Os homens eram meros espectadores e eram os operários do sistema assim desenvolvido. Tinham suas ocupações e tarefas específicas, e seu rádio de ação era o bastante amplo como para não se sentir escravos. Frequentemente viviam separados, cada um cuidando dos descendentes de seu próprio sexo.

Histórias como essa nos chegam não só de onde o oriente se junta com o ocidente. Em outros lugares do restante dos continentes houve notícias similares. Mas o certo é que em certo ponto as coisas começaram a degenerar, a desandar, a se tornar não harmônicas, onde abusos começaram a ser praticados, excessos cometidos, distorções efetuadas; acordos foram desfeitos, respeitos perdidos.

Perduram até hoje lembranças de sangrentos rituais, onde homens eram sacrificados para o prazer não de uma deusa, mas de uma mulher comum, intitulada de rainha ou coisa similar. O culto muitas vezes milenar à mãe reprodutora de vida degenerou em crenças e práticas de contornos religiosos, passou a perder seu significado primordial e assim também perdeu a força que o sustentava.

Foi nessa época que a mulher foi domesticada pelo homem, se entregando em troca de habitação, alimento e proteção. Eram essas as que foram chamadas de prostitutas e traidoras por aquelas que seguiam livres. Hoje são chamadas de esposas, mais parecendo “*empregadas para todo serviço*”, sem possibilidade de dispor de sua própria vida.

Mas também os homens precisaram de novos deuses para colocar no lugar da mãe serpente que era adorada no fim desse período. Foi assim que no princípio do domínio masculino começaram a ser adorados uma infinidade de divindades diversas. Homens e mulheres se dividiam o governo dos mortais, numa hierarquia e com formas que reproduziam ou espelhavam as atividades dos homens que haviam tomado a direção dos negócios humanos.

Tudo e qualquer coisa foi usado para apagar o culto à mãe suprema (a Terra, a nossa Pachamama americana), aquele ser vivo que cuida de nós, que nos dá água limpa, alimento vegetal e animal, materiais para construir nossos abrigos, pedras belas e minerais úteis. Enfim, tudo ela nos oferta, junto com uma promessa de eternidade.

Então fomos e destruimos isso. Não mais respeitamos aquele ser do qual ainda somos parte e produto e que, por nossa falta de cuidado e respeito, já mal consegue nos sustentar no mínimo indispensável.

A continuação da história antiga nos mostra que essa aglomeração de deuses fantasiosos criados pelos homens em decorrência do levantamento machista, feito com violência, baseado na força bruta, começou a construir as primeiras grandes civilizações conhecidas. As supremacias dos povos eram contestadas e combatidas, as conquistas de agrupamentos vizinhos começaram a se suceder ao mesmo tempo em que surgiram as primeiras cidades recheadas de templos e monumentos. As guerras começaram a se suceder, crescendo em intensidade, trazendo o envolvimento de imensas quantidades de indivíduos militarizados. Surgiu a escravidão do vencido, para complementar os trabalhos que as próprias mulheres não podiam fazer e os prepotentes vencedores se negaram a realizar.

O desrespeito aos costumes antigos trouxe consigo o começo da destruição do nosso Planeta. Este não mais foi considerado como algo sagrado, indispensável e parte de nossa própria existência. Vastas extensões começaram a ser totalmente depredadas e até hoje, milhares de anos

depois, não são mais capazes de reproduzir vegetal algum que sirva para nosso alimento.

Ainda assim, prosseguimos orgulhosos, sem uma piscadinha sobre o ombro para olhar o passado. O que mais chama a atenção é que as destruições feitas e as que agora mesmo ainda prevalecem ou são iniciadas, são efetuadas com duas justificativas principais: lucro econômico ou guerra de conquista. Guerra de destruição do que um pretenso inimigo produz ou precisa, ou a exploração de materiais, recursos naturais finitos, para produção de armamento e toda a parafernália de uso militar. Ou seja, não estamos nem destruindo em nosso próprio benefício! (Como se isso fosse possível.)

## **MAIS SOBRE RELIGIONISMO CRISTÃO**

É mais do que certo que meus comentários sobre aspectos do religionismo prevalecente na atualidade vão parecer ataques diretos a uma religião em particular. Muitos assim o interpretarão e disso não tenho dúvida nenhuma. Na realidade apenas estou expondo o que enxergo desde minha janela e tentando interpretá-lo com os escassos dados que consigo apreender.

Não estou muito melhor que na quarta série do primeiro grau. Duas vezes por semana os alunos eram divididos em dois grupos para aula de religião. Os católicos com um padre e os protestantes com um pastor. Um companheiro não assistia nem uma nem a outra aula, pois diziam que ele era judeu. O assunto ficou ruim para mim a partir da história do Adão e da Eva. Fiquei uns dias matutando e na próxima oportunidade declarei: “Entendi, pastor, os filhos e as filhas casaram-se entre eles”. O escândalo que produziu essa declaração herética acabou com minha expulsão definitiva dessa aula. Mas, até hoje, nenhum religioso conseguiu me esclarecer em forma clara e convincente como é que todos somos descendentes de um único casal. Ou será que por aí a gente cruzou com os macacos?

Pois é, meus problemas com aquela religião só foram aumentando e não diminuíram com o que se conta do filho de um deus. Afinal, eu também seria criado por um deus e posso me considerar filho. Só que deve ser de outro deus, pois o judeu foi filho único.

Se chegar a colocar certas dúvidas em uma possível volta anunciada do personagem em questão, por certo não é porque eu não queira que isto chegue a acontecer. Muitíssimo pelo contrário, chego até a torcer para que a vinda se realize no futuro o mais próximo possível. Ora bolas, nunca na história do Planeta um acontecimento de tal espécie foi mais necessário que agora mesmo.

Veja só a situação atual que atinge absolutamente a todos nós humanos. Só não parece insolúvel para utopistas sonhadores, para visionários que hoje até parecem não ter

mais fundamento na realidade concreta que nos assola. Seria mesmo uma espécie de solução ideal que agora, neste mesmo, preciso e próprio instante, descesse alguém do céu e desse uma geral nesta humanidade destruidora e depravada. Gostaria mesmo, profundamente, assistir o homem voltar envolto no maior espetáculo de luzes e som, dando um show nunca visto e inesquecível por toda a eternidade dos tempos, encarnando o personagem de um sanguinário líder qualquer, eliminando os inimigos da vida, os traidores à humanidade, os corruptos criminosos responsáveis por nossos sofrimentos.

Não vejo isso somente como algo extremamente desejável, mas também altamente prioritário. Nossa meu, venha logo que não está dando mais pra segurar a barra. Ou tá esperando o que? Fazendo a gente de bobo?

Mas também, se fico olhando para aquilo que me é dado enxergar, então me surgem alguns questionamentos que, primeiramente, me fazem duvidar que um senhor, filho daquele que nos manda não matar, chegue convertido num ooJ, autorizado para realizar execuções em massa e nós todos só confiando na infalibilidade do personagem que tem por tarefa assinada matar – isso mesmo: matar e exterminar – vários bilhões de seres humanos.

### **OS DEUSES E SUA FILHARADA NÃO COMETEM PECADOS?**

É um tanto difícil acreditar em uma chacina de tal tamanho, realizada por quem pregou o amor, a justiça, a paz, do modo que dizem que ele fez. Que monstruosa transmutação

não seria necessária para que ele fosse voltar com tanta fúria, sanha, violência!

Alguma coisa deve estar meio mal contada. Desde meu lugar de observação só enxergo aqueles que usam as velhas estórias, duas vezes milenares, em seu próprio benefício, vivendo suas vidas faustosas e luxuriosas muito por cima daqueles que são explorados para permitir esta situação.

Mas é muito chato ficar sempre voltando a apertar a mesma tecla. Já está parecendo idéia-fixa: a distorção da informação, a ignorância da realidade, a privação de informações, e os conseqüentes usos e abusos que estes fatos configuraram no decorrer do tempo. A história chega a ser estapafúrdia, se superficialmente analisada, e não resiste exames mais profundos.

Como primeira condição, se exige do crente isso mesmo: “crença” total, absoluta, sem um só piscar de dúvida, baseada numa espécie de fé totalmente irracional e inquestionável, cegadora de qualquer tipo de observação própria de uma mínima aparência inteligente. O assunto não permite questionamentos, e pronto, é isso aí, sem mais e amém.

O caso é que, enquanto mais se estuda o assunto, mais questionamentos surgem, mais contradições, lacunas e distorções aparecem.

O único que não é posto em dúvida é que houve/existiu, em certo momento histórico, uma pessoa que mais ou menos correspondia às características hoje lembradas. Agora, o fa-

to é que nunca se soube a data exata do nascimento dele e até o lugar atribuído a este acontecimento chega a ser duvidoso por um possível erro de tradução.

Entre estudiosos especialistas, a data real do nascimento é calculada como sendo o 21 de agosto ou o 15 de setembro, do ano 7 antes do começo da era cristã assinalada no calendário gregoriano atualmente em uso oficial. Há também quem garante que foi no mês de abril do século -5 e têm fontes da igreja que afirmam que isto foi em janeiro, logicamente do ano um.

Uma história que hoje é bastante conhecida e nunca foi refutada por fonte alguma, nem pela igreja oficial, nos conta o seguinte:

Já no século 4 da Era Vulgar começou a tomar forma um movimento que reivindicava a adoção de um novo calendário, baseando o começo da contagem no ano do nascimento de Jesus de Nazaré. Monges alegavam que tamanho acontecimento deveria ser perpetuado no conhecimento da humanidade e que não havia, na história, outro momento mais destacado que pudesse simbolizar o início de uma nova era. Rejeitavam a contagem feita pelo calendário Juliano, criado por Júlio César, pois alegavam que era feito por um herege, e que este refletia fatos não cristãos.

Essas e outras alegações acharam boa acolhida no seio da igreja católica, até que, no século 5, o papa decidiu adotar uma nova data que começasse a contagem do tempo. Ele

encomendou a um monge realizar o cálculo que tentasse fixar a data exata de nascimento de Jesus.

Este monge, de nome Dionísio (era chamado “O Breve” por sua baixa estatura), era monge cita (de Citia ou Armênia), que viveu no fim do século 5 até mais ou menos o ano 540. Seus trabalhos fundamentaram, posteriormente, nosso calendário atualmente em uso; mas ele cometeu um erro ao calcular o momento indicado para o início da conta, ou seja, o ano um.

Esse cálculo errado nunca foi remediado. Estudiosos e historiadores divergem se o erro foi de 4, 6 ou 7 anos. A versão melhor fundamentada coloca o início da era cristã no ano -6 (antes de Cristo). Assim, o Século 21 e o Novo Milênio realmente começaram em 1994 e a celebração da passagem do século e milênio beirou o absurdo.

Se a igreja fosse publicamente reconhecer esta realidade indiscutida, tivéssemos nos poupado aquela avalanche de imbecilidade, estupidez e ignorância que acompanhou a tal “virada de milênio” e colocaríamos por terra os imensos negócios feitos pelos exploradores de ocasião, sejam estes em nome da religião ou dos prosaicos mercadores do sistema.

POR QUE ESTE FATO NÃO É DEVIDAMENTE ESCLARECIDO?  
É por salvar nossas almas ou é para proteger os interesses daqueles que de alguma maneira lucraram e/ou se beneficiaram pelo status quo?

Prosseguindo no exame do caso, não menos duvidosas são algumas falas atribuídas a esse homem-filho-dum-deus. Pode parecer loucura ou escândalo para muitos; mas a grande maioria das falas reproduzidas nos sagrados evangelhos mais parecem exprimir as crenças dos primeiros cristãos e interesses teológicos diversos.

Meio esquisito acho a fervente negativa vaticanesa das possíveis viagens de Seu Jesus por alguns outros países. Acho que se estes tivessem sido meramente turísticos, eles o aceitariam. Mas se for afirmado, como é, que ele esteve estudando, aprendendo e bebendo em fontes que não eram de direta inspiração do novo deus único, estas viagens tornam-se inaceitáveis.

Assim porque sim são rejeitadas viagens a Grão Bretanha, junto ao irmão de seu avô, José de Arimatéia; mais as visitas ao Egito, à Índia e ao Tibet. Isto, apesar das evidências existentes. Certo, podemos também colocar estas sob suspeita de autenticidade, mas não rejeitá-las em nome de uma fé que não quer, nem deixa, enxergar absolutamente nada.

Então, o tio-avô José foi e é declarado santo, mas o sobrinho não foi passear com ele, porque seria inaceitável que tivesse compartilhado e intercambiado conhecimento com sacerdotes druidas que (também) valorizavam o amor, a bondade e a comunhão com a natureza. Não pode ser aceitável agora, para um culto totalitário, que seu maior expoente tenha vivido entre pessoas com idéias tão elevadas e puras, como aqueles próprios ideais que ele viera procla-

mar. Isso não. E os druidas e seus cultos foram impiedosamente destruídos.

Existe um período de no mínimo 16 anos que a igreja não pode explicar. Histórias falam de viagens a Alexandria, onde ainda se encontrava a antiga biblioteca – templo de saber e estudo – e a outros pontos do Egito. A igreja não quer, porque não quer, aceitar a autenticidade de uns papíros escritos com dizeres atribuídos só a ele mesmo. Por quê? Abalam a existência do corpo fanático?

Mais documentada é sua possível viagem à Índia e ao Tibet. Até hoje sobreviveram manuscritos que relatam a história todinha, de começo a final. Mas outra vez a igreja não aceita. Prefere deixar um espaço em branco, sem explicação alguma, ainda que este seja igual à metade da vida do personagem.

#### PARA QUE, QUAL A FINALIDADE DESTA NEGAÇÃO?

Por que querer negar a relação entre todas as religiões de nosso planeta, a universalidade dos conhecimentos e dos preceitos e modelos que nos guiam a uma vida pacífica e compartilhada?

É só para consolidar a hegemonia de uma casta sacerdotal que se acha por cima de todo e qualquer conhecimento humano? Afinal, se estes contatos fossem reconhecidos e aceitos, não restaria muita justificção para o confronto. Seria extremamente perigoso, pois homens e mulheres poderiam abrir os olhos, crescer e desenvolver formas superi-

ores de convivência à luz de uma crença verdadeiramente globalizante e até universalista; e assim deixar de contribuir com seus óbolos, dízimos e doações, para que a religião herética seja atualmente a maior indústria (legalizada) da Terra. Simplesmente escandaloso.

Aí é que chegamos a outro ponto crucial. Pelo que chego a enxergar, da atuação do corpo dessa igreja durante toda a sua existência, escassamente posso observar momentos que tenha atuado em pleno acordo com os ensinamentos que pretende transmitir. Isto tira muito da credibilidade da qual deveria gozar.

Não tem jeito, não há como juntar as pontas. Neste momento e no mínimo há uma total desconsideração com a situação do Planeta e a dos humanos que nele nos encontramos. O discurso não corresponde à realidade, a atuação não corresponde à necessidade, a atitude não corresponde à pregação, o esquema não corresponde à finalidade e a reação é imprópria de um ser inteligente, civilizado, consciente e pretensamente superior.

Poderíamos ir longe na escudrinhação desta pretensa religião, que nada mais parece que outra expressão destes tempos caóticos, onde os mais baixos e abjetos atos e sentimentos andam soltos por aí. Nada mais parece que mais um elemento do sistema que nos engana, imbeciliza e explora, com constrangimento e sob ameaças tais que já mais ninguém tem coragem de enfrentar.

Poderíamos considerar (ou também será isto heresia?) que o divino não existe separado do terreno. Se isto fosse real e aceitável, não poderíamos conceber uma religião separada do terreno. Não poderia esta aceitar condições de vida piores que as expectativas criadas para após da morte dos pecadores. O que é no céu, é na Terra. E estaríamos todos tentando construir um mundo onde não existissem, não fossem possíveis as aberrações atuais, que a religião apóia e fomenta descaradamente.

Enfim, mais parece que o pai devia mandar aquele rapaz a fazer a faxina, começando pela própria casa. Não vai pretender conservar aquela organização hierárquica num mundo novo com características e qualidades diferentes, digamos totalmente opostas ao atual. Assim, desde já, é uma estrutura obsoleta que entrava a chegada de uma nova era de paz, justiça e felicidade para todos.

Ou senão como? Vai querer/pretender subsistir num meio que, por suas próprias características, não possa absorver as colocações com as quais manipula o estado atual? Ou vai ter que mudar discurso e atitude para se adaptar à novidade? Só com isso já deixaria de ser o que é.

Pois é. Fala-se bastante do apocalipse, mas poucas palavras e poucos pensamentos são dedicados ao mundo posterior a este acontecimento. Nossa certamente limitada imaginação humana (ainda que os limites nos pareçam muito amplos, quase que infinitos) nos permite até imaginar como seria o mundo idealizado, com características que poderiam

ser chamadas de superiores, se comparadas ao atual estado das coisas.

Aparentemente hoje, agora mesmo, seríamos capazes de construir um – e viver em um – mundo ideal. Não faltaram tentativas humanas de realizá-lo, mas parece que sempre a paz foi encarada como uma terrível ameaça aos conquistadores, exploradores, exterminadores ou agressores de plantão. Por sinal, estes sempre acompanhados, apoiados e até fomentados pela particular crença religiosa a que nos referimos e também de outras quantas.

Chegamos a este ponto de nossa evolução para constatar que a tal mudança possível, a vida nova com relações diferentes, só pode ser realizada por intervenção divina e que só iria a se realizar após a vinda do homem-deus que diz que ia voltar. Antes não, isso é impossível, nos pregam padres e pastores castradores de mentes. Esta é época de sofrer, nos dizem e estão repetindo isso há centenas e milhares de anos. Primeiro ele tem que vir para separar o joio do trigo, com seus exércitos exterminadores. Olho no meu redor e penso “que colheita mais mixuruca” e me dá medo de morrer nas mãos de um crente doido, como já quase aconteceu uma vez.

É isso o que fazem os sacerdotes modernos: relegar a um futuro indefinido toda possibilidade de que alguns de nós possamos efetivamente realizar o que de modo algum é impossível, de modo algum está fora de nossa capacidade e alcance. Isto é, estão estupidamente protelando o fim do

sofrimento humano e da dor que sente nossa Terra, alvo de tanta barbaridade. É isso religião que preste?

Eu quero ver meus filhos, netos, bisnetos e tal, junto aos seus contemporâneos, brincando na natureza, bebendo água pura dos mananciais, respirando ar limpo, se expondo ao sol sem perigo de adoecer e morrer por causa de excesso de raios ultravioletas, que consumam alimentos saudáveis não contaminados por venenos e com mínimo processamento industrial, que não precisem ter medo de vizinhos nem de estranhos e também não precisem enganar, roubar, explorar outros para ter a ilusão de uma vida boa e decente.

Se para que isso aconteça é necessário que venha alguém dos espaços infinitos, melhor que seja agora, hoje mesmo neste preciso momento, ou antes de meia noite, pois amanhã de manhã corremos o risco de não ter mais camada de ozônio, nem ar respirável, nem água que possamos beber, e nossos alimentos industriais não terão mais conteúdo saudável, e nossa natureza terá deixado de existir num holocausto atômico provocado por aqueles que brigam entre eles por conseguir a supremacia na exploração de nós imbecis escravos e de nossos produtos. Isso é crime de lesa humanidade e tem autores, como tem cúmplices, mandantes, executores e beneficiários, perfeitamente identificáveis.

É claro que isso merece castigo, visto desde os mais primitivos aos mais evoluídos princípios de justiça. Dizem que deus deu o embasamento, declarando olho por olho, dente

por dente e um amplo et caetera que culmina com a execução sumária do(s) implicado(s).

Agora, quem vai ser tão arrogante aqui na Terra e se adjudicar o direito e o poderio de um juiz ante tanta maldade e iniquidade? Tá fácil, vem um cara lá d'outro mundo! É demais pra minha miopia, meu entendimento. Não acho que estou sob influência de um tal de Satanás, como muito fanático religionista pode pretender, chegar a crer ou afirmar. Simplesmente estou aqui olhando e não tenho uma mensagem para ninguém.

## **NADA DEU CERTO**

A primeira compreensão do ser humano foi o respeito ao seu próprio planeta. O aceitou como era, a ele se adaptou e atuou conforme as simples leis que regem uma sobrevivência harmônica com seu meio ambiente.

O estágio seguinte nos mostra uma progressiva destruição dos meios e valores que nos permitem a sobrevivência. Esta reviravolta foi acompanhada, em seu decorrer, por algumas tentativas de arrumar a casa, re-dirigir os desvios, corrigir os erros, mas nada deu certo.

**INSISTIMOS NISSO: NADA DEU CERTO ATÉ AGORA MESMO.**

Em diversos momentos históricos – aqueles que ainda são lembrados – tentou-se implementar correções e mudanças usando vias religiosas, políticas, filosóficas, científicas, artísticas; apelou-se à inteligência, à credence, à ignorância, à estupidéz humana; foram usados líderes com carisma sobrenatural, seres que se destacaram por suas valiosas qualidades, homens e até algumas mulheres surgiram para nos advertir, ensinar, aconselhar; mas nada deu certo.

Entretanto, no decorrer do tempo histórico, os novos deuses foram ficando obsoletos. Não se demonstraram muito capazes e não foram muito longevos. Com suas moradias construídas acima do túmulo da grandiosa deusa-mãe, foram vencidos pelos próprios humanos que os criaram. Destruídos como a própria deidade primordial, da qual tão pouca lembrança nos resta, ainda que não possamos prescindir de sua ação benéfica até hoje.

Até então os deuses do planeta eram conterrâneos nossos. Ainda que uns poucos podiam morar nalguma profundez da Terra ou sob as águas de rios e mares, eram deuses terrestres. Logo se incorporaram ao conjunto das divindades alguns fenômenos físicos que podiam ser observados no firmamento e alguns deuses conseguiram se locomover pelo ar e além dele.

Foi por ali, nesses tempos, que começou se espalhar o conceito de um deus único e pelo tanto tinha que ser todopoderoso e onipotente. Havendo um só, tinha que reunir as características de todos os anteriores e ainda, se possível, superá-los em todos os sentidos e aspectos. Só então é que

o conceito da divindade foi transladado para fora da Terra, primeiro acima das nuvens e logo depois ao espaço cósmico, além do céu e além das estrelas, afastado de todo o que seria compreensível racionalmente, mas também totalmente afastado daquele conceito primordial: de que fazemos parte dessa divindade.

Há pelo menos um povo, existente na atualidade, que afirma haver chegado a um acordo com aquele deus novo e diferente. Registra em seus anais uma apreciável quantidade de comunicações feitas de forma direta ou por meio de terceiros, com aquele deus que só não é o deus máximo porque, afirma-se, não há nenhum outro e amém.

Mas esse novo deus esquisito, não representável em forma física, invisível, do qual nem o nome pode-se pronunciar sob pena de morte, sempre foi o deus de um só povo que não gosta de compartilhá-lo com ninguém.

Foi assim por mais de 3.700 anos, devidamente registrados em escrituras que nos informam em detalhe sobre fatos, personagens e gerações transcorridas. Foi assim até que um belo dia apareceu um jovem que começou a esclarecer o povo sobre a missão que tinha de informar que aquele deus também se interessava por todos os outros habitantes do planeta. Especialmente naqueles que tinham a vida mais penosa, mais dura, mais cheia de sofrimento.

Não é de estranhar que os escravos, os pobres e, especialmente, as mulheres, foram os primeiros a aderir fortemente a esta nova divindade. Suas características masculinas,

que lhe foram imputadas, cuidaram de evitar a segura rejeição dos homens, no caso que fosse apresentado como uma deusa feminina, portadora e reprodutora de vida.

Foram as mulheres convertidas que exerceram a maior influência no triunfo da nova religião, que se formou na esteira dos ensinamentos daquele homem que tentou passar a primeira mensagem, se não universalista, pelo menos globalizante. Foram elas peças-chave na queda do maior império até então conhecido.

E o jovem inspirador, depois de dois mil anos ainda é considerado como mestre e profeta, até por pessoas que pertencem a outras religiões. Mas, depois de tanto tempo, ainda nada deu certo.

Se examinarmos o caso com um pouco de detenção, poderíamos chegar à conclusão que o esforço do profeta místico deu alguns frutos durante 400 a 500 anos. Por esse tempo até a data – dia, mês, ano – de seu nascimento estava esquecida! Isso, apesar de que o maior império da história, até esse momento, havia ruído em consequência de seus ensinamentos e com ativa participação das mulheres convertidas.

Até então haviam aparecido, e se auto-sustentavam, inúmeras comunidades que atuavam e se relacionavam sob os novos conhecimentos adquiridos. Floresceram nelas características cujos nomes hoje dá até vergonha empregar neste degradado e corrupto mundo no qual nos corresponde estar presentes: amor, paz, liberdade, solidariedade, ajuda

mútua, fraternidade, cooperação, justiça, respeito, honestidade e por aí enfrente. Mas isso foi bom enquanto existiu e hoje, mais de 1.500 anos depois, não sobram vestígios vivos de coisas similares. Então, de fato, nada deu certo.

Pelo contrário, passamos um longo período de trevas, de repressão e extermínio, que durou quase 1.300 anos! E tudo foi feito em nome do novo deus e de seu mensageiro idolatrado, apoiado no símbolo de tortura e morte de uma cruz...

Mas não é que a teimosia destrutiva dos representantes terrenos do novo deus tenha acabado. Apenas tomou outras formas, se tornou mais “*light*” sob certos aspectos, ainda que nem sempre, como os contínuos conflitos e guerras nos mostram diariamente.

O ensino do divino mensageiro é deturpado e usado para fins contrários a suas intenções primárias. Povos, civilizações e culturas sucumbiram e desapareceram, junto com seus conhecimentos e crenças, pela ação destruidora desta religião. Fontes de informações acumuladas durante milênios foram irrecuperavelmente destruídas e é negado o acesso a registros sabidamente ainda hoje existentes, bem guardados nos porões de um palácio erigido em um bairro de Roma.

Eles, os novos sacerdotes, têm medo de que? De que o engodo seja descoberto? Mostrem e provem que o que escondem está errado. Demonstrem que não vivemos e so-

fremos sob uma ditadura religiosa herética! Assim como vai, a coisa não está dando certo.

Houve um período, bem mais recente, registrável e mensurável, com datas de começo e fim nos séculos XVIII e XX, no qual uma esperança de progresso nasceu nos povos. Parecia o começo de uma era de paz e felicidade, os alvores de uma era onde os humanos alcançaríamos os maiores estágios possíveis na nossa evolução terrena. Mas até aquela luzinha foi barbaramente extinta nos finais do segundo milênio que registra o calendário gregoriano, hoje de uso vulgar em qualquer lugar.

Já estamos cansados de comprovar: outra vez nada deu certo e muito pior de que só isso: a coisa está piorando e a vida neste lugar está se tornando insustentável.

## **O FIM DOS TEMPOS**

Não é difícil enxergar o fim dos tempos no acontecer atual. Aliás, isso nunca foi muito difícil. Só que hoje não se trata de comunidades relativamente isoladas, afetadas por psicóticas ondas de violência e destruição, mas o nosso Planeta inteiro está comprometido. Já ouvi isso antes: Jesus ainda não veio porque não era necessário. Com certeza deve vir na hora H, só deus sabe quando e isso será no momento certo para impedir a destruição total. E sigam-me os bons.

Então deixa rolar que no além terás vida eterna. Ixe, me da claustrofobia olhar para esse panorama. Vai empurrando com a barriga, segue acreditando que a razão de nosso nascimento é fazer negócios e ganhar dinheiro e ser mais esperto que os outros, sem pensar nas conseqüências nem se sentir atingido por elas, acreditando cegamente que depois vai pro céu a se reunir com o pai eterno.

Onde está, pergunto porque não enxergo, o sacerdote que esclarece o banqueiro agiota, o patrão explorador, o político corrupto, o humano comum, que a coisa não é bem por aí? Não está na hora de assumir uma posição clara, consistente e consciente? Mais de dois mil anos falam contra.

A posição assumida se assemelha mais àquela situação produzida num lugar da selva amazônica. Chegaram uns missionários, membros de uma congregação redentora, a certa tribo. Colocaram uma bíblia numa mão dos indígenas e uma cruz na outra, e lhes ensinaram a sofrer, a ter medo da vida e de deus. Fizeram-lhes abandonar, não só as crenças, mas também os costumes e os conhecimentos dos antepassados. Ensinaram que tudo o que eles sabiam estava errado, era imprestável, e que para ser bons e bem aceitos no reino da morte era necessário ganhar dinheiro para adquirir as coisas relativas a seu sustento. Esse negócio da auto-sustentabilidade em harmonia com o meio era primitivo demais.

Os índios, de boa ou má vontade, deixaram seus ricos cultivos e suas pequenas migrações, que durante milênios lhes asseguraram o sustento. Hoje apenas cultivam mandioca

brava para fazer farinha e consomem as frutas de algumas árvores que conseguem manter em seus quintais reduzidos, isolados, separados em competição com outras famílias.

Como recurso de sobrevivência, as missionárias acharam bem lhes ensinar um tipo de artesanato. Começaram a fabricar/produzir belos quadros, confeccionados com as penas multicoloridas das exóticas aves da região. Por certo tiveram – e ainda tem – imenso êxito entre turistas, colecionadores e burgueses desavisados.

Um resultado é que naquela região é difícil encontrar pássaros de qualquer tipo. Quando um aparece é imediatamente abatido. É zarabatana, é flecha, é armadilha, é tiro e lá vai um pássaro a menos e lá aparece outro belo quadro.

O produto da venda vai engrossar os cofres da missão, encher os bolsos dos comerciantes e o sobranete mal alimenta os membros das tribos desfeitas, aculturadas, doentes e ignorantes. Pois não, me falou a freira, colocamos até uma escolinha para lhes ensinar português e boas maneiras na graça do senhor JC o salvador.

Como pode o índio sobreviver hoje, em conformidade com as leis do mercado? Só se for destruindo a natureza, explorando os recursos naturais que a civilização almeja. Foram conquistados a ferro e fogo, dizimados e em grande parte exterminados.

Que receberam em troca? O conhecimento que para sobreviver tem que destruir, matar, enganar, competir, vender a alma ao deus dinheiro prostituindo suas mulheres e entregando suas terras e suas riquezas de graça aos exploradores, especuladores e grileiros. Tudo isso em pleno acordo com o mesmo sistema que também a nós oprime, sempre com a benção da igreja sagrada.

Acho que se eu fosse índio não ia aceitar facilmente aquela situação, tal como me é difícil aceitá-la olhando desde fora. Mas, se examinarmos com um pouco mais de atenção, o mesmo estão fazendo conosco! Estão destruindo toda relação humana positiva, estão nos confinando a uma sobrevivência miserável, estão nos limitando o conhecimento e a informação, estão nos ensinando um monte de coisas imprestáveis, estão destruindo sistematicamente nossas culturas, estão nos confinando nos guetos dos descartados, nos obrigam a produzir coisas que destroem o equilíbrio da natureza e coisas que nos deixam doentes.

Assim não se precisa ser mulher índia exótica para ir à cidade a se prostituir. Não se precisa ser índio para se vender como escravo aos senhores industriais ou empresários que mantêm o próprio luxo com o sofrimento de seus milhares de “empregados” que mal sobrevivem com salários que nem lhes permitem ser pobres com dignidade.

Para estes senhores existem igrejas especiais, belos prédios aos quais a ralé não tem acesso permitido, onde pobre não é recebido. Para eles são efetuadas cerimônias que pobre só vê na TV. Para eles são oferecidas recompensas póstu-

mas, às quais pobre só teria acesso – teórico – através e depois de muito sofrimento. Ante a luxúria dos patrões não se ergue a ameaça de castigo ao pecado, se suas doações são condizentes com a sua capacidade material. São perdoados antecipadamente, em vida, em razão e proporção direta ao pagamento em efetivo à casta sacerdotal envilecida.

Ao pobre, ao miserável, só resta abaixar a testa frente às ameaças dos castigos que cairão sobre ele se tentar mudar a situação. Liberação? Terá que morrer para ser livre, lhes é dito. Agradeça a deus pelo pão que o diabo amassou. A felicidade é para aqueles que são mais expertos que você. E agregam, sutilmente, que sua desgraça se deve muito provavelmente aos pecados que cometeu nesta vida ou em outra qualquer. Enfim, qualquer coisa para mantê-los calados, inativos, acomodados e mortos de medo.

Não adianta alegar que a igreja se opõe à situação, ao sistema. Já vi e ouvi um decrépito papa, doente e senil, ler um pronunciamento em 52 línguas, condenando o capitalismo. Foi notícia de seis linhas nos jornais do Planeta e só. Será que algum católico tomou a sério esta declaração e está atuando em conseqüência? Cadê? E pior, se alguém realmente é conseqüente, é perseguido e hostilizado pela própria igreja daquele mesmo papa. Os limites estão claros e nitidamente traçados e não se pode transgredi-los sem punição.

Com os chamados crentes, os que não reconhecem a autoridade do tal papa C.A.R., a coisa é ainda pior. Eles descarar-

damente sublimam o capitalismo, responsabilizando deus pelo próprio bem-estar, o êxito nos negócios e as desgraças de quem não entra no esquema.

Eu pessoalmente estou cansado de ouvir essa conversa fiada que protela para o nunca jamais toda possibilidade de melhorar nossa condição humana. Seguindo por aí nunca poderemos chegar onde podemos, não desenvolveremos as capacidades que nos são inerentes, de forma nenhuma superaremos o problema que temos pela frente e pereceremos ridiculamente por causa de nossa própria estupidez, amplamente demonstrada.

Quando estas imagens, retalhos da realidade, passam no espaço que me é dado observar, é óbvio demais que não posso aceitar tal expressão religiosa como algo próprio meu, nem posso encará-la como algo aceitável para a população em geral de nosso Planeta e suas necessidades atuais.

#### A QUE NECESSIDADES ESTOU ME REFERINDO?

Simplesmente à necessidade de acabar com essa palhaçada toda que está acabando com a habitabilidade de nosso planeta;

à necessidade, revestida de extrema urgência, de modificar drástica e radicalmente o rumo e a forma dos acontecimentos no campo do relacionamento e dos próprios humanos com sua Terra natal;

à necessidade, implícita no anteriormente exposto, de eliminar – não só reformular ou modificar – uma série de estruturas/instituições que devem ser consideradas diretamente responsáveis de que as coisas sejam como são, de que nos achemos colocados na situação de extremo perigo onde realmente estamos;

à necessidade de poder livremente e sem constrangimento criticar toda e qualquer coisa existente – assim como também sou criticado;

e à necessidade absoluta e prioritária de poder desenvolver nossos poderes imaginativos com o fim de criar um mundo onde possamos todos juntos viver uma vida que não nos apresente nem permita os constrangimentos, o sofrimento, a humilhação e a vergonha que hoje estamos vivenciando.

## **SÓ OLHANDO E ESCREVENDO**

Sei lá. Só estou olhando desde minha janela. Com certeza que gostaria escrever sobre coisas mais prazerosas; mas então só poderia escrever sobre uma realidade virtual e não sobre uma realidade consciente, concreta e objetiva, além de opressiva. No fundo não quero atacar nada e ninguém, mas apenas me explicar por que penso diferente, por que as soluções por mim vistas e propostas são tão diferentes ao que agora existe oficialmente e ao que é proposto a uma humanidade quase agonizante.

Minha existência é uma parte infinitesimal da história humana e representa uma parte pequeníssima da história contemporânea.

Apenas passa de 60 anos minha estadia transitória neste planeta.

Não faz nem 50 anos que comecei a ler obras de algum valor.

Não passaram 40 anos desde que comecei a me aprofundar um pouco no conhecimento acumulado.

Uns 30 anos passaram desde que comecei a pensar por mim mesmo.

Há menos de 20 anos que comecei a tentar escrever sobre algumas coisas que considerava de interesse ou importantes.

Dez anos ainda não se completaram desde que comecei a ordenar minha própria visão que aparece frente da minha janela.

Só agora é que posso expressar, ainda com sérias limitações, o que penso e estou sentindo. Também estou medindo e ponderando as conseqüências de fazer o que faço, da forma que estou fazendo. Ninguém pode negar que é perigoso pra saúde. Criticar é perigoso, é proibido, é castigado. Propor alternativas é pior ainda; é fator que mobiliza a repressão.

Poderia, muito bem, ficar em meu cantinho e lutar por algumas migalhas que caiam das fartas mesas de nossos senhores. Poderia vender minha capacidade (?) literária ao sistema e viver ainda um pouco melhor, recebendo não só

migalhas, mas também alguns nacos de sebo e ocasionalmente alguma badalação para nanar a consciência. Por que não? Porque então não necessariamente viveria mais tranqüilo e feliz. Provavelmente só teria a barriga menos vazia e algum plano de saúde que permita aos açougueiros de plantão experimentar alguma nova técnica ou alguma nova medicina, em meu corpo. Se minha consciência não me deixasse dormir, me forneceria gratuitamente (?) os comprimidos que a apagassem. Não seria lindo?

O problema, pessoal e interno, é que estou de saco cheio, cansado, aborrecido de ser enganado e ludibriado. Agora mesmo, quando está se começando a reconhecer oficialmente o delicado estado da situação, outra vez aparecem os oportunistas que enxergam nisso uma ótima oportunidade de fazer negócios e auferir lucros imensos.

A mensagem atual do sistema é que a situação é ótima, ideal, pois a solução dos problemas atuais e futuros vai requerer tanta mão de obra que uma nova era dourada estaria começando.

Há quanto tempo estamos caindo na mesma armadilha, sendo envolvidos na mesma trapaça? De que eu me lembre, desde que estou vivo estamos sendo vítimas da mesma mentira. Pura enrolação que nunca beneficiou mais do que uma seleta minoria que forma a elite corrupta e decadente que nos domina.

Se a idéia segue sendo a acumulação e não a distribuição de riqueza, não podemos esperar nada de bom ou positivo pa-

ra os bilhões de pessoas que estão morrendo de fome e doenças, ou vítimas da violência psicótica que permeia a sociedade toda.

Se a ordem não for repartir e acabar com o lucro e a especulação, essa era dourada só poderá ser vivenciada por alguns poucos magnatas, governantes e servidores privilegiados. Para o resto se delineia um destino onde só a morte pode liberar do sofrimento, bem como os nossos padres e pastores nos querem obrigar a acreditar. Uma falsidade apóia outra e nós ficamos as eternas vítimas dessa armadilha.

A vida não é um castigo, pois se for, seria igual para todos. O que claramente acontece é que há alguns expertos mal-intencionados que nos tratam da mesma forma bestial como sempre trataram os povos que consideraram conquistados.

#### SOMOS VÍTIMAS DE GUERRAS.

Somos povos submetidos, reduzidos à mínima expressão. Só nos é permitido aquilo que dê lucros, poder e riqueza aos nossos amos conquistadores, e nada mais nos é permitido, nem pensar e sentir por conta própria.

A esperteza dos conquistadores chegou ao limite de fazer acreditar ao escravo de que é livre, ao dormido que está acordado, ao desgraçado que é feliz, ao explorado que é tratado com justiça e ao injustiçado que está sofrendo por castigo divino.

Não posso afirmar que eu não enxergava isso há mais de 40 anos atrás. É uma visão que me acompanha há muito tempo. O caso é que até agora só assisti à refinação da técnica de opressão. Anteriormente parece que havia mais daqueles que ainda pensavam, se preocupavam e tentavam agir (é algo clara e totalmente subjetivo). É claro que muitos foram mortos, assassinados, mas a massa de hoje está embrutecida e hipnotizada como nunca antes. Isso não é algo produzido pelo acaso ou por influências astrais, não é situação criada por deus ou pelo diabo; é algo vilmente projetado e executado por seres aparentemente humanos com conhecimento e consciência dos objetivos: o domínio do Planeta mediante o extermínio da oposição, a anulação da dissidência, o aniquilamento da resistência. Até o massacre da população considerada “sobrante” hoje é seriamente considerado, não só como uma solução possível, mas como algo absolutamente necessário.

Se isso se faz em nome de um deus e de uma religião em particular, não posso eu, em meu pretendido são juízo, aceitar como minhas essas expressões, tanto assim como dos conhecimentos científicos que escoram uma estrutura tão maligna. Só me resta rejeitá-las e abominá-las com o que me resta de força na consciência. Ou, o mínimo que me devo a mim mesmo, tentar me esclarecer minuciosamente sobre os fatos observados, tomando uma posição consequente com as conclusões alcançadas. Ainda que isso possa ser qualificado – pejorativamente – como utopismo.

Aliás, o renascimento do pensamento utópico é uma das coisas mais temidas pelo sistema hoje hegemônico. A igreja

abafa, pregando sua impossibilidade sem direta intervenção divina. Será por isso que tantos utopistas eram ou são ateus? Os donos do poder não podem permitir que este tipo de mentação surja entre o povo e, menos ainda, que qualquer tipo de iniciativa seja efetivada, ainda que de forma experimental. Como sempre foi feito, os utopistas – teóricos ou praticantes – serão perseguidos até sua completa extinção.

Provas de que a coisa pode sim funcionar de maneira diferente? Por deus, não se fale mais nisso, é perigoso demais! Alguém poderia acreditar e seria o começo do fim! Eliminem essa idéia de raiz; tirem esse vocábulo do dicionário! E não falta quem berre: matem esses doidos infelizes, que estão estragando o esquema!

ISTO NÃO CONTÉM UM PINGO DE FICÇÃO.

É triste, mas é nossa realidade mais pura e verdadeira. Eliminar/matar é sempre o recurso mais usado. Não se usa o diálogo nem a troca respeitosa de idéias, se perde o respeito ante a vida alheia e dos direitos de outro ser vivo. Os limites de expressão individual estão claramente delimitados ao que o sistema aceita e pode usar em seu próprio proveito. Todo dissidente pode ter a certeza que tem os dias contados, até que o próprio sistema demonstre o contrário. Se não é uma bala criminosa, é um acidente ou um suicídio forjado, ou é o ostracismo, a discriminação, a incomunicação, o silêncio induzido pelo opressor, o exílio, os que tomam providências no caso.

Quão diferente seria minha vida se escrevesse sobre assuntos mais banais, que servissem para adormecer consciências; ou se meus escritos louvassem o sistema. Quem sou eu para me negar conscientemente os prazeres resultantes destas atitudes? Já muitas vezes me trataram de imbecil e idiota por isso. Visto assim, eu sou culpado de minha própria desgraça!

Não me sinto melhor nem pior por isso. Apenas estou tentando colocar uma certa ordem nos meus pensamentos, sem aspirar a cargo político nenhum, sem pretender ser líder ou exemplo a seguir de nada mesmo, nem quero ganhar rios ou montanhas de dinheiro, nem aspiro à fama eterna que persegue tanta vaca sagrada da literatura mundial. Apenas estou anotando o que vejo desde minha janela, porque uma vez, há bastante tempo, achei que devia ser escritor e estou tentando exercer este ofício com os elementos que disponho, da forma que me é dado a fazer e com a maior liberdade e o menor compromisso possível.

ASSIM, NÃO ESCREVO PARA AGRADAR OU DESAGRADAR NINGUÉM.

Estou simplesmente me expondo. O leitor pode até achar um duplo sentido nessa afirmação e eu concordo. Mas é isso o que tenho a dizer e não o considero uma mensagem nem nada pelo estilo. É apenas uma exposição de um velho que deu uma porção de voltas por aí, aprendeu e desaprendeu um monte de coisas e não está entendendo, em absoluto, como pode ser parte dessa humanidade que está encontrando nos lugares que pode freqüentar. Não é fácil, pode ter certeza.

Quando olho pela minha janela, minha visão alcança as coisas que estão longe, tão bem como as que se encontram bem perto de mim. Não só vejo o presente imediato, mas também muitos acontecimentos do passado, e suas projeções me permitem delinear alguns futuros possíveis. Tudo isto em todos os campos do fazer e saber humanos, com os únicos limites impostos pela capacidade própria de minha espécie. Costumo ler bastante e cada vez menos, por ser agora bem mais seletivo que em épocas anteriores. A leitura, longe de ser uma grande vantagem, contribui para nos confundir mais. É como dizia o governante de uma das mais antigas civilizações que nos lembramos. Quando lhe foi apresentada a possibilidade da escrita e suas alegadas vantagens sobre o antigo método oral de transmissão da informação e do conhecimento, com grande visão ele foi contra, opinando que esse novo sistema ia acabar com a capacidade de aprender e, por extensão, com a sabedoria.

As obras produzidas por acadêmicos com frequência são as piores, compostas em sua maioria por longas litâneas de referências a outros autores, que a sua vez as tomam de outros e vai por aí que eu não vou.

Óbvio que esta obrinha seria melhor considerada, se após cada uma ou qualquer afirmação minha seguisse uma referência à fonte de onde eu teria tirado o dado, a informação; ou se no fim deste volume explicitasse uma bibliografia, pelo menos. Há um esquema estabelecido: nome do autor, do livro, número da página, editor, ano de publicação. Isto, sem dúvida, colocaria mais peso no aqui escrito, mas em absoluto ia me ajudar a pensar por mim mesmo.

Também não estou me tornando muito sábio desta outra maneira, mas está me ajudando um bocado para encontrar meu próprio caminho: ou para decifrar, sem conceitos prévios, fatos e acontecimentos que aparecem em meu campo perceptual.

É claro que nem sempre consigo, mas isso não me aborrece muito. Parece ser parte do jogo, do esquema, da situação, seja o que for. Mas o que sim me aborrece, e bastante, é perceber tantas coisas que estão tão claramente erradas e que nada seja feito, nem sequer tentado, para corrigir os erros.

Fosse o erro de uns poucos em coisas sem grande importância, pode ser que isso ainda pudesse ser tolerado até certo ponto. Mas quando os erros são muitos, de uma qualidade tal que afetam profundamente a vida de toda a nossa espécie, sem que se tomem medidas coerentes, sem que alguém pareça se importar, então a coisa torna-se preocupante em extremo, irritante, aborrecível.

Pior é quando o erro é intencional, quando é imposto ditatorialmente por força e coerção exercidas por minorias que só agem em próprio benefício, sem que se importem pelos demais, erigindo-se em donos e senhores da nossa propriedade comum, de nossas próprias vidas, de nossos destinos e da verdade absoluta. Aí o erro torna-se sério, porque não se dá uma chance para sua correção, ainda que a necessidade da emenda seja urgentemente necessária e isto possa ser facilmente deduzido, entendido e compreendido por qualquer um animal humano.

A situação que hoje vivenciamos, todos nós no planeta, está daquele jeito. Desenvolvemos um tipo de civilização que é um erro em si, pois não nos assegura nem garante a sobrevivência. Muito pelo contrário, nos encaminha claramente para o fim a velocidade crescente. É uma coisa muito fácil de enxergar. Basta tirar os óculos distorcionantes que o sistema nos impõe, qual moderno véu de Maia, para vermos o tamanho da imbecilidade que nos rodeia.

Nos é imposta a condição que sintamos prazer em pagar para sofrer e ainda nos obrigam a agradecer a um deus por isso;

nos obrigam a servir como escravos dos maiores destruidores que a história conheceu, e ser cúmplices desta destruição;

nos manipulam como se fossemos bonecos, para o proveito dos que desfrutam daquilo tudo que nos é negado;

tratam-nos como bestas imbecis e descartáveis, vivendo de formas vergonhosas e inaceitáveis;

riem de nós, se burlam de nós, ofendem-nos, humilham-nos e forçam-nos a aplaudi-los;

tiram-nos tudo o que é de valor – seja material ou moral – e nos dão bosta em troca.

Acontecendo tudo isso e muito mais, sendo que eles são tão poucos e nós somos tantos que parecemos ser quase todos, nós nada fazemos. Até nos inculcam o medo de ver, o medo de olhar para o que é real e facilmente perceptível. Assisto ao espetáculo de uma humanidade paralisada pelo terror.

Só para conferir se minha percepção está certa (ou errada), desafio qualquer um a afirmar não ter medo de desafiar o sistema, nossos governantes, donos ou algozes, e à hierarquia da igreja que é chamada de prostituta em seus próprios textos sagrados.

A única forma de demonstrar que se está livre do medo é atuar. Não adianta se esconder por trás de um respeito servil ou adulator, chamando de “seu doutor” ao cão que fornece um mísero prato de comida rançosa. Liberdade só existe na igualdade e esta só existe onde se pratica a cooperação e a solidariedade, onde existe felicidade. Isto não é próprio do sistema e, ainda que algumas doses mínimas sejam permitidas se produzir lucros, doses maiores são reprimidas porque representam um perigo seriíssimo à própria existência deste.

O mesmo acontece com a justiça. Se esta fosse legislada e aplicada com uma visão humanista, com intenção de melhorar a vida humana, o atual sistema deixaria de existir. Por isso nada pode ser esperado desse lado.

## UMA NOVA ERA

Uma crítica da subordinação da política ao dinheiro nas sociedades modernas, já foi ensaiado por Carlinhos Marques há mais de 150 anos. É um assunto que, de tanto ser discutido, parece não ser mais atual ou só um lugar comum, superado por uma realidade que permeia a sociedade inteira, de uma sempre crescente necessidade de dinheiro.

Na época foram apresentadas outras críticas, profundas e sérias, ao incipiente capitalismo industrial, e não só pelos seguidores da linha de pensamento marxista.

O que não foi previsto – porque nem havia condição ou possibilidade de prever – é o desenvolvimento alcançado hoje pelo sistema criticado. Antes se previa o fim deste, mas (aparentemente) nunca ninguém conseguiu prever o seu desenvolvimento e evolução, até alcançar o nível onde hoje se encontra.

Em sua teoria mecanicista de interpretação do processo histórico, Marx afirmava que o capitalismo ia cair de maduro. Entretanto se passaram 150 anos, o capitalismo está mais forte que nunca e o marxismo passou de maduro e caiu de podre.

A cada passo em direção a sua consolidação, surgiram pareceres que interpretavam o ato como uma demonstração de suas teorias, afirmando que o capitalismo estava avançando a seu fim, que já não tinha mais de onde tirar sobrevivência. Enquanto isso, a forma capitalista ia se aperfeiçoando

e tomando conta de todos os afazeres humanos, até daqueles mais imprevisíveis ou inimagináveis.

No processo histórico de formação do capitalismo observamos uma constante evolução a formas cada vez mais envolventes. Examiná-lo sob a lente de estudos anteriores, pretéritos, nos impede enxergar sua forma atual, nos impede a compreensão de sua dimensão atual, do tamanho da ameaça que representa, o que também nos impede tomar posicionamento objetivo nas lutas ou ações encenadas para combatê-lo. As aparentes crises não eram nem são mais que momentos nos quais se produzem saltos qualitativos em seu desenvolvimento.

Num momento em que o capitalismo toma posse de todo tipo de relação social, de cada canto físico do planeta, de toda formação psicológica, espiritual e moral do ser humano, ele transcende – com largura – a simples relação de trabalho ou a hegemonia de classes.

Num momento em que o próprio Planeta está à beira da destruição total, è preciso examinar o assunto relativo à propriedade desde o ponto de vista ecológico-social, o que permitiria o surgimento de propostas e soluções que tenham relação direta com os afetados, dando um sentido orgânico e objetivo às lutas.

Num mundo que contém uma maioria de miseráveis marginalizados, condenados ao sofrimento desde o momento de nascer até sua morte prematura, não deixa de ser contrasentido basear a resistência nos que ainda estão conse-

guindo um emprego e que abençoam o mínimo salário que lhes permite sobreviver mês a mês.

A luta por um mundo melhor perde sentido quando é direcionada a obter maiores benefícios ou garantias dentro do enquadramento disposto pelo regime vigente. Isso é fazer o jogo proposto pelo sistema e este tem tudo para acabar vencendo. É um jogo de cartas marcadas e por isso mesmo é permitido. A luta é outra.

No século retrasado e nos começos do anterior, o proletariado ainda conseguia se identificar com as propostas de uma esquerda emergente. Conseguia compreender as razões expostas e agia em conseqüência, optando por mobilizações que lhes trouxeram significativos benefícios e melhorias que, por desgraça, hoje se demonstraram transitórias.

Porém não existe uma involução que nos leve às formas anteriormente praticadas. Existe sim uma evolução que nos coloca em contextos nunca antes vivenciados, não previstos, ainda que muitos deles nos levem a resultados conhecidos, como escravidão e exploração de indivíduos, povos e nações. A forma das ações e o discurso têm mudado e assim também têm que mudar as formas das reações, em conseqüência.

Se tomarmos como referência, pura e somente, as formas políticas históricas, nos vedamos o invento, o descobrimento, a imaginação de formas que possam inovar a questão. A evolução da história justamente se realizou porque foram

propostas, apresentadas, experimentadas formas que eram diferentes às anteriores e se consideravam superiores ou mais apropriadas que as anteriormente praticadas. O futuro só pode ser de aquilo que ainda não foi posto em prática ou experimentado.

Isto é tão válido na política, como na economia e nas relações sociais, sejam estas de trabalho, produção, serviços, ou na simples relação humana do dia a dia. É especialmente neste último ponto onde a penetração do pensamento capitalista tem a maior penetração, onde é mais forte. É justamente este fato que está destruindo todo tipo de relação e até mentação que não sejam regidos pelos pressupostos do capital, do individualismo e da competitividade, na sua expressão atual. É isso o que está destruindo a sociedade em seu próprio cerne.

Não faz muito tempo atrás – na realidade são poucos anos – ainda havia nichos onde o capitalismo não entrava, nem era possível imaginar que alguma vez ia penetrá-los. Encontravam-se, com relativa facilidade, âmbitos onde a solidariedade, a cooperação, a compaixão, a moralidade, eram apreciados e praticados. Hoje estas expressões estão subeditadas ao lucro que a prática delas possa produzir. No caso de não dar lucro, faz-se o contrário.

O rebaixamento da condição humana chega a extremos limites, onde a mulher é valorizada pela forma e movimento de sua bunda e o tamanho de suas tetas, o homem pela sua entrega total ao sistema e o ser humano em geral é valori-

zado pela sua capacidade de participar na corrupção total que permeia nossas atividades.

Isso é algo que não vamos superar só com mudar as relações ou formas de produção, com reformas políticas do Estado, ou com a socialização das propriedades.

Somos vítimas da maior agressão cultural da história. Fomos penetrados em nossas mentes e moldados da forma mais conveniente para produzir dinheiro fácil e rapidamente para terceiros, com evidentes vantagens para a encenação política dos dominadores. Simplesmente nos comeram os cérebros e estão nos cobrando dinheiro pelos nossos neurônios e miolos que estão digerindo, além de nos deixar mais estúpidos que uma besta qualquer e assim poder nos dirigir mais facilmente em prol dos interesses deles.

Enquanto diminui nosso patrimônio de bens culturais, os chamados intangíveis, querem nos fazer acreditar que a bazófia oferecida em troca é o maior bem cultural que a humanidade é capaz de produzir. De carona, somos coagidos a considerar o capitalismo um fenômeno superior e legitimamente humano. É isso tudo o que devemos contestar e repudiar, mas não através de uma revolução cultural que apregoe o florescimento de mil flores, quando são bilhões as que estão murchando. Uma nova realidade mostra caminhos diferentes.

Antigamente discutiu-se muito sobre a necessidade, ou não, de um período de transição de uma forma social a outra. Incontáveis discussões produziram o acervo de milha-

res de páginas escritas que se referem ao tema, que ainda pretende se apresentar como atual. Com o triunfo – parcial – de uma ou outra postura, o fato que nos resta é que ambas as formas (a favor e contra um período de transição) estão sendo derrotadas pelo sistema hegemônico, que não deixa brechas para que uma delas se manifeste na realidade.

O que hoje é negligenciada, é a possibilidade que produz esta dialética de criar uma ou várias novas versões do assunto. E mais: existe o fato incontestável da imperiosa necessidade e urgência de uma mudança radical, se considerarmos não só a patética situação que atravessa a humanidade como um todo, mas, especial e primordialmente, se considerarmos a saúde física do planeta e as cada vez mais minguadas condições de reproduzir e manter qualquer forma de vida, em médio e longo prazo.

Isto, por si só, fala em contra da adoção de etapas intermediárias, que não fariam mais que postergar uma solução integral à crise planetária. Antes que impor formas arbitrárias de transição, poder-se-ia ver o assunto desde o ponto de vista que apresentasse um desenvolver natural dos acontecimentos, obedecendo a passos lógicos dados por outras formas de entender a realidade de uma revolução libertadora. Isto pode muito bem ser concebido sem a necessidade de fases ditatoriais que nos afastem dos objetivos imediatos, ou da construção de superestruturas que deverão ser demolidas posteriormente. Isso não cola mais no pensamento contemporâneo.

Possivelmente mais atuais sejam os pensamentos que nos indiquem estruturas (políticas, sociais, econômicas, ecológicas) que não considerem a formação de uma superestrutura que se assemelhe ao que hoje possa ser identificado como Estado.

Isto é totalmente possível e teorias ao respeito não faltam, são abundantes. Especialmente o século XIX e o primeiro quarto de século XX, nos apresentam farta literatura sobre o tema em questão. Nossa experiência e conhecimentos acumulados, nossa imaginação e inventiva, nossa necessidade de sobrevivência, podem indicar a nossa espécie formas, caminhos, modos, estruturas, relações, que sejam totalmente inovadoras, tanto em referência ao que está acontecendo, como às propostas esclerosadas que foram derrotadas científica, técnica e politicamente pela realidade objetiva.

O conceito de uma realidade pós-revolucionária, que daria acesso a todos seus membros aos bens materiais que hoje estão em posse de uma minoria extremamente reduzida, é uma tola ilusão e reflete completa ignorância sobre o que está acontecendo com o nosso Planeta. Uma Nova Era, com abundância para todos, está desde já completamente fora de toda e qualquer cogitação, totalmente descartada. A nova era já era.

O sistema imperante permitiu aos nossos opressores, não só acabar ou diminuir drasticamente nossos recursos naturais não renováveis, mas também em parte acabou com – e

em parte está dificultando ao extremo – a reprodução dos recursos que sim são renováveis.

A dificuldade de alimentar as próximas gerações não reside tanto no número, na quantidade de indivíduos, mas na degradação dos âmbitos onde os alimentos são produzidos. A nova sociedade só pode surgir de - ou no - meio de uma crise imensa. Isso, porque essa crise é praticamente iniludível; só falta ver o tamanho dela. Se esta situação é produzida pelo sistema capitalista, é impensável que este mesmo sistema tenha a capacidade de nos tirar dela. Aliás, só para atrasar a hecatombe, os acólitos desse sistema consideram não ser possível a sobrevivência e o atendimento das necessidades e apetências de mais de um quinze por cento da população atual.

Então, será um holocausto que eliminaria 85 % da população mundial o que poderia viabilizar, seja o capitalismo total ou qualquer outra forma preconcebida de sociedade de abundância?

**SE QUISERMOS SER REALISTAS E OBJETIVOS,  
DEVERÍAMOS RECONHECER QUE:  
O SONHO DA ABUNDÂNCIA TERMINOU,  
ACABOU, FICOU OBSOLETO,  
NÃO É MAIS POSSÍVEL REALIZÁ-LO!**

Foi soterrado pelas ânsias desmedidas de lucro e pela absoluta falta de cuidado em nossos procedimentos em relação ao espaço que ocupamos.

O futuro que podemos esperar – isso, o futuro imediato, não o prazo médio – nos mostra possibilidades atterradoramente limitadas, em todos os aspectos. Não mais nos é dado/permitido aplicar – nem sonhar – com qualquer espécie de sistema que procure a abundância para todos, nem para uns poucos, nem para ninguém.

Desde já temos que nos aplicar à procura de uma forma que possibilite a sobrevivência, e apenas isso, da espécie humana. Temos que ver como nos arrumamos com o que resta e periga que nem assim possamos ter bastante para todos, especialmente se não dermos uma parada imediata para reformularmos o esquema que nos colocou nesta situação.

Hoje o próprio sistema que nos expropria a possibilidade de uma sobrevivência pelo menos decente, está começando a reconhecer alguns erros e falhas, e manifestando intenções de tomar algumas medidas corretivas. Mas também continua considerando que o método pelo qual estas medidas seriam implantadas seja o mesmo capitalismo que nos trouxe a este ponto terminal. Não podemos enxergar o caminho correto por essa via, tal como não pode ser visto através da teorização do socialismo feita pela filosofia que nos apresenta o marxismo clássico.

A emergência, o estado de emergência, que estamos prestes a atravessar, só pode ser encarado desde perspectivas totalmente diferentes, se for mesmo que nossa intenção verdadeira queira ser salvar a maior parte da humanidade de uma morte certa. Sendo que isso é intenção duvidosa em extremo (no capitalismo), se considerarmos o que per-

cebemos de parte dos atuais donos do poder, nos resta a imperiosa necessidade de achar alguma forma, maneira, jeito, método, alternativa, que consiga evitar tão horripilante drama.

É óbvio que a moralidade deste pensamento, ou desta intenção, é contestada por aqueles que atualmente se beneficiam do estado das coisas, dos que auferem incalculáveis riquezas produzidas por também incalculáveis sofrimentos e, por último, por uma – outra vez – incalculável destruição.

Se o ser humano fosse considerado em sua devida dimensão e o planeta Terra com o devido respeito à mecânica que lhe é natural (suas reais condições e capacidade de geração, reprodução e abastecimento de vida), nunca teríamos chegado onde estamos e nem teríamos que enfrentar a coisa que já está batendo em nossa porta. Não vai ser a ação cidadã organizada nos moldes propostos pela terceira via capitalista o que vai nos desviar do holocausto - por via da atuação política legal nos marcos do sufrágio universal. Essa só é mais uma armação do poder, para manter e aumentar sua opressão sobre nós.

É certo que temos que nos preparar para o pior, mas também não precisamos ser muito expertos para poder enxergar que não existem, em absoluto, condições de pretender uma revolução através de um hipotético e exclusivista/elitista movimento dos trabalhadores, camponeses ou operários em geral. Esse discurso teve alguma repercussão nos primórdios da Primeira Revolução Industrial e não tem nenhuma relação com a realidade atual, com a situação a-

tual e o estado atual das coisas; e pior, nem há tempo disponível para realizar tamanha empreita, nos moldes como foi proposta, como também não há recursos materiais e humanos bastantes. Insistir nesse ponto é perder o tempo e sonegar energia que precisamos para empregar nos esforços que devem assegurar nossa sobrevivência. Procure-se outra forma, outra via e, se não for achada, se não der certo, já fomos, acabou-se. Acreditar cegamente nas profecias do profeta miloitoicentista não nos ajuda nisso. Aliás, se formos examinar mais a fundo, foram suas crenças pseudo-científicas que também contribuíram a nos trazer à situação atual.

Isso nos coloca a tarefa de conceber uma nova estratégia revolucionária. Tudo bem, é uma tarefa e tanto. Mas não podemos nos enganar, pensando que esta revolução possa gerar mecanismos econômicos capazes de continuar elevando a produção social. A revolução hoje necessária inverte as metas: ela deve priorizar a implementação de métodos econômicos capazes de administrar a escassez, a diminuição da oferta, a paralisação de atividades, a repartição do restante, de uma forma que seja moral e eticamente aceitável para qualquer humano que vier a sofrer a desgraça de nascer neste mundo, neste momento. O contrário é assassinar a criação.

É mais do que claro que a classe dominante não se importa com isso e que não tem preconceitos morais que a impeçam de realizar os piores atos de vandalismo, as mais degradantes ações discriminatórias, em defesa de seus interesses corruptos.

Quem realmente detém o poder não o tem por ser bonzinho. Os assassinatos em massa de raças, povos e nações só não vê quem não quer. Milhares de indivíduos são sacrificados diariamente, por ser considerados empecilhos/entraves à aparente sede infinita de poder e lucro dos opressores, da cobiça desmedida dos exploradores de seus próprios congêneres. Isso é tão evidente que dispensa toda prova jurídica. Então não vão se complicar a vida agora, tentando salvar alguns poucos bilhões de vidas humanas que já estão incomodando demais.

A transição para relações sociais mais humanizadas, visando uma abundância geral, é inteiramente irrealizável. Humanizar e ecologizar hoje são sinônimos de administrar as sobras com justiça e justamente é isso – justiça – um elemento que o sistema não possui, nem cogita aplicar se não for em benefício próprio. Em consequência, deixa de ser o que a palavra pretende significar. Se as normas distributivas, baseadas no “*livre mercado*”, seguem sendo aplicadas, sobreviverá apenas uma minoria, só por um prazo um pouco maior.

Os candidatos a sobrevivente estão profundamente enganados, se acham que sua própria sobrevivência possa se estender por um período muito longo. Há uma série de fatores – ecológicos, humanos, sociais, econômicos, religiosos, psicológicos, filosóficos, comportamentais, culturais, etc. – que conspiram em contra deles. É muita loucura e imbecilidade acreditar que os autores de tamanha aberração sejam capazes de formar/construir um mundo de paz, felicidade, justiça, honestidade, respeito ao próximo e à Terra. Deve-

mos considerar um planeta devastado, envenenado, arrasado, parco de recursos, à beira da falência total, perto do fim último e definitivo. Se, por acaso, sobreviver alguém, alguns poucos (pouquíssimos), é porque não conseguiram explodir a bola, apesar de todos os esforços de acabar com ela.

Não, o mundo idílico pós-moderno ou pós-holocausto, que alguns pretendem enxergar, é mais uma ilusão, mais uma enganação que nos encobre a realidade vigente: vivemos imersos num caos que está nos destruindo. Estamos estrçalhando os alicerces nos que se baseia nossa existência como animal humano e insistimos em prosseguir nessa atitude infeliz. Isso é totalmente impróprio do bicho inteligente que nos gabamos ser, absolutamente alheio das religiões que afirmamos professar, infinitamente longe dos fins que dizemos perseguir.

A proposta teórica da mecanicidade da história hoje está desvirtuada e arquivada. O capitalismo vencedor considera-se, a si próprio, irreversível e acha que tem os meios para manter sua hegemonia por sempre, para felicidade de uns poucos que se consideram superiores, eleitos ou abençoados. Ainda não enxergam que o triunfo deles é ilusório e que não tem condição de sobreviver por mais de algumas poucas gerações.

Alguém pode alegar, como já escutei algumas vezes: **“tanto faz, eu nem vou estar aqui”**. Beleza, a isso eu queria chegar e perguntar:

*“Qual é o animal que não se preocupa da reprodução de sua própria espécie?”*

Ou: *“Qual é o bicho que elimina os de sua própria espécie?”*

SOMOS REALMENTE SERES SUPERIORES  
QUE TÊM O PRIVILÉGIO DE PRATICAR TANTA BARBARIDADE?

Pode-se chegar a acreditar que por ventura existe um deus que permita, apóie ou justifique tanta sacanagem, tanta imundice? Se for, seria só aquele que eles pregam, com toda essa conversa furada para boi dormir.

## **A ÁRVORE AZUL**

Autobiografias estão entre as coisas mais chatas e antipáticas da literatura. O ato de o ego escrever sobre si mesmo com o fim de obter lucro fica num nível inferior à própria prostituição. A venda de uma imagem de si mesmo se dá freqüentemente em ditas personalidades que, ao fim da vida, tentam arrecadar os últimos trocados possíveis contando estórias da própria vida como auto-afirmação da finalidade de sua existência, justificativa para certas ações ou decisões tomadas no transcurso desta ou, simplesmente como exposição pública de suas intimidades com fins promocionais implícitos. Mas sempre o fim último almejado é a arrecadação de dinheiro.

Também não pode ser diferente, com o sistema que rege hoje as produções literárias. Não consigo imaginar alguém que queira publicar a própria biografia auto-interpretada pela simples razão de publicá-la para que seja lida por outros, sem receber dinheiro por isto. Isso não existe. Não é como o poeta que escreve os versos que saem de sua alma e sonha com vê-los impressos; nem é como o escritor que pare um romance, uma história fictícia para entreter ou ensinar outros; não é como a pessoa que se dedica às letras porque acha que tem uma mensagem mais ou menos importante para transmitir.

É claro que estes casos não necessariamente sejam alheios à vontade de ganhar alguns recursos materiais a partir do dinheiro arrecadado; ou de procurar fama, reconhecimento social ou coisa parecida. Afinal, isso dá uma certa sensação de poder, coisa que os humanos perseguem com afinco. Mas também não se pode botar num mesmo recipiente os escritores profissionais que fabricam um best-seller atrás de outro, junto a certos avantajados personagens que superam a mediocridade de uma literatura criada para a imbecilização massiva do gênero humano, como é tendência atual num planeta cuja consciência é uma realidade virtual que está cada vez mais longe da objetividade existencial que se poderia (deveria?) esperar ser encontrada em seres que se acham tão superiores.

Vêm aparecendo, no meu minguido intelecto, pensamentos relacionados com o tema que começo a expor, por certas e repetidas insinuações de algumas pessoas que acham que eu deveria escrever minha biografia. É certo e verda-

deiro que passei por uma série de experiências durante o decorrer de minha existência terrena, as que não são – digamos assim – muito comuns. Isso em minha comunicação e relação com todos os que vou encontrando na estrada de minha vida.

Sempre vi uma autobiografia como o ato derradeiro, o último da vida, como se fosse aquela experiência do filme que alguns afirmam que se projeta na tela de nosso olho interior no momento final do que chamamos vida, justo antes de dar o passo em direção daquilo que ainda ninguém alcançou a descrever ou explicar de forma absolutamente satisfatória para todos e que costumamos de chamar de **“morte”**. Quero dizer que uma autobiografia não se escreve na juventude, quando não se espera, nem se pensa na possibilidade e/ou na realidade da morte. É um ato realizado por pessoas já idosas e, sempre, por pessoas com experiências variadas; nunca por pessoas comuns, com vida comum que se acende e se apaga sumida na nulidade das massas amorfas.

O fato é que estou rapidamente chegando numa idade que é considerada avançada para os padrões atuais de sobrevivência neste Planeta Terra. Daqui a pouco vou registrar sessenta anos de permanência neste lugar do universo. Para muitos é o fim da picada. Consideram que já tudo foi feito, que nada mais tem a esperar a não ser aquele passo último que cada um interpreta a sua maneira para dissimular o medo. Também não tem iniciativa nem coragem de aprender alguma coisa nova e/ou diferente.

Não sei como é o registro interno da idade dos outros, mas eu não consigo sentir o peso dos anos, da experiência, das frustrações e nunca senti que tinha a idade que sempre tive. Não me sinto velho nem jovem, ou velho e jovem ao mesmo tempo e já me vi exclamando “*porra, sessenta anos por aqui*”, do mesmo jeito que encarei os 15, os 40, os 53, os 18, 21, 30, ou qualquer outro desses 60 números desde que tive consciência que aqui a idade se conta por anos solares terrestres. Tanto faz, eu não tenho idade. Posso pensar, há coisas que lembro, há coisas que registro, há um futuro que ainda não conheço, como não conheço o momento da minha morte e até então só posso seguir vivendo e fazendo alguma coisa para me opor ao tédio de uma vida vazia, sem significado nem consequência.

Não é só isso. Também existe a sobrevivência física propriamente tal. Não é só pensar, o que me demonstra que existo. A barriga cheia também o faz, tal como o registro de paz por dispor de um abrigo acolhedor onde possa juntar meus pertences, protegidos do clima e da cobiça alheia. O ato de pensar é somente relativo a um universo que não é físico. A consciência da existência nos coloca em contato com uma realidade concreta e orgânica. O pensamento, relativo ao corpo, é como a Internet, em forma relativa ao Planeta. Estamos reproduzindo o nosso cérebro numa rede planetária de ligações que, ao toque de alguns botões, nos reproduz traços de nossa memória, de todo o que conseguimos acumular de conhecimentos em alguns poucos milhares de anos-bytes de existência.

Mas nem um nem o outro cérebro tem consciência de si mesmo. O nosso ainda tem a qualidade/a capacidade de co-tejar dados com a realidade física de um mundo que se apresenta como verdadeiro porque pode ser registrado por nós através dos sentidos que possuímos, ainda que as limitações destes façam a canalhada de nos distorcer ou ocultar os fatos, expondo a humanidade a perecer nas contradições produzidas.

Longe de ser irrelevante como uma autobiografia, a comunicação sobre o estado do planeta e sobre as condições de sobrevivência da humanidade é de vital importância.

**Mas isso não dá dinheiro, dizem as editoras.**

**Mas isso contraria os interesses dos poderosos, dizem os lacaios receosos de perder miseráveis mordomias.**

**Mas isso dá em nada, nunca deu, dizem os babacas ignorantes que não conseguiriam encher uma página com todos os dados de sua biografia, suas experiências e todos seus conhecimentos unidos.**

**Mas isso bate de frente com preceitos religiosos, dizem os covardes que se escudam atrás da vida mansa na ilusão de uma verdade mal digerida.**

**Mas isso não é prioridade do partido, criticam os arrivistas de plantão, baseados em escrituras antigas, dos tempos em que circunstâncias, conhecimentos e prio-**

**ridades eram muito diferentes a este momento de agora mesmo.**

**Mas isso, agregam os pusilânimes, os egoístas, os cegos de alma, os gozadores da luxúria, os derrotistas, os niilistas, os... enfim, os que nos empurram ao instante fatídico, fatal, de nossa extinção.**

Ora bolas, que sentido há na vida se no momento do último filme vamos assistir à última cena da destruição de tudo o que conhecemos, sem nenhuma possibilidade de legar a autobiografia de uma humanidade que preparou e encenou seu próprio holocausto?

Sempre que começo a escrever outra vez de novo me persegue o fantasma da fome. Não é que quando não escrevo este não esteja presente, só que parece se acentuar nas horas que pego uma caneta no mais puro estilo antigo e começo a tecer letras em algum caderno ou folha qualquer de papel. Meu aceso restrito à tecnologia moderna só me permite uma ocasional digitação e cópia dos originais manuscritos. Mas a fome está sempre presente desde a infância quando já pensava que escrever seria o que realmente eu queria fazer, até hoje quando deixo a roupa sem lavar e nem passo uma vassoura pelo chão da casa, para pegar outra vez de novo a caneta e encho de letras um belo caderno que consegui comprar usando uns míseros reais que poderiam ter se transformado em alimento para o corpo. A saudade de comida me atrapalha o pensamento, me desvia do tema que quero desenvolver, me deixa inerte, bambo, triste e revoltado. Pratos gostosos que comi desfilam pela tela

de minhas lembranças, me apetecem coisas que vi outros comer, que sei estão ali ao alcance de qualquer um que possa pagar por elas.

A fome é parte de minha biografia. É a lembrança mais forte de minha adolescência no Chile, de um tempo de juventude que passei no Rio de Janeiro, de momentos, passagens, por Buenos Aires, Madrid, San Francisco e outros lugares, como agora aqui, em Foz do Iguaçu, e faminto não só porque estou escrevendo.

As possibilidades de sobrevivência diminuem proporcionalmente ao aumento da idade das pessoas, coisa que todos sabem, pois após dos 40 anos e idade o sistema restringe o acesso a fontes de trabalho. Só piora o que já está ruim. É coisa revoltante e desumana imposta pelos sacerdotes do deus Dinheiro, que só pode se manter com a reprodução do lucro e o esquema só funciona com uma certa percentagem de desocupação. Mas também não é só isso nem a influência nefasta na ordem da vida exercida pelos ávidos sacerdotes serventes de não menos ávidos empresários, banqueiros e politiqueiros. Cada vez que, a custa de muito trabalho e sacrifício, conseguia colocar bases de uma estabilidade, mudavam as regras do jogo e voltava à situação inicial, tendo que começar tudo de novo, e isso nunca foi fácil e cada vez está se tornando mais difícil. Hoje resumo assim: a partir dos quarenta a pessoa é descartável. Passando dos 60 está totalmente descartado, não existe mais, nem aparece nas considerações sociais gerais; passa a ser um cidadão virtual da MatrixMater.

A manipulação desvergonhada da economia e o inexorável avanço da idade tampouco explicam a totalidade da situação, que foi piorando mais depois de sofrer um par de quedas que me produziram algumas quebras de ossos no joelho direito. Hoje sou considerado “deficiente” e isso é um estigma discriminador em qualquer lugar que possa oferecer uma atividade remunerada de qualquer tipo, e isso só porque minha perna não estica por completo e tenho que usar um apoio – uma muleta canadense é mais cômoda e segura que uma bengala comum.

Nem todo o exposto consegue explicar a mim mesmo a situação, mas acho que o que mais me veda o acesso a uma vida menos sofrida é minha própria atitude frente ao mundo, frente às coisas que estão acontecendo da forma que acontecem, frente à estrutura que está se impondo à sociedade e à forma que assumiu a economia do planeta. Não é possível me adaptar ao mundo que se oferece ante meus sentidos, nem posso aceitar certos fatos que percebo. Não tenho dúvida nenhuma que esse é o maior empecilho que entrava meu desenvolvimento material. Não me servem justificativas filosóficas ou religiosas que tentem explicar a validade do enriquecimento, da vida folgada, da barriga cheia e do coração contente, quando tudo isso acontece a custas do sofrimento na miséria material, moral e espiritual de bilhões de outros seres que estão mais famintos e desamparados que eu mesmo aqui e agora.

Num artigo de jornal estou lendo que 7,3 milhões de pessoas controlam um terço da riqueza do planeta e estão ficando cada vez mais ricos, influentes e poderosos. Os bilioná-

rios – em dólares – são apenas 425 pessoas e destas 247 vivem nos Estados Unidos.

Vejam os. Ainda que possamos aceitar/admitir que ser rico não seja coisa ruim, é difícil – muito difícil mesmo – entender para que alguém pode precisar tanto dinheiro e posses. Realmente não tem lógica nenhuma e enquanto mais se examine a questão, menos se entende.

Mas tudo bem, que sejam ricos se quiserem. Isso não é o problema. O que representa questão preocupante é a forma que se emprega para chegar à riqueza; forma no trato com seus semelhantes (porque são a mesma coisa que todos nós) e a forma de trato do lugar que todos temos para viver. É por ali que reside(m) o(s) problema(s) provocado(s) pela riqueza, seja esta individual ou de certas empresas e nações. Só o fato de que sete milhões de pessoas, população de uma cidade nem muito grande no mundo de hoje, detenha o poder que deixa na miséria absoluta mais de dois bilhões de seres humanos, já é causa para, pelo menos/no mínimo, questionar a legitimidade da situação. Mas só questionar não é o bastante, como não basta só questionar as consequências ambientais dessa irracional acumulação de riquezas desmedidas. Estou achando mesmo que uma espécie que aceita isso tudo que está acontecendo, sem se insubordinar à tirania imposta, não merece a sobrevivência.

Esse é o panorama que estou observando há muito tempo: o aumento do sofrimento das pessoas, pejorativamente chamadas de povo ou povão, e o aumento da destruição do

único bem comum, que não nos é dado compartilhar em forma igualitária e justa. Isso tudo decorrente de uma dorrida competitiva em prol da acumulação de coisas, por alguns indivíduos que, qual anjos do mal, não se detém em implementar as piores e mais nojentas artes e manhas para satisfazer os desejos atiçados por suas consciências enfermas.

É claro que, se alguém vê o mundo através deste prisma, resulta difícil se integrar em círculos que se desenvolvam com preceitos que não questionem o assunto ou, pior, funcionem abertamente em concordância com as propostas deste sistema alienante e anti-humano. Assim, automaticamente, é a gente que se marginaliza, não se integra, rejeita propostas por “estúpidas” razões éticas ou morais, foge de oportunidades porque prejudicariam outros, já seja diretamente ou através da destruição de componentes de nossa biosfera.

A extensão das implicações sociais, políticas, religiosas, ecológicas, filosóficas e demais, é tão grande que deixa o indivíduo quase que totalmente isolado, mais isolado ainda que na mesmice desta sociedade anticomunitária e narcoticamente alienada, na qual nos encontramos.

Que valor tem a autobiografia de um pretense escritorninguém, ante a avacalhante realidade que nos rodeia? Autobiografia se escreve quando não se tem mais tema, mas bem sei que não faltará leitor que se sinta recompensado ao ler que minha primeira viagem internacional foi realizada

quando eu contava com seis meses de idade. Parti com minha mãe desde a cosmopolita e ainda graciosa cidade de Nuestra Señora de los Buenos Aires, viajando de trem até o povoado de Bariloche, já então meta de adeptos ao esporte do esqui na neve e outros ricos burgueses que gostam de curtir o frio do inverno nos aquecidos hotéis e nas acolhedoras pousadas do lugar.

Prosseguimos a viagem a bordo de um ônibus que no ano de 1943 não era dos mais novos (parecia um ford36); atravessando o Paso Puyehue em direção a Osorno, no Chile, onde residiam minhas avós e meu avô materno. Ficamos um mês nessa cidade e voltamos ao ponto inicial pelo mesmo caminho.

Até hoje acredito que tive consciência dessa viagem, que não me lembro da parte feita sobre trilhos porque dormi o tempo todo, mas que foi tão prazerosa que até hoje gosto mais viajar de trem que em qualquer outro meio de transporte. Também tenho certeza que as imagens que tinha da viagem foram apagadas quando alguns anos mais tarde vi algumas fotos que alguém tirou em alguns lugares. Havia visitas em casa, eu com uns três anos de idade, e mamãe mostrando umas imagens dela com um nenê no colo, a neve, sim tenho lembrança da neve, mas essas imagens não estavam na minha memória, eram de outro ponto de vista. Tentando recordar apaguei o que tinha e salvei as fotos no lugar.

Pior foi que não reconheci meu pai quando voltei, apesar de ter transcorrido um mês apenas. Dizem que o velho, frus-

trado, meteu um tapa na minha cara e aí sim, o reconheci e falei “pai”. Também nada garante que eu não ia falar pai para cada um que me desse um tapa. Foram tantos tapas e porradas que daria para encher um livro inteirinho só disso. Uma razão a mais para não adentrar muito na minha história pessoal, para também não chatear o leitor.

Das lembranças mais antigas que guardo comigo, lembro que fiz minha primeira piada consciente quando tinha três anos de idade e já sabia assoviar e tentava acompanhar o mecânico do lado de casa que fazia música com um serrote. Meus pais me proibiram voltar a vê-lo quando descobriram que cheirávamos gasolina – eu gostava mesmo do barato – e nunca, nem os velhos, acreditaram que aquela piada tinha sido proposital e não um trocadilho de duplo sentido dito por acaso de forma inconsciente por uma criança “inocente”.

Naquele casarão de madeira de dois andares, onde a gente morava, em Frutillar Alto, frente ao moinho de trigo propriedade do tio que empregava meu pai, residem as lembranças mais antigas que eu possuo gravadas na memória, vividas nem que hoje de manhã ou ontem à tarde. O natal quando tinha dois anos ganhei um monte de soldadinhos de chumbo e os fiz desfilar no piso da sala. Bosta, que saco, tem que empurrá-los, não se movem, a banda nem faz som, não quero milicos. Claro, sim pensei nessas palavras, no alemão que era então minha única língua conhecida, além de algumas poucas palavras em castelhano/espanhol de sotaque local. Aprendi que tinha que aprender a brincar com o que me davam.

Meu aniversário é um mês antes de natal, pelo que não sei precisar a data com muita certeza, mas foi naquele tempo – ou pouco mais - que ganhei uma caixa de lápis de cor, daqueles Faber, e um livrinho daqueles que uma página tem um desenho colorido e na outra em frente o mesmo desenho para a gente colorir. Em casa era tudo muito formal e fui instalado numa mesinha frente a uma janela, com o livrinho, os lápis e as instruções do que devia fazer. Enche de amarelo o sol, enche de azul o céu, enche de vermelho o telhado, enche de amarelo as paredes, enche de marrom tronco da árvore e de verde a terra, e assim por diante.

Fiz o primeiro como se fosse tarefa do colégio pra casa (digo isso hoje, pois não empolguei muito com o esquema). O segundo quadro apresentava uma frondosa árvore, logicamente com folhas bem verdes. Sem pensar muito, mas com uma íntima satisfação que ainda posso sentir, pequei o lápis azul e preenchi as folhas todas com essa cor. Senti mesmo que estava criando, sempre soube isso daquele momento. Já estava pegando o lápis amarelo para usá-lo no céu, quando o pai apareceu para controlar meu progresso. Grande foi seu espanto quando viu o que viu, aquela grande árvore azul. Desaforado gritou “VOCÊ NÃO PODE FAZER ISSO” e eu respondi “SIM POSSO, VEJA SÓ”, e nem terminei de falar quando a porrada caiu sobre mim e “NÃO ME RESPONDA CARALHO QUE ÁRVORE VERDE SE PINTA VERDE E PRONTO”.

Nesse momento entendi a diferença entre poder e dever, e a diferença que as formas de educação podem produzir. Magoado tentei argumentar que... mas deixa pra lá, naquele momento mal estava aprendendo a falar, fui castigado

por insolente porque a pai não se responde e até hoje não faço o que não posso e se posso faço até o que não devo, como agora, quando escrevo desconfiado da fome e da humanidade que não quer saber que sua atitude a condena a morte.

Pode ter ficado mais ou menos claro que tentaram me educar dentro de certos padrões e se os tivesse seguido a risca o mais provável é que nunca tivesse escrito coisa nenhuma ou, pelo menos, agora estaria escrevendo minha autobiografia e nunca sobre temas tão controvertidos como aqueles que estou encarando há anos. Mas aquela árvore azul e o tapa subsequente marcaram a minha vida. Fez um bem danado.

Aprendi cedo que eu posso ir além dos padrões, além do que é aconselhável pelas “sadias” mentes burguesas, posso ir além das árvores verdes e os céus azuis e límpidos, posso dizer que o que aparenta ser vermelho não é mais que sujeira, poluição da mente e se afirmo que o branco é realmente preto não é para enganar ninguém distorcendo a realidade objetiva, mas para afirmar aquela rebeldia que me nasceu das porradas que recebi durante longos 19 anos e das injustiças que sofri, me tocou observar e recebo notícias diárias durante mais de meio século. Parece tempo pa caramba e não é mais que nada ante as besteiras imundas que nos foram legadas por nossos antepassados, desde os primeiríssimos que apareceram nos mais antigos anais que ainda conservamos.

Comparando, a mim não aconteceu nada. Estou vivo e posso ficar de cabeça fria, escrevo com a paixão contida usando minhas limitadas faculdades, escapulindo dos vandalismos que fizeram sucumbir milhões de camaradas, companheiros, amigos – conhecidos e desconhecidos – só nestes poucos anos que estou por aqui, e sem contar os mortos das épocas anteriores. Não é coisa de me queixar por mim. Recordar os que caíram, sim, e os que estão caindo também, mas o problema crucial está na nossa frente no tempo, porque tenho uma convicção íntima, forte, absoluta: assim como está indo não vai mais. Está tudo errado e temos a capacidade de concertá-lo.

É sobre isso que não deveria escrever. Essa é a árvore azul que está comigo e que deveria colorir verde para fazê-la palatável ao sistema e assim ganhar algumas migalhas que me assegurem uma velhice sem sobressaltos, um presente diário sem fome e sem contas que não possam ser pagas. É só mudar a temática, porque escrever acho que posso, que sei escrever e que ainda posso melhorar e que não me falta imaginação para criar um best-seller como me mostram meus sonhos, minhas fantasias, nos meus tão freqüentes e prolongados períodos de inatividade. Não, não me engano com a ilusão de um Nobel ou similar, mas sim acredito que dava pra ganhar a vida, como dizem, e está claro para mim que gostaria simplesmente escrever histórias, fictícias ou verídicas, mas todas elas com a qualidade de ser apreciadas pelos leitores, tal como um músico cria e executa uma série de sons, outros fazem teatro, se dedicam à dança, pintam ou desenham, sempre com o fim de dar algo de bom para

outros humanos porque o fim último da arte é a dádiva, como no amor.

Imagino até que poderia inventar um romance onde poderia expressar o que penso e sinto através de uma trama rebuscada e seus personagens. Foi o que pensei, no princípio e até comecei escrever assim uma vez que tive uma idéia que persegui durante bastantes anos. Mas hoje reconheço no meu íntimo que a coisa não é bem por ai. Sinto que me nasce a necessidade de dizer as coisas na cara, diretamente, e não através de personagens inventados, intermediários de uma comunicação que pede uma relação mais direta que a leitura de um romance.

Assim dito, não me cabe dúvida que eu tenho alguma coisa a dizer, a transmitir para outras pessoas que, como eu, estão vivas neste momento e residindo e resistindo no mesmo Planeta onde eu me encontro. Sinto urgência por expressar o que ainda está guardado dentro de mim porque pessoalmente acho o assunto importante para toda a humanidade.

É isso ai sem modéstia nem sublimação, deixando claro que não tenho, em absoluto, pretensões messiânicas, nem me considero um sábio, um iluminado, nem profeta, nem portador de uma missão qualquer, nem faço isto para conseguir fama, poder ou dinheiro. Ou algum dinheiro sim: preciso sobreviver.

Simplesmente faço porque simplesmente é o único que posso fazer da maneira e do jeito que estou fazendo: faço

por gosto e por necessidade interna, não por necessidades ditadas pelo exterior, a não ser quando considero este nosso Planeta que está morrendo e quando me refiro aos bilhões de pessoas que estão sofrendo porque identifico seu sofrimento com o meu e vejo que a causa é comum a todos nós e assim dito, a solução só pode surgir de uma ação que seja comum a todos nós e isso é assunto de extrema complexidade, tanto no mundo atual como sempre foi, ainda que anteriormente em escalas bem menores.

Como pode ter entendido o leitor que enxergue “*entre as linhas*”, minha origem se remonta ao seio de uma família que se estruturava e desenvolvia dentro dos valores burgueses. Naquele tempo falava-se de classe média alta e baixa. Os que não tinham carro nem casa própria eram média baixa, o que corresponde à classificação de minha família original. Apesar de nossas evidentes dificuldades financeiras, frequentei um colégio caro, graças à bolsa com que me agraciaram por ter sido meu avô paterno um dos fundadores da instituição. Não soube me aproveitar da oportunidade, pois fui expulso por mau comportamento ao fim do sétimo ano de estudo. Considero o fato hoje com agradecimento ao destino, sendo que me evitou pertencer a um grupo elitista, racista, discriminador e explorador da sociedade. No colégio não tinha preto nem índio nem asiático e não entendo como é que tinha um companheiro judeu se até nosso uniforme era marrom.

Em casa o pai impunha a exclusividade da música clássica, sempre que o compositor ou intérprete não fosse judeu. A porta de casa nunca se abriu a um pobre ou a quem mos-

trasse no físico os traços que o identificassem como descendente de misturas de sangue que formavam o povo daquela nação. Digo não até anos depois, quando o velho, tardiamente, começou a se adaptar à situação social do lugar.

Comecei a aprender espanhol com seis anos de idade e com quinze ainda tinha sotaque alemão, mas também o alemão que falava tinha se deformado no que ainda hoje é conhecido como alemão-chilote, falado pelos descendentes dos imigrantes trazidos pelo governo chileno nos idos 1851-52.

Chegaram primeiro em três navios, apinhados os selecionados artesãos, camponeses, profissionais, professores, pastores luteranos e demais, à terra que o governo lhes designou. Um ministro mostrou no mapa “DE AQUI ATÉ AQUI É TUDO DE VOCÊS E SE VIREM”.

Era uma selva mais antiga que os índios que de lá tiravam seu sustento. Com as ferramentas primitivas daquele tempo, os imigrantes teriam tardado gerações em limpar o terreno, para plantar e criar gado. Um destes teve a grandiosa idéia, outro o acompanhou na empreitada e, com o riscar de alguns poucos fósforos, iniciaram um dos maiores fogos que já foi visto neste Planeta. Cento e cinquenta quilômetros de comprimento, pela largura do país, foram calcinados para dar espaço à nova cultura.

Foi nesse espaço onde me criei até os onze anos de vida e participei, no ginásio do colégio, da festa que comemorava os cem anos da imigração e da agressão criminosa.

Isso faz parte do karma da raça que a gente leva consigo e apenas agradeço que os descendentes diretos desses caras nunca tenham se cruzado com minha família, para fazer a coisa pior ainda.

Claro que nem tudo foi destruído e ainda hoje sobram algumas manchas de mata original. Os morangos originários daquela região espalharam-se mundo afora e passaram de ser uma espécie selvagem, a ser criados em forma quase artificial. Daí o nome de Frutillar (morangal) que tem uma cidadezinha à beira do lago Llanquihue, frente ao vulcão Osorno, que parece gêmeo do Fujiyama, onde passei os primeiros anos de minha infância.

De criança tomava banho nesse lago ou passeava de cavalo na fazenda do tio, a meia hora de carro dali. O tio trocava Mercedes todo ano, até o terremoto do ano 60, quando os negócios começaram a não dar certo e até nossas férias anuais na fazenda foram interrompidas. Daquele tempo conservo algumas poucas lembranças agradáveis, como cavalgadas nos trigais de ouro, as árvores carregadas de maçãs, pêras, cerejas, os morangos silvestres e as amoras, o gosto da manteiga “de verdade” e alguns passeios a lugares mais agrestes, primitivos, quase intocados.

Mas isso tudo por trás da sombra opressiva da tirania disciplinar fundamentada na moral protestante luterana e germânica. Sempre sabia, sentia, que alguma coisa não estava certa, mas ainda não via o sol no meu horizonte; mas sempre havia uma sensação, um reconhecimento, que eu não era como esses aí queriam que eu fosse e não me digam

que não tentei, se até cheguei a desfilar com botas, calça preta, camisa marrom e suástica no braço.

E também não me venha com que eu deveria sentir vergonha e arrependimento disso, porque sempre experimentei as coisas para saber bem como eram, ingressando e participando em vários partidos políticos e igrejas de confissões diferentes, como também cheirei pó, fumei coisa, engoli comprimidos diversos e chás de folhas, cogumelos, raízes e flores, simplesmente para poder dizer que isso realmente não presta, não leva a nada – meu filho, meu irmão, meu amigo (a) – deixa pra lá que o verdadeiro barato vem por outra via.

Bom, minha infância e minha juventude não me revelaram muita coisa mais que o meu gosto pela literatura; mas também não aprendi a escrever e nas redações e composições escolares fui uma negação total. Enrolava-me todo e cedo descobri que era prisioneiro do medo e fazia as coisas mais absurdas sem conseguir me livrar dele. Lia tudo o que podia conseguir, desde os gibis mais abastados até quase todos os filósofos que aos quatorze anos me deixaram ainda mais confuso.

De que me servia saber o que um ou outro escreveu ou declarou, se não havia uma conclusão unitária que desse uma luz definitiva ao assunto? Não parei de pensar e procurar, passando pela igreja católica e com dezoito anos concluí que nem Roma nem “O Capital” serviam de grande coisa, prevendo já que ia acontecer o que aconteceu trinta anos depois com a União Soviética e por isso nunca consegui ser

um marxista-leninista, nem trotsquista, nem cristão; ainda que sim socialista, anarquista, comunista, humanista, pois achei outros autores e pessoas que me mostraram as coisas desde um ponto de vista que consegui entender melhor.

Foi por esse tempo que dei um passo decisivo, é dizer: um soco bem na cara do pai, que teve como consequência meu abandono do lar primeiro. Visto à distância, o soco deve ter sido o ato que começou a liberação, mas ainda demorou muitos anos chegar onde almejava. Não é que me mandaram embora, mas eu fui me procurar pelas estradas do mundo, pelas casas estranhas, pelas reuniões de todo tipo, pelas relações com centenas e milhares de pessoas, pela participação em experiências diferentes e até contraditórias, trabalhando, estudando, lendo, bebendo, viajando, passando fome, frio e calor extremos, casando e descasando várias vezes, até que um dia, quase dez anos depois, de repente cai em conta que nasci agora, sou uma pessoa nova, diferente, sem os medos me atrapalhando, sem os temores me perseguindo, sem as dúvidas me enchendo o saco, e então tive que começar a aprender a viver num mundo que era novo para mim.

Tive que começar do princípio, pois era a primeira vez que me conhecia, sabia de minhas forças e fraquezas, capacidades, possibilidades e limites, sem o medo, sem a angústia de sentir o autoritarismo opressivo que me foi imposto de forma tão abjeta. Senti-me livre e seguí viajando, conhecendo outros países, outras culturas e pessoas com mentalidades e culturas nunca imaginadas por mim.

Assim tive que aprender a respeitar e valorizar positivamente coisas que freqüentemente vão em contra do que achamos certo, correto ou bom, dentro de nosso contexto particular. A diferencia quase sempre só é ruim pra quem não quer enxergar, pra quem não quer entender, pra quem é tão ignorante que acha sabé-lo tudo.

Nesses traquejos pelo globo planetário aos poucos fui me interando dos problemas que estavam surgindo em relação ao meio ambiente. Há quase trinta anos comecei a conhecer pessoas e ter relações – primeiro superficiais e ocasionais – que tinham opiniões estranhas, porque novas, sobre a ecologia do planeta.

Foi nos estados Unidos, em meado dos anos 70, que conheci o perigo que apresenta o uso de CFC para a capa protetora de ozônio, e participei em modestos movimentos que de alguma maneira contribuíram para que aquele gás fosse banido dos frascos de spray. Éramos apenas uns poucos malucos doidos numa pequena cidade de um Condado da Califórnia, mas nos sentíamos recompensados e poderosos e partícipes importantes de uma ação que deu resultados positivos a nível internacional.

Nesse tempo ainda existia uma efervescência cultural popular, que criticava duramente o sistema, além de um convencimento que a besta, ou o império, estava com os dias contados e que nós ainda íamos testemunhar a nova sociedade, que afinal ficou soterrada no cantinho onde se guardam as ilusões mais queridas.

O flower-power estava, nesse tempo, agonizando asfixiado pelo sistema, mas por todo lugar pipocavam brotos nascidos daquela planta que soube demonstrar que a liberdade, a irmandade e a igualdade eram possíveis, que um mundo diferente-porque-pacífico podia passar de sonho pra realidade só querendo, e que foi esmagado pelos mesmos que hoje controlam a opressão, a violência, a exploração, a corrupção e as vidas, as almas de todo ser vivente.

Digo isto por nada e não pretendo afirmar que a fórmula hippie seja um ideal que represente uma solução viável ou válida. Mas, só pra acentuar que depois dos protestos estudantis dos anos sessenta, das tentativas revolucionárias dos anos setenta, parece que sumiram as tentativas sérias com ares de renovação. O sistema engoliu tudo, ou quase tudo. A imbecilidade se aprofundou no espírito humano e os antigos jovens que queriam mudar tudo foram mortos ou servem ao sistema e assistem todo dia a novela das seis, das sete, das oito, os jogos de futebol e os programas de sacanagem explícita com que a TV pública serve a cultura popular.

### **PORRA, QUE ACONTECEU ONDE É QUE FOI PERDIDO O ELO?**

Nunca tive saudade do sitio onde quem quisesse podia andar pelado, fumar maconha à vontade ou tomar banho de chapéu; mas ainda hoje tenho mais simpatia por isso que por um grupo de pessoas ignorantes e sem critério ou respeito por nada se aglomerarem numa cidadezinha do interior onde não passa dia sem assassinato, assalto, roubo, seqües-

tro, estupro, onde o povo passa fome e ninguém se importa, onde se cortam as árvores para passar fio elétrico, se coloca veneno na terra para que nada cresça e não se tenha o trabalho de limpar, onde os rios e córregos estão entupidos de lixo, merda e resíduos químicos, por puro desleixo, despreocupação, falta de respeito e degradante ignorância de seus habitantes.

Pois é isso mesmo: não é que andar pelado ou fumar erva vai ajudar a mudar o mundo, mas sim existem outras formas mais coerentes com uma objetiva condição humana, que realmente podem melhorar a vida das pessoas. É mesmo muito fácil fazer afirmações deste tipo, como se fosse fácil descrever um mundo que não apresente os disparates anacrônicos do atual.

## **OS CRETINOS**

Milhões, muitos milhões, milhões multiplicados por milhares de pessoas passam fome, morrem de fome, doentes sem atendimento adequado, ignorantes sem acesso à educação e à informação, iludidos sem esperança nem possibilidades, nascendo e morrendo na pior miséria, só porque os senhores da Terra exploram as riquezas em benefício próprio, para sustentar sua luxúria desvergonhada. Milhares de milhões fazem os bilhões, neste caso seres humanos, gente, pessoas expostas ao sofrimento e à dor por causas que estão claramente à vista de qualquer um de nós.

Fome, doença, ignorância, vidas sem perspectivas, vidas sem sentido, vidas martirizadas, vidas humanas imoladas por e para o mal que nos oprime, aqui neste Planeta que não é inferno nem paraíso, mas nosso único lugar de residência possível.

Nossa Terra, nosso Planeta, nosso Lar invadido por uma quadrilha de arrogantes tiranos criminais que enchem suas panças, entrincheirados nos seus castelos, invocando deuses heréticos para justificar sua corrupção; invocando as tropas armadas para justificar e defender os direitos que somente eles mesmos se outorgaram.

Miséria e destruição é o legado de nossos dirigentes políticos e econômicos. Mentira, engano, coerção, corrupção são suas armas mais suaves. Morte, assassinato, prisão, tortura, são as medidas mais fortes que empregam para sustentar suas posições privilegiadas, irracionais, criminais em extremo. Eles sabem o que fazem e se sentem orgulhosos de isso e riem daqueles que eliminam covardemente.

Somos governados por ladrões e assassinos. Os governos estão tomados por pessoas que protegem seus próprios interesses pessoais e aqueles interesses dos poderosos e suas gangues. São pessoas imorais, verdadeiras doentes mentais, peste maldita que assola a humanidade. Orgulhosos de sua imbecilidade passeiam pelo Planeta convertidos em donos da vida, policiais e juizes da morte.

São os cretinos que subjagam até o último átomo da consciência humana.

São os ganhadores de uma guerra que somente eles querem.

São as aberrações abjetas do pior que pode existir.

E nós, pior do que eles, porque os aceitamos calados, sem protestos nem rebeliões, sem tentar melhorar essa situação de extrema degradação que estamos atravessando.

**SERÁ QUE NÃO É POSSÍVEL VER,  
SEQUER ENTENDER,  
O PERIGO QUE ENFRENTAMOS?**

Nossa extinção sumária está chegando a passos de gigante. Estamos correndo em direção a nossa destruição total. A destruição de todos e d'eles também, ainda nos queiram fazer crer que não, ou que eles acreditem que sobreviverão, ou que seus netos ainda encontrem um lugar neste Planeta onde a vida seja possível.

Eles, os usurpadores do poder econômico, político, religioso, não se importam com o sofrimento de povos e nações; não se importam com a morte de milhares de milhões de pessoas. Pelo contrário, enquanto mais mortos, mais sobra para eles e seus descendentes, pensam e acreditam.

Mas ao mesmo tempo em que matam e deixam morrer, sua ambição cretina também está destruindo o lugar onde poderiam sobreviver. Podem, sim, adquirir uma sobrevida,

mas correm o verdadeiro perigo de ser exterminados da mesma forma que os imolados antes do que eles.

Assim, seguindo a filosofia da sobrevivência do mais forte, estão cavando seus próprios túmulos. É em vão que estão construindo e sustentando esta civilização caótica, imbecil e degenerada.

Pode ser que a esperança nos engane ou iluda com uma luzinha, ou pode ser que sim seja possível que a humanidade, de alguma maneira, consiga superar este momento, esta situação tão extremamente crítica. Gostaríamos acreditar que isso seja possível, ainda que pareça mais difícil a cada dia que passa.

Se o acontecer do desenvolvimento histórico nos preservar neste Planeta, sim é certo que a lembrança desta época servirá como exemplo do pior que aconteceu à espécie humana em toda a sua existência.

Se no futuro – ainda possível – alguém se referir a estes tempos presentes, será com dor e vergonha, será com a certeza mais íntima que nunca, nunca por todas as eternidades possíveis, o gênero humano poderá repetir os atos dos cretinos.

Se a gente sobreviver. Não é se eu, você, ele, ela, sobreviverão. Todos morreremos e não é possível duvidar disso; mas sempre a vida sucedeu à morte, em toda espécie, até que esta se extinguiu. A isso é que me refiro: NOSSA ESPÉCIE ENCONTRA-SE EM ESTADO TERMINAL.

O pior do caso (ou podemos até afirmar que é nossa sorte) é que não acontece isto por influências ou causas externas a nós, mas por causa do próprio comportamento da espécie. É justamente neste detalhe que reside a chance, a possibilidade de superar a situação que agora se mostra tão negativa.

Não são extraterrestres invasores que querem nos aniquilar, como num videogame ou jogo de computador qualquer.

Não são as forças superiores e incontroláveis da natureza que nos ameaçam.

Não são deuses onipotentes que decretaram nossa extinção.

Não existe nada externo a nós humanos que nos pressione ou nos obrigue a abandonar o cenário da criação.

Simplesmente o estamos fazendo por decisão própria, como excelentes cretinos suicidas. E é justamente por isso que ainda podemos dispor de um pequeno retalho de esperança.

Pouco poderíamos fazer contra males que nos fossem infringidos desde fora, mas aquele mal que nós realizamos, somente nós mesmos podemos corrigir. Se o mal está em nós e é produzido por nós, também a solução a nosso mal

não virá de fora. Tal como a produção do mal, a cura deste está em nossas próprias mãos.

A razão de afirmar que nossa chance de recuperação é pequena se apóia no fato/na realidade, que nos mostra o estado avançado da ação destrutiva por nós empreendida. Para um observador pessimista pareceria que não há forma de retificar o caminho. Há muitas coisas envolvidas, é muito complicado, grandes demais são os obstáculos e os desafios, poderosos demais os poderosos, muito fortes os interesses contrários, quase insuperável a imbecilidade dos cretinos e a ignorância dos enganados.

Assim, do jeito que está, é melhor dormir, pegar uma migalha e sobreviver mais um dia sem pensar nem atuar, escondendo o sentimento embaixo do manto sagrado das imagens que o sistema envia pela televisão, ou nas drogas que o sistema permite em forma legal ou ilegal, ou em qualquer religião concubina do sistema que nos martiriza e condena.

Encarar a realidade objetiva que se observa sem esses véus distorcedores é um desafio grande, mas o desafio maior é atuar de acorde com a consciência esclarecida pelo que percebemos.

### **A AÇÃO É INTRANSFERÍVEL.**

Todo ser humano tem que assumi-la, para que não fracasse. Tem que ser compartilhada por todos, para que o triunfo seja da vida.

É ai onde se encontra a maior dificuldade, neste mundo onde homens e mulheres são comprados e vendidos, enganados e oprimidos, obrigados a atuar – pela força dos poderosos – em contra de si mesmos, em contra de seus próprios interesses e de sua própria vida.

A opressão e a tirania se estendem até e além dos mais recônditos nichos de nossa Terra. Nossos lares são violentados, nossos direitos pisoteados, nossa liberdade encadeada, nossa vontade apagada ou adormecida, nossas amizades destruídas, nossos filhos e filhas levadas por caminhos tortuosos, nossas mentes e nossos corpos são envenenados e envilecidos, nossos valores humanos escarneados, as vozes discordantes eliminadas com fúria e sanha, as oposições combatidas com o terror da força bruta.

Se fôssemos nos deter na apreciação pura do poder que nos submete, verdadeiramente só podemos perder toda esperança.

Para sobreviver, a humanidade tem que enfrentar o maior aparato opressivo que existiu na face da Terra durante toda a sua história. Nunca antes um poder totalitário se apossou de todos os aspectos da vida humana, de forma tão extensa e profunda como faz hoje o sistema que nos domina.

Os possíveis sobreviventes guardarão as lembranças desta época abominável para usá-los como exemplo daquilo que não se deve repetir, dos exemplos que não se devem seguir nem reproduzir, do que nunca mais deve ser feito, do que deveria ser esquecido para sempre e só será lembrado para

que sirva de advertência e ninguém, nunca mais, tenha a ousadia de pretender reviver o terror, a destruição e a morte.

Os governantes que hoje pousam sorridentes, orgulhosos, auto-suficientes, serão lembrados como a pior escória da humanidade e seus descendentes sentirão vergonha infinita de sua própria semente. Amaldiçoarão os seus antecessores porque também sofrerão as conseqüências das terríveis ações daqueles cretinos sem alma. Renegarão de suas famílias, causadoras de tanto dano que se estenderá por inúmeras gerações. Sofrerão, os filhos dos atuais governantes e de seus lacaios, por se saber portadores do DNA daqueles que possibilitaram o horror extremo, o holocausto máximo, a destruição mais extensa nunca vista, a dor e o sofrimento que padeceram milhares de milhões de homens e mulheres, crianças, jovens e velhos, que padeceu a natureza toda, quando todo o Planeta inteiro foi quase destruído para alimentar o prazer de um grupo de... que nome pode se dar a eles? CRETINO é pouco demais!

Não acho, não sei se existe uma palavra que possa designar coisa tão nojenta. Até o diabo seria ofendido se usássemos Seu Nome para chamar coisa tão desprezível, como são esses traidores da humanidade.

As cabeças visíveis são poucas, mas os cúmplices do sistema são muitos, parecem infinitos, incontáveis. Uns são mais destacados; estão os mais cruéis e aqueles que pousam de benfeitores; os paternalistas estão junto aos mais duros, que negam tudo e qualquer coisa a todos e qualquer um.

Os defensores enganados e ignorantes se confundem com os que conscientemente tiram proveito das circunstanciais, sem lhes importar os outros nem o futuro.

Muitos atuam escondidos nas sombras; ninguém os conhece, não dão a cara nem o nome. Em forma covarde utilizam terceiros para conseguir atingir seus sujos objetivos. São os que manipulam as cabeças visíveis, os que decidem destinos, os maiores responsáveis pela desgraça.

Mas que ninguém se acredite livre de responsabilidades pela situação e os acontecimentos. Tão culpados são aqueles que calam, aceitam e atuam em conformidade às diretrizes dos tiranos, tanto como aqueles próprios.

**Não se rebelar  
é mostrar cumplicidade e concordância.**

**Não se rebelar  
mostra compactuação.**

**Não se rebelar  
e não apoiar e ajudar os rebeldes, os situa no campo dos inimigos da vida, colaboradores com a desgraça, a infâmia e a morte.**

**Não se rebelar  
os faz tão cretinos como aqueles que produzem seu sofrimento e dor, sua fome e doenças, seu abandono e miséria moral e material.**

São muitos milhões de nossos descendentes que terão que rejeitar os legados, costumes, ensinamentos e artefatos desta civilização, se pretendem sobreviver neste Planeta. Não há outro caminho!

Até que não for demonstrado o contrário, subsistirá a dúvida sobre o que seja possível fazer. Se chegamos a um patamar tão baixo em nosso desenvolvimento, quem poderá garantir que possamos corrigir nossos erros?

Se tantos milhões de pessoas estamos envolvidas nas ações degradantes, quem pode garantir que possamos nos superar?

Demonstramos grande capacidade em cair e nunca demonstramos muita capacidade em nos levantar. Sempre o melhor, o que era mais conveniente, foi rejeitado, destruído, impedido de se realizar. Os maiores sábios e os santos mais destacados, os profetas conscientes e as simples pessoas de bem, foram friamente assassinados. Por que poderia ser diferente agora?

Existe na minha convicção a crença que toda crítica deve ser acompanhada de uma solução, ou, pelo menos, de uma proposta alternativa. Deve servir tanto de justificativa à crítica em si, como de fundamento constituinte de uma resposta concreta e possibilitadora, objetiva e praticável, ao caso ou situação criticados. Convenhamos que, desde a situação que enfrentamos, é a parte mais difícil do problema exposto.

Uma resposta fácil e simples é bem fácil e simples dar. Uma solução coerente ao problema apresentado é o mais difícil que o gênero humano já encarou em toda a sua história.

São inúmeros os aspectos que devem ser tomados em conta.

São inumeráveis os casos que devem ser considerados.

São incomensuravelmente fortes os interesses que devem ser enfrentados.

São incrivelmente fortes os poderes que devem ser anulados.

São infinitamente entrelaçados os interesses que mantêm a situação insustentável na que nos encontramos.

E o povo afetado, apesar de majoritário, é o elo mais débil, mais exposto, sem poder, sem armas, sem um sistema próprio de comunicação, sem lideranças esclarecidas, sem experiência organizativa, sem vontade, conhecimento, consciência nem coragem, treinados só pra competir pelo lucro ou benefício pessoal em todas suas ações.

Estamos todos dormidos, alienados, insensíveis frente à realidade. O sistema nos ensina a ter olhos cegos, ouvidos surdos, boca calada e corpo amarrado. O individualismo apregoado não nos ensina a lutar por nós, mas por mim. A salvação individual apregoada pela religião oficial não nos

ensina a salvação de todos nós. Estamos órfãos e abandonados.

Nem um deus aparece para nos mostrar o caminho; nem um enviado celestial manifesta o possível esplendor de sua mensagem. As palavras dos sábios entre nós, os que reconhecem o problema, são distorcidas, minimizadas, ridiculizadas, censuradas ou caladas.

As possíveis soluções mais racionais não são implementadas porque ferem e contradizem os interesses de nações, grupos e pessoas que se apropriaram do poder que pertence ao povo, a todos nós habitantes humanos deste planeta.

**A VERDADE NÃO NOS É DITA  
E AS SOLUÇÕES NOS SÃO NEGADAS.**

Assim seguimos como qualquer animal que vai ao matadouro para dar lucro ao patrão, ou proprietário.

## **VISÃO DA BESTA**

A maior e mais bela história  
que podemos conceber neste planeta  
é a evolução da vida.

Reunindo todos os conhecimentos e todas as especulações científicas, filosóficas e religiosas, ainda achamos conhecimentos herméticos que não somos capazes de elucidar. Ainda não estamos em condições de afirmar assertivamente que as coisas se desenvolveram definitivamente de uma forma ou de outra.

Há quase tantas teorias como aparentes sábios que existiram e existem. A cada certeza inamovível se contrapõem fatos que a derrubam. Novas compreensões e novos descobrimentos dão lugar a novas interpretações que contradizem e dão por terra verdades absolutas antes aceitas por sisudos professores.

A visão de nosso passado não nos proporciona apoios bastantes para nos agarrar a algo firme e definitivo. O mais concreto e verdadeiro que podemos observar é um processo contínuo de deteriorização e destruição sistemática que, além de causas puramente naturais, nos mostra a intervenção nefasta de nossos próprios ancestrais, e de nós mesmos no atual aqui e agora.

Sempre foram poucos os espécimes que se destacaram e as obras que inspiraram e realizaram sempre foram destruídas, tanto pela degradação do que foi ensinado – dos conhecimentos transmitidos, em seu âmbito interno – como pela interpretação desde o exterior realizada por outros agrupamentos humanos. Sempre as incompreensões e os mais baixos sentimentos prevaleceram, evitando e/ou travando a harmônica fluência de um desenvolvimento livre de manifestações violentas.

Tanto assim, que se chega hoje a considerar essa guerra contínua entre humanos como algo totalmente natural e – aos olhos dos usurpadores do poder –, algo necessário e positivo, ainda o seja somente se tomarem em conta seus próprios interesses abjetos.

### **A VERDADE MAIS ABSOLUTA QUE POSSUÍMOS É QUE NÃO POSSUÍMOS, EM ABSOLUTO, A VERDADE**

A verdade, ou as verdades, que nos são ensinadas, somente são aquelas que interessam a quem detenta o poder. Tudo o que seja de interesse ou utilidade pública, que possa beneficiar a humanidade como um todo, nos é negado mesquinamente toda vez que afete os interesses do poder hegemônico. Todo o emaranhado e complexo esquema social que hoje cobre nosso Planeta está construído sobre essa base. Assim toda a humanidade é prejudicada, como sempre foi, desde tempos ancestrais e através das guerras da história. Através de todos os impérios regidos por alucinados que procuravam o poder e a luxúria, igual a aqueles que hoje nos oprimem e exploram.

Só otários, cretinos e imbecis podem afirmar que nossa civilização é melhor e superior às anteriores, porque dispomos de eletricidade, transportes diversos propulsados por motores, comunicação instantânea de som e imagens, ou porque fazemos compras em supermercados e até um universo paralelo construímos com computadores, estabelecendo uma realidade virtual. Sem ir muito longe, até esse mundo virtual deverá ser totalmente controlado em pouco tempo mais.

Apesar de tudo isso e muito mais que se poderia alegar, a vida do povo não melhorou, a felicidade geral não é maior e o sofrimento e a dor não diminuíram. Também a aplicação da justiça não evoluiu em forma positiva, nem o atendimento às necessidades mínimas e básicas (como tratamento de doenças, alimentação, acesso à educação e moradia), superaram formas e situações encontradas em civilizações que nos precederam.

O conhecimento e os avanços tecnológicos e materiais em geral, seguem circunscritos a uma elite minoritária, ciumenta defensora de seus privilégios. As leis destinam o melhor pra uns poucos e o resto que se vire como puder. Quem protesta é eliminado pelas formas mais diversas, sem piedade nem consideração.

É esse o mundo onde vivemos neste começo de Terceiro Milênio calculado pelos cristãos, o sétimo milênio calculado pelo fato mais antigo que pode ser datado e ninguém sabe dizer com certeza quantos milhares de anos mais existem aqueles restos de obras monumentais produzidas por civilizações cujas existências se perderam sem deixar outro vestígio que, às vezes, o retalho de alguma lenda que não é mais compreendida por nenhum humano vivo. E até naquelas antiqüíssimas histórias podemos ver que nosso primitivo comportamento não se alterou numa forma que possa ser mais benéfica para todos nós.

Sempre construímos, impulsionados por um ou uns poucos visionários, para que logo tudo fosse destruído em forma tão total e sistemática, que geralmente não restou conhe-

cimento nem informação completos sobre aquilo que num certo momento pode ter sido – ou parecido – a cúspide do desenvolvimento possível da humanidade. E aí então vamos e começamos tudo de novo, inventamos outra vez o café com leite, até que uma nova onda de bárbara ignorância acaba com o progresso alcançado.

Certo é que há elementos que passaram incólumes de uma geração a outra, de uma civilização a outra. Para tentar expressar uma certa verdade, é bem pouco o que recebemos de nossos ancestratos e também é bem pouco o tempo transcorrido desde as informações mais antigas que lembramos e pior, é bem pouco o que – de tudo isso – podemos usar objetivamente em forma prática e positiva no mundo atual.

De modo comparativo, um volume – ou uma quantidade – muito maior de informação e conhecimento foi totalmente perdido. A perda desses bens culturais preciosos só atrasou e complicou nosso desenvolvimento e progresso humano. O que restou não é muito e está, em sua maior parte, em poder de alguns estudiosos esparsos, que não conseguem se pôr de acordo entre eles mesmos.

Apesar de todas as religiões e crenças místicas que existem e existiram, sempre consideramos o progresso humano desde um ponto de vista material. Veneramos antigas civilizações pelo tamanho das construções, pelo luxo ostentoso de seus governantes, pelas conquistas de terras e povos, pela rapina aos súditos, pelas exterminações e pela acumulação de riquezas.

A sabedoria daqueles é considerada em relação às possibilidades de conquista do poder, à qual esta possa contribuir. Apenas uma débil minoria tentou contribuir com o aperfeiçoamento dos humanos e esta foi – e segue sendo – impiedosamente eliminada/exterminada. Os interesses dos donos materialistas, acumuladores de poder e gozadores de luxos exagerados, sempre foi mais forte e eliminou de raiz toda possibilidade de realizarmos um mundo melhor.

Nisso, nossa civilização não se mostra melhor que nenhuma outra que a antecedeu. Até parece que conseguiu reunir todos os aspectos mais negativos, praticados no passado por nossos antecessores. O avanço tecnológico é apenas um véu que mal tenta ocultar a realidade de uma humanidade sofrente e dolorida, que mal sobrevive com o rumo perdido e as metas esquecidas.

Dentro dos parâmetros impostos por nossa civilização, não há elementos que possam contribuir a melhorar nossas vidas. Pelo contrário, as coisas são colocadas de tal maneira que somente pode se esperar que a situação piore mais ainda. Os loucos que se acreditam donos do poder e senhores de nossas vidas, empregam tudo o que dispõem para nos convencer do contrário, usando uma interminável corrente de enganos, mentiras e promessas sem fundamento ou base real.

Nos seus palácios e mansões, nos seus redutos fortificados e defendidos pelo poder das armas mais modernas – as mais destrutivas que já foram inventadas – riem a gargalhadas de nós, os néscios, estúpidos, imbecis, ignorantes, cre-

tinios que acreditam em suas palavras. Riem e nos tratam como escravos obrigados a satisfazer os porcos desejos de seus amos. Dos direitos que eles se dão, dos benefícios que eles recebem, a maior parte da humanidade apenas alcança uma pequena, mínima, porcentagem. Geralmente nem isso.

Querer apresentar esta situação como a etapa mais alta do que é possível alcançar pelo desenvolvimento humano, está além do maior engano do qual podemos ser vítimas.

Qualquer observador de capacidade mediana e olhar relativamente superficial, chega à conclusão que o sistema social-político-econômico-religioso que nos está sendo imposto está muito longe de ser minimamente aceitável pelo grosso da população planetária. Além de não facilitar, nem sequer permite a consecução de condições dignas de sobrevivência.

A vida está sendo mais e mais degradada a cada dia que passa. Todo o “*tecido social*” está sendo sistematicamente destruído, assim como está sendo destruída a cultura e eliminadas as tradições de povos e nações.

Como poder pensar em forma positiva de uma civilização, que emprega seu maior esforço produtivo dirigido ao aperfeiçoamento de armas destrutivas e à manutenção de um imenso aparato militar?

Os recursos e esforços investidos em atividades guerreiras superam em muito a soma de todas as outras atividades humanas. As armas acumuladas podem fazer explodir nos-

so planeta várias vezes, com o simples toque de um botão. Para chegar neste ponto e conseguir isso, milhões de pessoas morreram e milhares de milhões estão sofrendo de fome e doenças, mal sobrevivendo em condições miseráveis.

**PODE ALGUÉM, EM SEU JUÍZO SADIO,  
AFIRMAR CONVINCENTEMENTE QUE  
NOSSA CIVILIZAÇÃO REPRESENTA O IDEAL  
QUE NOS TROUXE À CÚSPIDE MAIS ALTA  
DO DESENVOLVIMENTO HUMANO?**

**PAREM DE ENCHER O SACO, POR FAVOR!**

As guerras e a manutenção do poder e dos privilégios por meio da força, da violência, são os atos supremos mais bárbaros de nossa “natureza humana”; são as formas mais baixas de nossas expressões mundanas.

Construir um sistema que propicie as formas mais abjetas da moral que possamos conceber é uma burla indecente que está nos prejudicando a todos. Digo todos os que estão vivos hoje e será pior ainda com aqueles que nos sigam no caminho da geração, porque estamos usando indiscriminada e criminosamente tudo o que dispomos, agora, sem deixar sobranes.

Estamos cortando, extraíndo, queimando, envenenando todo o existente neste pedacinho da criação onde estamos isolados. Não estamos deixando nada que

possa contribuir para que a vida tenha condições de seguir existindo.

Estamos estupidamente destruindo o futuro que a espécie humana poderia ter.

Estamos chegando perigosamente perto de um ponto extremo, desde o qual não pode haver retorno.

Já alcançamos pontos onde precisamos de centenas e até milhares de anos para nos recuperar, se é que tivéssemos agora mesmo a capacidade de parar, repensar e reformular tudo. Mas não há nenhuma indicação que isso seja considerado pelo sistema, por ninguém que pertença ao sistema. Muito pelo contrário, as preocupações de nossos bárbaros amos se dirigem a incentivar atividades que tendem a acelerar o processo de decomposição e destruição.

Nem sequer encontro indícios que exista muita gente que consiga entender o problema. Nunca achei alguém que tivesse a visão que tenho aqui desde minha janela. Recebi notícias de alguns que obtinham uma visão parcial, mas todos eles pecam por se deixar cegar, distrair, desencaminhar, por algum aspecto apresentado pelo sistema. No ponto “X”, na hora “H”, no dia “D”, sempre acabam compactuando com a besta, furtando-se das tomadas de posição e/ou das atividades que possam contribuir a desmascará-la ou contribuir seriamente a uma mudança de rumo.

Quero acreditar que há mais pessoas esclarecidas e decididas, que devem estar sofrendo do mesmo problema que eu

tenho, impossibilitado de me comunicar com quem quiser que seja, de qualquer forma existente. Com respeito de um para o outro, estamos tão solitários e isolados como nosso Planeta nesta parte do Universo. Só nos resta anotar, escrever, nos raros momentos em que isto é possível.

Anotar e pregar no deserto mental das massas condicionadas a não dar atenção a uma coisa que o sistema não lhes vende. É duro, mas é assim mesmo. Posso ser considerado pela minha desgraça, sendo que não quero baixar a cabeça e aceitar as coisas como são – a vida como se apresenta –, mas não baixo a cabeça ante os senhores da desgraça porque não acredito neles. É mais: sinto por eles um muito profundo despreço. É nojo mesmo, rejeição.

Nada sou e também sou ninguém, não possuo ilusões de que eu sozinho possa fazer alguma coisa que possa ter um efeito maior que a micronésima parte do fio mais fino possível de fabricar com a tecnologia mais avançada, comparado com o volume e a força do sistema.

Neste preciso momento histórico, nada indica que muitas pessoas, bem organizadas entre elas em todo o Planeta, possam conseguir alguma coisa. Todas poderiam ser facilmente eliminadas pelo aparato repressor. Muitos reconhecem isto e escondem suas cabeças de uma nada virtual que o sistema lhes proporciona via indústria de entretenimento. É algo muito eficaz para se evadir de uma realidade que não tem a coragem de enfrentar. Ajuda a não pensar, a não se preocupar, a calar a consciência, mas também mata a alma. Isto último tanto dá, porque nesse estado não se

sente a sua morte e sempre fica o sabor da ilusão insuflada por alguma religião cúmplice, que ajuda apagar os últimos vestígios de luz e esperança que a inteligência poderia tentar manter vivas.

Isso sim, o sistema é quase perfeito, o esquema quase não tem falhas e nunca houve na história uma armadilha mais completa, tecnicamente elaborada para manter um poder tirânico e reprimir corpos, mentes e almas de tão grande quantidade de seres, de uma forma tão profunda e completa. Quase não fica uma fresta livre de controle e, ainda assim, as pequenas rachaduras nessa maciça edificação não são passíveis de ampliação e pouco servem como canais de comunicação. O que é certo, é que estão diminuindo, tanto em quantidade como em tamanho.

É por aí sim, que temos que conveniar que este império chegou e ultrapassou limites nunca alcançados por nenhum outro sistema anterior. É um ente quase perfeito e, como algo inacabado, está ainda em vias de aperfeiçoamento, rumo a nos envolver a todos com a perfeição do próprio holocausto.

### **É ESSA A NOSSA CIVILIZAÇÃO SUPREMA?**

Isso é uma porcalhada, um lixo, um monte de excremento misturado com os piores venenos, a ponto de se converter na pior desgraça cósmica já vista em nossa galáxia e acredito que no universo inteiro.

A Besta recomenda: Cante harekrishna e seja feliz; repita aquele outro mantram e terá êxito na vida; diga amém e cristo o salvará; tome um banho de tal substancia e o mal não lhe alcançará; coloque seu corpo em tais posições e alcançará a iluminação; se alimente de tal ou qual coisa e não ficará doente; pague o dízimo à igreja e irá pro céu; venere seus antepassados para que não venham a lhe fazer cócegas nos pés quando está dormindo; acredite, tenha fé, repita e, sobre tudo, não questione, não faça perguntas, não discuta, não diga a verdade e nem pense nela, simplesmente aceite e cale, amém.

Não se preocupe, que deus se preocupa desses problemas e se a coisa explode é porque ele assim o permitiu. A razão não pode se intrometer nas coisas divinas. Deixa a coisa rolar, deixa ir como vá e se tua consciência tem a doentia pretensão de querer se manifestar, então reza com fé, que o poderoso te fará dormir tranqüilo. Ainda não consegues? Vai no psicólogo; ele vai te dar uns comprimidos que são infalíveis. E se tudo isso e muito mais não dá resultado, então enche um caderno de anotações, que poderás sonhar em paz, com a sensação do dever cumprido. Mas não deixes de queimar tudo ao acordar.

Logo, não tenhas a ousadia de comunicar a outros teus pensamentos repulsivos. De jeito nenhum tentes publicar tuas heresias endemoniadas, nem por acaso imagines te unir a outros que pensem e sintam como você, porque serás perseguido como o bicho mais nojento, pestilento e perigoso que tenha aparecido no universo. Todo rastro teu será apagado e tua lembrança será como a lembrança daqueles

que nasceram, sofreram e morreram, sem que nunca ninguém soubesse se tiveram um nome, nem que foi o que fizeram.

Estou impressionado, paranóico, febril, alucinado? Parece-me que apenas estou com fome. Mas também me parece que tenho fome de muitas coisas e não somente de comida, ainda que esta – de por si – já seja bastante grande.

Tenho fome de justiça; fome de paz; fome de poder confiar nos meus vizinhos e semelhantes; fome de contactos inteligentes; fome de uma moradia decente; fome de respeito entre os humanos e pela vida em geral; fome de amizade e fraternidade; fome de me poder expressar livremente sem temer retaliações; fome de ver que todos possamos seguir nosso próprio caminho sem que isso prejudique os demais; fome de que a ninguém falte; fome de sair à rua sem medo; fome de água e ar limpos e puros; fome de alimento não contaminado, aditivado ou geneticamente modificado; fome de ser feliz junto aos outros.

Estes e outros quantos tipos de fome a besta não satisfaz. São itens que estão se tornando cada vez mais escassos. São parte da riqueza deste Planeta que nos roubaram, jogaram no lixo, descartando-nos como objetos imprestáveis para maior glória do império onipotente.

Os objetivos são outros, dirão os poderosos através de seus servis porta-vozes, pois o lucro é o que indica as prioridades. É a reprodução do dinheiro que inspira as atividades. Se o assunto não produz lucro, este não interessa e é des-

cartado. A honestidade, por exemplo, nunca produziu lucro capitalista. O humanismo é substituído pelo animalismo, em todos os níveis do relacionamento humano propugnado pelos que dominam o Planeta, na maior degradação possível.

A humanidade está de joelhos, mordendo esterco, humilhada pelos tiranos dominadores que impõem brutalmente suas condições. Impõe-se uma nova Idade das Trevas, parecida com aquela sofrida no medievo das nações cristãs, onde não há lugar para a luz, para a criatividade, para a expressão da consciência livre, para os sentimentos altruístas, nem para ações que beneficiem o todo social.

Somos todos lançados em ações que nos destroem os uns aos outros, nos danificando mutuamente, competindo pelo lucro individual em cima do prejuízo do nosso semelhante como premissa de sobrevivência de um todo que nos encaminha a uma destruição total. Apoiar esse esquema é alimentar a própria desgraça e é contradizer todos os ensinamentos mais inteligentes e avançados que recebemos na face desta Terra.

Seja qual for a procedência, seja qual tenha sido a fonte, filosófica, religiosa ou proveniente de um simples sentido comum, todo o legado cultural que temos recebido de nossos ancestrais mais iluminados, nos previnem contra as coisas que se estão manifestando nestes dias terríveis que estamos atravessando. Tudo o que já foi catalogado como mau e pior pelas mentes mais esclarecidas, está se manifestando livremente, sem repressão, e é incentivado pelos nossos algozes.

Todos os sentimentos e as ações que – de acordo com os mestres que tentaram nos dirigir pelas trilhas luminosas da vida – poderiam aperfeiçoar nossas existências, são descartados e considerados inservíveis para a forma de vida proposta pelo arrogante sistema que demarca os limites de nossas vidas.

Juntamos e acumulamos o pior que somos capazes de pensar, sentir e fazer, para montar o esquema que dá sustento ao sistema que permite a existência do império do mal supremo e sua hegemonia atual. Não há porcalhada da qual não seja capaz. Não há limite para suas ações imorais. As barreiras que, de algum modo, impedem sua ação vandálica são sistematicamente removidas e eliminadas, colocando em seu lugar os atos que sempre, em toda cultura e civilização sadia, foram condenados como indignos de seres humanos conscientes.

É isso, justamente, toda essa podridão que nos obrigam a aceitar como o cúmulo do desenvolvimento humano, sem nos dar a possibilidade de uma alternativa; reprimindo ferozmente qualquer tentativa de experimentá-la; encarcerando, torturando e matando a todos os que tenham a ousadia de expressar a possibilidade que as coisas da vida se possam dar ou fazer de modo diferente.

Os cérebros estão lavados, as almas estão cada vez mais sujas e as ações que tenham em vista o bem da humanidade estão sendo cada dia mais restringidas, desincentivadas, atacadas e até ridicularizadas. A pior barbárie campeia no Planeta, travestida com as roupagens camufladas de um

capitalismo que se diz liberal, democrático, pacifista e libertário, herdeiro e paladino das reivindicações do povo sofredor.

Chego a pensar que toda essa enganação, esse acúmulo de mentiras e falsidades, não tenha muita importância em si mesmo. Segundo nos ensinam historicistas especializados, sempre, nos seus momentos finais, parece que se reproduziram as mesmas manifestações, ou se encontraram os mesmos sintomas que indicam o fim de uma época ou de um império, no caso.

Desde este ponto de vista, tudo beleza, tudo tranqüilo; logo vai passar e teremos a oportunidade de ouro de passar a desfrutar de uma época – prometida por diversas correntes místicas e políticas - que pretende presentear a humanidade uma experiência diametralmente oposta à atual.

Deve ser muito prazenteiro acreditar nisso, ainda que corramos o perigo que enfrentaram nossos antepassados quando esperaram pela volta prometida dos deuses, ou como hoje ainda se espera a volta de um messias vingador, um dos mais novos na genealogia de nossos antepassados divinizados. Corremos o perigo de ficar sem pão nem pedaço, devido à inatividade que nos é induzida pela espera por uma solução que deveria chegar de além do céu.

Obviamente que isso também é uma passividade que é induzida e alimentada como apóio à manutenção do sistema totalitário que não admite contestação, rebelião, nem ten-

tativas de modificação; como também não permite a existência de nada que não seja igual a ele.

## **SEM MEDO DE QUERER SER FELIZ**

Estou convencido e não tenho nenhuma dúvida que não existem argumentos que possam contradizer o fato que a felicidade seja o fim máximo de nossa existência terrena.

Procurando a razão última de todas nossas atividades, sempre encontraremos a tentativa de produzir esse sentimento em nós. Cada uma de todas as individualidades humanas tenta, das formas mais diversas, alcançar o estado que lhes permita o registro da felicidade em suas vidas. A procura, a persecução da felicidade é a maior fonte de energia que mobiliza o motor que coloca em marcha as realizações de todos nós. Queremos ser felizes e por isso (para isso) fazemos tudo o que estamos fazendo durante nossas vidas.

Este é um assunto extremamente filosófico e não quero me adentrar nesse aspecto do tema. Estou simplesmente aqui, com os pés apoiados no chão e os braços apoiados na moldura da minha janela que me mostra um aspecto da realidade que me circunda no mundo.

Vejo milhares de milhões de pessoas realizando um incontável número de diversas ações com o fim máximo de poder se sentir felizes. Estarão satisfeitas ou frustradas na medida em que possam, ou não, conseguir produzir esse sentimento nelas.

Também vejo que, na absoluta maioria dos casos, as pessoas não estão conseguindo atingir esta meta e ignoram como podem produzir um tipo de felicidade verdadeira e duradoura. Mas, se começo a interrogar, cavando nos motivos superpostos que os impulsionam em suas atividades, sempre encontro que o maior prêmio que recebem ao levar a “*feliz término*” (isso diz tudo) seus objetivos, é aquele sentimento que definimos como felicidade. Se sentir felizes, depois de qualquer ação dada, apaga todos os sacrifícios e penúrias que foram necessários para poder chegar ao ponto onde a pessoa se sinta feliz.

Chega-me a parecer (e não pretendo discutir sobre isso) que a felicidade é o maior e mais precioso sentimento que possa ser experimentado por uma pessoa humana. Todos os outros sentimentos positivos são parte deste sentimento que aglutina tudo o bom e o melhor que possamos sentir na vida. Nenhum outro sentimento – bom ou mau – está completo se não é acompanhado pelo registro sublime da felicidade. Não há amor, paz, liberdade, amizade, cooperação completas, nem reais ou verdadeiras, se não é acompanhada pelo registro interno individual e coletivo da felicidade.

Assim também os atos, as ações humanas, que não produzem felicidade, ou pior, que nos afastem dela, são atos e ações falsas e erradas que nos prejudicam individual e social ou coletivamente. Se fossemos realmente tão inteligentes como pretendemos ser, tentaríamos por todos os meios ao nosso alcance evitar tudo o que nos separe desse sentimento.

Amor sem felicidade é algo doentio;

paz sem felicidade é a semente das guerras;

liberdade sem felicidade faz que as pessoas queiram ser escravos;

amizade sem felicidade produz inimigos;

vida sem felicidade é pior que a morte;

uma moral sem felicidade produz as maiores degradações e degenerações;

uma sociedade sem felicidade é o sofrimento do povo.

Por isso penso que a maior dádiva, o maior presente para a humanidade seria aquela forma e estrutura social que em seu sistema seja totalmente dirigida a produzir felicidade para todos seus integrantes. Quase pareceria necessário agregar as palavras “por igual” ao final da frase anterior, pois é justamente a falta de igualdade nas oportunidades,

nos direitos e deveres o que compromete o êxito do sistema.

É muito provável que um sistema que procure manifestamente a felicidade do gênero humano não precise ser imposto e seja aceito e seguido, se não por todos, pelo menos pela absoluta e arrasadora maioria das pessoas. Nossa desgraça e a desgraça dos que nos seguirão em um futuro próximo, é que essa idéia está relegada a um pensamento rejeitado como utópico, e é evitado e combatido por todos os meios possíveis. Até o próprio conceito de felicidade (e as possibilidades que esta tenha de se manifestar) é distorcido, fetichizado e comercializado.

Ao que queria chegar é simples de entender. Um sistema que não procure a felicidade por formas objetivas, que não produza uma felicidade real e duradoura, não presta para nós porque vá em contra das aspirações mais profundas de nosso ser. Um sistema que não realize a felicidade de seus integrantes não nos interessa – por isso mesmo e porque, tendendo ao lado contrário, estará produzindo todos os sentimentos e coisas que mais nos fazem sofrer.

A conseqüência deste sistema só pode ser a destruição progressiva e crescente da sociedade, do meio ambiente, do mundo inteiro onde se encontra estabelecida a nossa presença. Isso eu acho que podemos observar hoje, desde qualquer janela e não somente da minha. Se realmente quisermos ver.

Entre pessoas e grupos que estão começando a tomar consciência do perigo que estamos enfrentando, observo uma tendência a centralizar a luta no conceito de “*preservar a vida*”. Parece-lhes (e não me sinto alheio a isso) que a defesa de nossa supervivência seja a ação que possa aglutinar, reunir e colocar em marcha um movimento que modifique a direção que a humanidade tomou.

Estou de acordo que isso é absolutamente necessário e urgente. Só me parece que o argumento empregado carece da força necessária que uma a humanidade precisa na persecução da meta que almejamos alcançar; a qual, neste momento terrível, só pode se apresentar ante nós como a salvação de nossa espécie e do Planeta onde esta habita. Somente isso e nada mais!

Podemos colocar lado a lado, em forma comparativa, o slogan:

***‘O Século da Vida’***

e outro que diga

***‘O Século da Felicidade’.***

Não me cabe nenhuma dúvida que a idéia-força que propõe implementar a felicidade, a possibilidade de uma felicidade crescente, tem um poder muito maior para movimentar as multidões em direção à meta suprema que temo-nos fixado.

Se pudéssemos ver, ser partícipes se possível, de uma humanidade que procure consciente e organizadamente ser feliz, rejeitando todo o que negue, evite ou diminua a felicidade, entenderíamos que a defesa e preservação da vida, o desenvolvimento harmônico e sustentável da humanidade, a supervivência de nossa espécie e de nosso Planeta, seriam conseqüências inevitáveis das ações que essa busca produziria.

Mal doa aos economistas, políticos, estadistas, religiosos, sociólogos, filósofos, que queiram seguir outros caminhos tentando impor seus conceitos, idéias ou teorias particulares que afastem nossas ações da consecução imediata da felicidade para todos por igual; mas é nisso que reside a maior força que pode levar a humanidade pelo caminho da salvação. E devo esclarecer – mais uma vez – que não me refiro ao tipo de salvação que propagam os místicos, mas à salvação material de nossa destruição final, pois é essa possibilidade que nos ameaça hoje tão concretamente.

Segundo o que entendo da natureza humana, é muito difícil que um indivíduo empreenda uma ação pela qual não receba benefício. A cooperação, a colaboração, a solidariedade, se conseguem com facilidade entre pessoas que sintam que individualmente receberão algum tipo de benefício compartilhado. O capitalismo assim o entendeu e exacerbou o assunto de uma forma extremamente negativa e prejudicial, ressaltando o apelo às coisas materiais; mas o certo é que os humanos podemos nos sentir compensados por assuntos exclusivamente espirituais.

A busca da felicidade está ancorada nestes dois extremos – espiritual e material – e sua busca em comum não pode mais que nos ensinar que estes mundos (aparentemente separados) estão intimamente relacionados e que essa estrutura, quando harmonizada, nos entrega a vivência de um mundo no qual todos podemos sobreviver com dignidade.

Dizer que lutamos pela vida, sem dúvida expressa a intenção mais alta de nossas ações, mas não esclarece o tipo de vida que estamos propondo. Por meu lado, se pretendêssemos conservar a vida do modo que ela hoje se manifesta, pode ir tudo pro puto inferno, pro caralho mesmo! Não quero isso nem para meus piores inimigos.

Se eu conseguir que meus inimigos sejam felizes, nunca mais os terei como inimigos. Um ser feliz não sente inimizade, não tem inimigos e não procura o confronto violento. Uma humanidade que compartilhe fraternalmente os retalhos de felicidade possível, só pode sobreviver em paz. Agora, uma meta que somente pretenda preservar a vida, sem mais explicações, é uma meta muito débil e míope, sem atração de marketing.

Saber o que teríamos que fazer para alcançar o estado de felicidade máxima que nos seja possível, é uma tarefa relativamente fácil, simples e descomplicada. Existem inúmeras obras de filósofos, místicos religiosos ou ateus, utopistas, pensadores em geral, guias, gurus e outros tantos, que podem nos indicar formas e caminhos, mas nada vamos aprender nem vamos conseguir se não praticamos à risca o que nos é indicado.

Também nada nos proíbe empregar nossa própria criatividade e inventiva, desenvolvidas à luz da situação atual, para propor e implementar novas experiências individuais e coletivas de felicidade.

Acredito firmemente que qualquer grupo social que tenha a clara e honesta intenção de fomentar a realização da felicidade entre seus membros, em suas primeiras tentativas compreenderá que deverá rejeitar completamente as propostas do sistema que nos é imposto na atualidade. Não poderão achar ali nada que os ajude a chegar mais perto da meta proposta. Só encontrarão ali todos os fatos e atos que lhes impedem a realização de suas intenções.

É deste ponto que estarão em condições de estabelecer formas de comportamento e relacionamento social, ecológico, econômico, político, religioso, que os possam e devam guiar para estabelecer uma forma de ser genuinamente humana, muito superior a todo o que hoje estamos vivenciando, no atual estágio de nosso precário desenvolvimento.

Ser feliz é uma necessidade humana que engloba todas as coisas e expressões materiais e espirituais que possamos conceber. A felicidade mais pura e verdadeira não se pode conseguir em forma individual isolada. Sua forma total só se manifesta quando o âmbito social pode compartilhá-la, servindo uns aos outros na consecução do bem-estar de seus semelhantes.

A felicidade é o alicerce da paz, da liberdade, do amor, da irmandade, da justiça, do respeito e a confiança mútua. A

falta de felicidade inspira as mais baixas, bárbaras e aberrantes paixões e ações das que somos capazes. A busca da felicidade inspira as melhores ações e mais altos sentimentos na humanidade. Esse é o motor que nos deve dar a força que nos permita superar este momento de tão triste e desgraçada provação.

### **NÃO TENHAMOS MEDO DE QUERER SER FELIZES!**

Ao querer ser felizes também temos que tentar que os outros o sejam. Essa pode ser a base da maior revolução realizada na história. Sem dúvida nenhuma, essa revolução é imprescindível pra nós, absolutamente necessária e extremamente urgente. A preservação da vida é o prêmio final.

Se fôssemos conseqüentes com as crenças de certos grupos esotéricos e/ou místicos, não deixaríamos de afirmar “*o milênio da felicidade*”, ou melhor “*o milênio da paz e felicidade*”. Será que existe alguém que possa imaginar isso em um regime capitalista? Parece-me algo extremamente difícil, para não dizer impossível. Ou será que existe algum otário que possa, sinceramente, ser capaz de imaginar um mundo ideal fundamentado em procedimentos capitalistas? Se isso fosse certo e possível estaríamos, agora mesmo, na maior glória, no próprio paraíso, porém, na realidade, nada há que esteja tão longe da gente.

Então, não será hora de deixar de lado esse monte de basbaquices? Não será hora de encarar a vida como ela deveria ser? De deixar de lado esse imbecil jogo de vida e morte, de

mais morte que vida, e assumir de uma vez por todas as mais plenas capacidades e responsabilidades da nossa condição humana?!

Digo, fazer algo por todos nós, pois somente se o todo é beneficiado, cada uma de suas integrantes individualidades poderá obter um pleno benefício. Não existe outra maneira correta de proceder. Toda e qualquer solução que não abarque a totalidade do gênero humano é falsa, errada, ilusória e desumana.

Afirmo que não necessitamos de uma religião para conseguir chegar à meta suprema de construir e manter um estado que seja satisfatório para todos e cada um de nós. Não que eu queira, tampouco, afirmar que as diferentes correntes religiosas devam ser alheias ao processo. Pelo contrário, a força mística de uma religião pode ser um fator extremamente positivo. Sempre, em toda cultura e civilização, a religião foi o fator que aglutinou as forças que conquistaram os maiores desafios. O que me parece, no meu ponto de vista, é que nada conseguiremos por essa via se não tivermos um tipo, forma ou conceito de deus em nossos corações. Pelo menos um deus, ou que sejam vários, tanto faz, sempre tem algum maior ou mais poderoso, menos o monoteísmo, que reconhece somente um. O que não nos serve em absoluto, é colocar a residência de esse deus ou deuses em outro lugar que não seja o centro de nossos próprios sentimentos. Nem podemos esperar que ele(s) se manifeste(m), pois somos nós mesmos que temos de ativar sua presença. E isso não conseguiremos clamando aos céus. Os deuses podem até estar mortos, porém os pode-

mos reviver em nossos corações. Milhares de milhões de deuses únicos em milhares de milhões de corações humanos, recriando o criador onipotente no acionar de uma humanidade decidida a superar o estado de barbárie primitiva em que se encontra, unindo-se em torno de um Deus Vivo Onipresente.

Suponho que o exposto acima deve parecer uma tremenda heresia à luz de quase todas as religiões do planeta. Digo quase todas, pois talvez haja uma que considere a presença divina como uma presença interna. Algo que poderíamos chamar de Religião Interior, da qual não sou profeta, como não pretendo ser profeta de coisa alguma. E mais, creio que até poderíamos realizar nossos sonhos e esperanças sem a inabalável crença em qualquer tipo de deus ou poder divino. Tal como tentou um movimento social-econômico-político nos começos do século vinte. Foi uma experiência que não deu os resultados esperados, por causa de uma errônea apreciação da realidade e pela rápida degradação dos seus objetivos causada por uma prática que estava muito longe do mais primitivo senso comum. Pode-se supor que, à luz de princípios diferentes, outros resultados (positivos) poderiam ser alcançados. Ou não. Somente os resultados de uma tentativa experimental poderiam confirmar ou desmentir o caso.

Sem dúvida que isso deve parecer herético a outra parcela da humanidade. Mas esse não é meu problema. O que me interessa é como posso mudar o panorama que observo desde minha janela, pois esta não é uma televisão à qual podemos mudar de canal com o toque de um dedo em um

botão. A coisa é um pouquinho mais complicada. Gostaria descobrir e expor os princípios básicos que seja o fundamento que produza um entendimento e uma aceitação global, que nos guie pelo caminho da cooperação e da não violência, visando nosso destino comum.

Só ao tratar de expor este caso queimei como que a metade dos meus neurônios e o resto resiste em participar da busca da solução, pois teme levar o mesmo fim.

Bem, é apenas uma maneira de dizer alguma coisa. O que me parece é que nós humanos não deveríamos esperar que as respostas venham de uma só fonte e, menos ainda, de apenas um indivíduo. Estou convencido de que a resposta de nossos anseios deve vir de todos nós. Nem sequer uma comissão constituinte nos serve; não é suficiente. Temos que sentir e saber interpretar o clamor das raízes, do povo comum, de todos nossos mais variados aspectos e manifestações, em seus mais mínimos detalhes. Pode ser que por aí possamos chegar a computar uma proposta que seja aceitável e satisfatória para toda a humanidade, em toda a multiplicidade de sua existência.

Digo logo, não sou eu quem se sente com a capacidade ou com a missão de dar uma resposta. Mas tampouco reconheço que a resposta seja pré-concebida a portas fechadas por algumas mentes pseudoprivilegiadas. Não sinto que estou vivendo nos tempos do caudilho, do líder único, do venerável mestre com resposta pra tudo, ou do flautista carismático que arrasta atrás de si as multidões hipnotizadas. Todos e cada um de nós têm a obrigação de dar sua contri-

buição, seja um grão de areia ou uma rocha do tamanho de uma montanha. Ninguém pode subtrair-se a seu dever de participar no processo de humanização do planeta. Para expressá-lo radicalmente: uma só pessoa que se negue a participar do processo pode impossibilitar tudo, pode travar tudo.

Será que existe uma outra maneira de criar não somente um século, porém um milênio de felicidade? Com um deus ou muitos deuses, com enviados divinos e celestiais ou sem nenhum deles. Não será escapismo demais se pôr a pensar nessas coisas quando observamos o mundo como está, visto de todas as nossas janelas particulares?

Então, o que pode ser feito depende de nossas próprias ações e não de efeitos introduzidos por causas exteriores a nós mesmos. Ou sim, se o efeito é induzido pela observação da realidade objetiva que nos mostra o estado do mundo que nos rodeia, porém a ação corretora somente poderá ser ditada pelas conseqüências de nosso próprio proceder. Será que me explico?

Pode ser que o que eu quero explicar seja a minha crença de que a humanidade deveria fundamentar toda a sua ação futura em um consenso mundial que surja de um diálogo entre todas as suas partes. Onde se impõe um líder carismático não há diálogo, há ordens, e o consenso é substituído pela obediência. Essas são coisas regressivas, reacionárias, próprias de um mundo que está morrendo e, se não as modificarmos, morreremos com ele. Só o diálogo aberto, franco e respeitoso, um intercâmbio de pareceres honesto,

sem outras intenções que as de produzir uma colaboração que vise uma convivência pacífica e proveitosa, benéfica para todos os exemplares sobreviventes de nossa espécie e para todas as suas tendências e manifestações, é o que poderia, eventualmente, se traduzir nos resultados que encaminhem a humanidade à sobrevivência.

Por isso chamo de cretinos e idiotas aqueles que justificam sua inação com a desculpa de que não surge um líder para conduzi-los, como se fossem parte de uma manada de aquelas formas de vida animal que consideramos inferiores. De essa forma não nos mostramos superiores de maneira alguma. Este é um ponto onde não podemos nos espelhar no passado, onde campeavam os conquistadores e os líderes das massas. Agora é nossa vez, a de cada um de nós, para inventar nosso futuro, se é que queremos tê-lo. Recorrer às formas do passado, em este momento, não somente nos impede avançar, como nos impossibilitaria estabelecer condições que evitem a destruição. De outra maneira, para produzir o que queremos de novo e diferente, não podemos usar os elementos que são partes daquilo que não queremos. Precisamos também atuar de forma nova e diferente.

Isso faz eu lembrar uma frase que não somente foi escrita, pichada nos muros da capital da França: A IMAGINAÇÃO AO PODER. Isso ainda é válido como foi então, há mais de 35 anos atrás (1968). De anarquistas nos chamaram os burgueses que tremiam temerosos de perder seus privilégios. Junto com nós aprenderam que a imaginação e os sonhos são bem mais perigosos que a educação. Como conse-

qüência, hoje já quase conseguiram apagar qualquer fagulha de inteligência que possamos ser capazes de ter, e tentam, pelos meios mais modernos disponíveis, dominar e dirigir nossa imaginação e nossos sonhos. A própria educação perdeu o sentido e o conteúdo investigativo, próprio da verdadeira aprendizagem, para se tornar uma simples transmissão de informações selecionadas e pré-digeridas, além de ser um ótimo negócio. Não poderíamos dizer que estão nos matando a alma?

Parece-me um verdadeiro absurdo aquela afirmação que estamos chegando ao ponto mais avançado de nossa evolução; ou pior ainda, se tiver muito mais do que isso parece não lhes importar em absoluto. Para mim, isto último é mais uma prova da incompetência e da nocividade dessa porcaria de sistema que nos domina. Estamos caminhando para trás, de costas ao precipício. Temos que reativar nossos sonhos, nossa imaginação e criatividade se quisermos despertar a esperança de ainda poder ter uma débil esperança de triunfo. (Vale a redundância aparente.)

Neste momento, sonhar e imaginar é a maneira certa de ser realista, evolucionário, progressista, vanguardista. A efetiva criação de um mundo novo e diferente está inteiramente dependendo do poder de nossa imaginação coletiva. A possibilidade de criar, realizar, concretizar uma vida utópica e proibida deve ser a maior isca que arrebate nossas vidas, nossas existências de uma morte imbecil. Mas em caso nenhum, podemos esquecer o detalhe crucial da característica coletiva que devem assumir nossas decisões e ações.

Não há mais lugar para lideranças individuais ou reduzidas elites que pretendam impor suas verdades particulares. Isso não faz parte do novo e diferente. Isso não modificaria os resultados presentes, nem as perspectivas atuais de esse futuro aterrador, que podemos perceber e entender, claramente, na atualidade.

Ficar presos no passado nos impede humanizar o futuro; mas tem um grande valor de referência.

## **AO MESTRE COM CARINHO**

Só para ter tema, menciono, de uma revista qualquer, a frase: *“o único caminho que nos resta é uma revolução na consciência, não só na dos indivíduos, mas em toda a sociedade.”*

Em outra parte deste exemplar acho o seguinte: *“os desafios que a humanidade enfrenta – a promoção da paz e do desarmamento, a proteção do meio ambiente, a erradicação da pobreza – requerem claramente que cooperemos e harmonizemos nossos esforços coletivos.”*

Interessante. Enquanto ponderamos as questões do tipo de mundo que queremos, e de como responder aos vários desafios que enfrentamos, devemos ter em mente, acima

de tudo, que a natureza essencial de nosso poder reside no diálogo e na cooperação. A participação popular é a melhor forma de fortalecer e a única forma de justificar qualquer tipo de estrutura e relacionamento que queiramos implantar em este Planeta. Essa participação é requisito necessário para que o indivíduo humano comum transcenda suas limitações e se desenvolva como eixo central de toda a sociedade civil. Reunindo os talentos e as capacidades dos cidadãos comuns, é que estes serão capazes de enriquecer suas próprias qualidades humanísticas, que devem ser sua essência. Esse é o caminho que devemos seguir em nosso avanço em direção ao futuro.

Hoje acordei pouco criador e muito copiador. Acontece quando se encontra alguma coisa escrita por outro, que reflete exatamente o que a gente gostaria dizer, pois é isso mesmo o que a gente está pensando. Então, a gente deixa de lado o assunto e ecoa o expressado pelo outro. Só que não tenho a mania de me aprofundar em referências bibliográficas. Se fosse ir mais fundo, deveria honesta e humildemente reconhecer que nem uma letra de toda esta obra é invenção minha. Não sou partidário de patentear o direito de usar palavras e expressões. Me basta comentar que aquilo que o leitor está lendo foi proferido por alguma outra pessoa e, neste caso particular, de alguém que não conheço mas que é vítima de todo meu afeto e respeito. O que vale é a mensagem em forma contextual. O indivíduo que a expressou é algo secundário e podem aplicar isso a mim mesmo. A verdade não tem dono.

Então, prosseguindo, essa pessoa diz que em certa ocasião disse: *“Dou mais valor aos diálogos demorados que levam a novas idéias e ao consenso, que debates breves que em geral produzem poucas idéias e terminam em decisões resultantes de votações, dando lugar a vencedores e derrotados.”*

E segue: *“Acredito que devem ser criadas formas institucionais que integrem plenamente a participação popular nos processos de diálogo. Essa é a maneira mais correta para desenvolver uma visão em longo prazo, que não deixe ninguém pra trás e leve em conta os interesses e preocupações de todos os grupos.”* (Etc.)

Também não me sinto muito constrangido ao transcrever/copiar o anterior, pois já em outros escritos meus manifestei coisa igual de forma similar. Copio-o e repito-me eu mesmo. Neste caso e momento é mais satisfatório, para mim, o fato de encontrar alguém que compartilha a mesma visão e compreensão. Juntos acreditamos que agora seja o momento preciso, indicado para dar passos importantes no rumo desses objetivos. Se por aí existe um outro que entenda o mesmo que eu, por que não poderia haver mais, ou, ainda muitos mais?

O caso é bastante interessante, pois trata-se de uma pessoa com a qual não comparto sua doutrina (como visão do mundo), nem sua fé religiosa. Nossa raça é composta de tipos diferentes e nos comunicamos em línguas que nada tem em comum, nem na forma falada nem na escrita. Nossas formas de alimentação podem nos parecer repelentes, mutuamente. Os meios culturais e sociais onde nascemos e

fomos criados e educados podem quase ser considerados antípodas, por sua falta de semelhança. Nossos respectivos conhecimentos adquiridos e a posição que temos na sociedade humana, nos colocam em contextos que poderiam fazer divergir profundamente nossas visões individuais, que obtemos a través de cada uma de nossas janelinhas.

Apesar dessas e outras possíveis diferenças e divergências, nos preocupamos com prementes questões globais, como a erradicação da miséria e da pobreza, o desarmamento e a proteção do meio ambiente. Estamos totalmente de acordo que estes problemas-chave devem ser resolvidos como parte da luta comum da humanidade, conduzidas pelas próprias pessoas que formam o todo social. É importante saber dos próprios interessados o que eles precisam, em vez de planejar arbitrariamente, de maneira unilateral e “de cima para baixo”.

Este pequeno e limitado exemplo é justamente parte do que tento expor. Mostra-nos o que é possível e o que não seria possível. O que é possível alcançar com a comunicação, o diálogo e a cooperação. O que seria impossível de conseguir se eu acreditasse/pensasse que minha religião, minha doutrina, minha raça, meu idioma, minha comida, meu comportamento social, minha cultura, minhas crenças em certas verdades aparentes, sejam superiores às dele, e vice-versa.

Se estivéssemos tentando de nos modificar mutuamente, cada um tentando que o outro assumisse o próprio modelo, acabaríamos provavelmente destruindo pelo menos um,

com inegáveis prejuízos inclusive para o vencedor da contenda. Pelo contrário, vemos que, se respeitarmos mutuamente nossas diferenças, podemos encontrar interesses comuns sobre os que poderíamos trabalhar solidariamente, não somente possibilitando a sobrevivência simples de ambos, mas contribuindo ao melhoramento material e moral de nosso conjunto.

Não posso nem quero duvidar que este exemplo pode ser projetado a escalas maiores, desde as bases mais profundas de nossas existências, até abarcar uma globalização humanitária de todo nosso planeta Terra. Para chegar a isso não é, em absoluto, necessário e recomendável que a gente se combata e elimine fisicamente, que atuemos em consequência da credence em que uma forma particular de nossas humanidades seja melhor ou superior à outra e tentemos impor isso pela força e a violência. Estamos vivendo e sentindo no que dá essa atitude. Ou não?

E se o aqui exposto fosse adotado como padrão cultural da humanidade, qual seria a consequência? Ou devo melhor combater essa pessoa ou, pelo menos obrigá-la a mudar de credo religioso e preferência política, hábitos alimentares e forma de vida, ou até inclinação sexual, antes de respeitá-la como ser humano?

# A INCORPORAÇÃO DAS DIFERENÇAS

As especulações sobre uma realidade percebida nos indicam metas, caminhos para alcançá-las e formas de percorrê-los. Cada um de nós deve achar sua própria forma, seus próprios métodos personalizados; mas somente quando tudo isso seja unido em um ideal comum, aceitando todas as variações e diferenças, poderemos ter a segurança que superamos as dificuldades que agora estamos atravessando.

Se pretendermos preservar essa natureza que precisamos para sobreviver; se reconhecermos que somos parte dela e que sua eliminação significa nossa própria eliminação; também temos que aceitar o fato de que devemos adotar um pensamento e um comportamento ecologicamente correto, muito diferente da nossa prática atual.

Uma abominável seqüência de guerras e tirânicas atitudes dos governantes que se arrastam por muitos séculos ou uns quantos milênios, parece que induziram um muito profundo estado de apatia em grande parte da humanidade. A inação e a não-participação social, podem ter muitas explicações, mas o fato concreto é que são fatores que impedem ou dificultam as tentativas de cambio.

Outra coisa que sempre criou dificuldades ao entendimento, ao intercambio de informação, energia e matéria, é a hegemonia pretendida por indivíduos ou grupos, expressada por idéias, crenças diversas, formas de comportamento e demais, que tentam impor a grupos humanos dominados,

tal como hoje acontece com o capitalismo totalitário que nos querem impor à força, ou com formas culturais, políticas, econômicas, religiosas, que resultam em comportamentos sociais dos quais não se pode diferir e nos é praticamente impossível combater.

Pelo que podemos observar na atualidade (e a história de nossa espécie confirma, com inumeráveis exemplos), a pretensão de imposição de qualquer coisa em particular só nos trouxe violência, que a sua vez produziu sofrimento, morte e destruição. Isso, certos pseudocientistas muito cretinos chamam de “*a sobrevivência do mais forte*” e certos espécimes que acreditam ser mais expertos – ainda que não sejam menos cretinos – se aproveitam deste conceito para escravizar e explorar seus semelhantes (sejam estes tanto ou mais cretinos, ou não; dá na mesma).

Não é isso o que observamos na natureza. Os lugares mais ricos e belos de nosso Planeta são justamente aqueles onde coexiste uma grande variedade de formas vivas. Elas vivem e se reproduzem em âmbitos harmônicos e extremamente equilibrados, onde a energia, a informação e matéria não são inutilmente desperdiçadas; como tampouco são estocados nem repartidos em forma mesquinha e discriminativa.

Na natureza percebemos que as diferenças são justamente as que permitem a manutenção e o prosseguimento da vida, numa convivência plena de tolerância e respeito. É isso que mantém unidos os elos que fazem que a cadeia da vida

possa ir se desenvolvendo e aperfeiçoando. Aí é onde podemos ver que a idéia da sobrevivência do mais apto é uma falácia, pois qualquer um desses elementos nunca poderia existir de forma isolada, nunca poderia se reproduzir em um âmbito que não contenha os outros elementos, cuja cooperação interativa lhe permite a existência.

Os diversos ecossistemas apresentam graus de complexidade muito diferentes, mas todos são extremamente sensíveis a qualquer tipo de modificações – induzidas por uma espécie de consenso evolutivo, em seu próprio interior – mas também, em geral, mostram uma muito grande e poderosa capacidade de recuperação quando sofrem desastres naturais.

Não é assim quando sofrem a intervenção predatória do ser humano. Ecossistemas mais simples são fácil e irreversivelmente destruídos pela extração de uns poucos – às vezes um ou dois – elementos, que são vitais para a manutenção da estrutura do todo. A extração de algum tipo de planta, a extinção de algum animal, o envenenamento de alguns insetos, a colheita indiscriminada de algum tipo de fruta, a introdução de espécies estranhas, podem determinar o colapso de sistemas ecológicos que, em certo momento, chegaram a cobrir vastas extensões de terreno.

O resultado é sempre o empobrecimento e até a desertificação da terra. Muitas vezes nem foram necessárias grandes queimadas nem poderosas máquinas para produzir a destruição e a morte.

De forma similar está sendo destruído, sistematicamente, o equilíbrio e a harmonia de nosso tecido social. Os âmbitos externos, físicos, onde nossa existência se desenvolve, são degradados e eliminados, mas também nossa própria estrutura social está sendo vítima de processos análogos.

Em nossa sociedade estão sendo retirados e/ou modificados elementos necessários à sustentação da estrutura social. Se somos parte da natureza, também a nossa própria existência está condicionada aos mesmos princípios e às mesmas leis que regem o funcionamento desta. Como animais pensantes capacitados para escolher e tomar decisões, devemos procurar e achar os elementos que aperfeiçoem nosso sistema e, por extensão, a qualidade de nossas vidas.

Não é somente salvando a vida natural, física, que salvaremos da morte eterna. Devemos também ter a decisão consciente de introduzir, retirar ou modificar os elementos que, individual e socialmente, impeçam ou apóiem o aperfeiçoamento do nosso corpo social. Assim poderemos construir um corpo seguro, digno e capaz de provocar sua própria sustentação e sobrevivência.

Assim como estamos fazendo à natureza o mesmo que fazemos a nós, devemos entender que temos que mudar nossas atitudes e ações em ambos os lados. E mais, temos que entender que esses dois lados são meramente aparentes, pois pertencem a uma mesma coisa e apenas nossa antiquada forma bipolarada de pensar é o que apresenta uma dicotomia ou um enfrentamento.

Passaram muitos séculos e alguns milênios até começarmos entender a realidade. Perceptível de uma forma estruturada, relacionada e extremamente interdependente, em seus detalhes, de outras formas existenciais que aparentam não ter ligação entre si.

O pensamento humano, capaz de compreender a estruturação e o relacionamento de tudo o existente, realmente não é uma coisa muito nova. Antigos mestres que nos brindaram com sua sabedoria pré-esclarecida já nos advertiram sobre estes fatos; mas é só agora que esta forma de entender o “mundo” está se (por assim dizer) popularizando, despojada de qualquer misticismo e ao alcance de qualquer humano que queira abrir seus sentidos à percepção e o conhecimento. Alcançar esta forma de pensamento em forma coletiva, representaria um imenso salto qualitativo da mente humana em sua tentativa de compreender os – chamados assim – mistérios da vida.

Ao conseguir uma visão da estrutura e relacionamento de um sistema ecológico, podemos também perceber sua semelhança com o sistema social. Podemos observar seus pontos débeis e os mais fortes, nos capacitando para interatuar em conseqüência. Não somente os antigos silvícolas (que pretendem erradamente catalogar de *selvagens*; a não ser que isso signifique “*livres*”) eram mestres em criar ecossistemas que contribuíssem à sobrevivência deles. Toda sua vida, toda sua cultura, toda sua estrutura social era parte integrante da natureza, da qual não se separavam no seu pensamento.

Como hoje podemos ainda observar em todo a Terra, os humanos adaptaram-se e integraram-se nos ambientes mais incrivelmente diversos, da mesma maneira que criaram expressões culturais extremamente diferenciadas. Sobreviveram ou foram exterminadas pelo manejo que adquiriram sobre o meio-ambiente, ou quando o manejo das coisas sociais divergiu de/ou contradiz as rígidas Leis que permitem a vida.

Examinando possíveis causas de manifestações de violência em nosso relacionamento eco-social, destacam-se as tentativas de impor idéias, crenças, formas de comportamento e relacionamento, manifestações culturais, sobre conjuntos humanos.

Nunca faltaram e sempre sobraram aqueles que querem nos obrigar a ser todos iguais, encaixados em certo modelo dado. Poucas, muito poucas vezes o processo se dá através do diálogo ou do consenso. Com demasiada freqüência a força é usada para convencer ou impor, a violência é usada contra os que resistem, a tortura e o assassinato se tornam comuns na tentativa de encaixilhar tudo em uma só de suas múltiplas manifestações possíveis.

Essa atitude sempre trouxe sofrimento, injustiça e desgraça demais. Nunca resultou em algo duradouro e sempre dificultou nossa capacidade de progresso, ou impediu a nossa evolução.

Isso é o que podemos chamar de “*Monocultivos Culturais*”, seja que assumam expressões ou formas religiosas, políti-

cas, econômicas, artísticas e demais. São formas paralelas aos monocultivos da terra. Estes também são impostos de fora, pela força e com violência destrutiva. São mantidos de forma artificial em um estado permanente de guerra mortal contra tudo o que de alguma forma afete sua existência.

Tudo o que seja diferente ao produto cultivado é brutalmente eliminado, igual ao que se fez com os conhecimentos culturais, crenças de tantos povos e nações através da história. Igual ao que se fez com a própria existência física das pessoas que pretenderam seguir os desígnios de sua própria individualidade.

Ao planejar uma estrutura social que possa servir para todos os humanos do planeta, nada perderíamos e muito poderíamos ganhar se estudássemos os casos dos monocultivos e os ecossistemas naturais. A introdução e o estabelecimento de formas únicas – da forma autoritária que faz necessário o emprego de métodos violentos – é tão prejudicial na natureza como na sociedade humana.

Na natureza, à maior diversidade, maior riqueza da vida, e também maior a possibilidade de sobrevivência do conjunto e de todos seus componentes; chegando a ponto de propiciar o surgimento de formas novas, antes desconhecidas, que interatuam para que a criação não tenha fim. Tudo é reaproveitado: não existe lixo na natureza. O conceito “descartável” é próprio de nossa civilização degenerada,

que se afoga em detritos materiais e sociais e nos venenos que produzimos de maneira tão estúpida e inconsciente.

Tal como a redução da diversidade ecológica leva à destruição de nosso habitat, a redução da diversidade de nosso acervo cultural, de nossas expressões sociais individuais e coletivas, está nos levando à própria destruição. A falta de respeito por nossos semelhantes, que de alguma maneira se mostrem diferentes, é equivalente ao mal que estamos infringindo à natureza. Não é sobre estas bases que poderemos salvar a vida ou construir uma nova sociedade.

Toda e qualquer solução totalitária nos leva ao fracasso e à destruição. Não podemos acreditar nem confiar naqueles que querem nos convencer que seremos salvos se aderirmos a uma religião específica, que só seremos felizes sob tal ou qual sistema político, que nosso ordenamento social deve ser realizado daquela forma única que querem nos impor. Isso nos leva à alienação e ao fanatismo pernicioso. Isso nos leva à re-encenação (ao “replay”) de todos aqueles males dos que queremos escapar.

Temos que parar, definitivamente, de incorrer nos mesmos erros que nos trouxeram a este ponto crítico. Temos que mudar drasticamente nossas formas de proceder. É por isso que se fala de uma mudança revolucionária e não porque se pense no emprego da força física para impô-la. Tem que haver uma revolução no modo de tratar a natureza e no modo de tratar os nossos semelhantes. Uma coisa sem a outra não produzirá os resultados esperados.

Em vez de querer instaurar no mundo o predomínio de uma só verdade – o que somente pode ser feito por meios violentos e antiéticos – poderíamos procurar a convivência das diferenças em forma pacífica e respeitosa. Aqui ninguém é mais ou melhor do que outro, nem ninguém tem mais ou menos direitos a viver a forma de vida que escolheu, com suas crenças, rituais, tradições, expressões culturais e organizações sociais que lhe sejam peculiares. É da convivência, do relacionamento, do intercâmbio entre essas formas diversas que nasce o benefício de uma existência humana sã, digna, pacífica e progressiva. As diferenças que hoje nos separam, destroem, provocam sofrimentos e nos fazem enfrentar-nos com violência irracional, são justamente o caldo de cultivo desde o qual pode surgir uma nova humanidade, que estará mais apta para realizar uma síntese de suas características mais positivas.

Não alcançaremos isso pela violenta imposição de um novo sistema que pretenda a hegemonia. Somente conseguiremos isso pela circulação livre e honesta da informação, pelo emprego racional e pacífico de nossa energia e pelo intercâmbio de nossos bens e produtos com base no reconhecimento de nossas reais necessidades e possibilidades. Em tudo isso não podemos, de maneira alguma, ter considerações discriminativas, que aumentem ou diminuam os direitos de acesso a qualquer coisa, de qualquer humano vivo num determinado lugar, ou que possa chegar a viver em algum momento futuro.

# COMPETIÇÃO POSITIVA

A única forma melhor ou superior é aquela que nos tire da latrina imunda onde estamos metidos agora e nos assegure uma sobrevivência digna – da qual não possamos reclamar - para todos, por um futuro que não sejamos bem capazes de enxergar o final. Não vejo como isso seja possível sem o respeito mútuo, sem o respeito por todas as formas viventes (em toda a diversidade de suas manifestações) e sem a cooperação irrestrita entre todas essas diferenças existentes, descartando totalmente as formas competitivas que estão sendo impostas.

A competição não permite a coexistência, a convivência pacífica, o intercâmbio aberto e honesto, entre as pessoas e entre as diversas sociedades. É um elemento desagregador que alimenta a corrupção, o individualismo e a violência, e também influi fortemente na destruição de nosso habitat. A competição irrestrita degrada a vida humana, destrói as condições sobre as quais poderia se construir a felicidade. É algo que deve ser total e absolutamente erradicado de nosso proceder.

Têm pessoas que tentam pintar o assunto com cores mais aceitáveis, afirmando (desde o fundo de sua ignorância ou má fé) que haveria uma competição positiva. Isso não existe. Competição é um valor negativo (como roubar, mentir, etc.), que não tem lado positivo, como não existe o mal bom, como não existe o assassinato, o estupro ou a falta de respeito positivos.

A idéia da competição positiva é exposta enquadrando-a no espectro de valores pseudo-humanistas. Algo assim como competir por ser o melhor, ou os melhores, entre os praticantes, expositores e propagadores de pontos de vista e ações que possam ser consideradas moralmente positivos ou superiores. Meu entendimento é que esse enfoque nos leva novamente a reproduzir líderes e elites inflexíveis, que tentarão impor suas próprias crenças e atitudes sobre os outros e, como agora mesmo, usar sua própria superioridade aparente para justificar orgulhosamente tratamentos diferenciados. A idéia de competir deveria ser banida por um XIº mandamento. Competir é um crime de lesa humanidade.

E o que fica, o que sobra pra nós? Pois não é muito, fora de ter que reconhecer a superioridade do destino comum, compartilhando humildemente com todos os outros a realidade de ser somente “*mais um*” e nada mais do que isso, na criação e na construção do presente e futuro de nossas vidas inseparáveis e igualmente válidas. Ou será que existe outra maneira de encarar a questão?

O melhor que existe tem que surgir, vir à luz, desde nossa convivência perfeita, de nossos acordos, e não desde a luta pela supremacia, que é o fim da competição. A atitude competitiva gera uma escala de valores oposta aos valores verdadeiramente humanistas. Temos que entender que isso não nos interessa em absoluto.

Na cooperação, na prática da solidariedade, no respeito e na ajuda mútua, seria ridículo e anacrônico por ver quem coopera mais, é mais solidário ou se respeita e ajuda mutu-

amente mais e melhor que os outros. Essas são coisas que se fazem e pelo próprio fato o ato de praticá-las se transforma em realidades que são completas e perfeitas em si mesmas. Não necessitamos contaminá-las com o veneno que está destruindo a saúde de nosso corpo social. É mais, devemos imperativamente colocar no lugar da competição a busca do ato perfeito que em sua unicidade não destoe da perfeição harmônica do conjunto. Isso poderia levar a conseqüências muito mais positivas e satisfatórias para a humanidade, em lugar de nos lançar cegamente a uma febril e antinatural atividade competitiva.

Ô, senhor Darwin! Nada na natureza compete para alcançar privilégios. Todo existe em função e como conseqüência da existência de todos os outros elementos dentro do mesmo sistema, cada um deles recebendo e dando na medida exigida por sua própria capacidade e necessidade; o que finalmente redundando na harmonia e no equilíbrio de toda manifestação de vida existente, das mais simples até as mais complexas, individualmente e no conjunto.

Quem vê competição na natureza é o mesmo que vê confronto e guerra violenta em todo o mundo existente e constrói depravadas ideologias para justificar seus atos de pilhagem. Não há outra espécie que pratique os atos violentos e desrespeitosos que são praticados, valorizados e incentivados por certos exemplares de nossa própria espécie. Ao não se considerar parte da natureza e atuar de forma antinatural, produziram e ainda produzem todo o caos e a destruição existentes. São os que, com suas atitudes, sen-

timentos e pensamentos antinaturais e desumanos, estão nos levando à destruição final.

O justo e lógico pareceria ser que somente eles fossem eliminados do processo vital criativo, mas, por certo que a inatividade e o desinteresse do resto condena todos por sua cumplicidade nestes fatos criticáveis. Podem aí tranqüilamente ser incluídos aqueles freqüentadores de templos diversos, esperando que toda e qualquer melhora provenha exclusivamente de intervenção divina; e quando saem daqueles templos heréticos eles assumem suas habituais práticas de exploração e escravização de seus semelhantes, unido à destruição sistemática do habitat. Os negócios inspirados pelos darwinistas, as falsas religiões e o sistema capitalista que apregoa a competição, estão tergiversando a condição humana.

Não há pior analfabeto que quem não queira ler e aqueles que consigam ler a realidade que nossa biosfera nos mostra, e atuar de acordo, têm exatamente a mesma reduzida possibilidade de sobrevivência que os outros. Ou pensam/acreditam quiçá que algum deus ou a própria natureza os vão diferenciar e salvar? O serão também daqueles que acreditam que a parte melhor do mundo é para uns poucos e o resto é composto por um detestável lumpen esfarrapado descartável, próprio para ser usado como serventes, escravos, mão de obra tão barata que mais parece de graça, sem outro direito que o acesso fácil ao sofrimento eterno? Isso seria (é) pôr os porcos no poder e é assim como estão as coisas neste momento de hoje e agora mesmo, aqui e em qualquer outro lugar do Planeta e desafio a que me

demonstrem o contrário. Gostaria muitíssimo estar completa e totalmente errado. Quiçá até poderia ser feliz. Por agora me limito a me rebelar contra a porcocracia.

## DEGRADAÇÃO DA INFORMAÇÃO

Desde pequeno tenho a qualidade inata de me meter em problemas com a religião hegemônica. Cheguei a acreditar que era um fato conseqüente da escassa e reduzida manifestação de correntes espirituais diferentes, no âmbito onde cresci; mas enquanto mais examino e estudo outros enfoques sobre o assunto, menos encontro pontos polêmicos ou conflitivos que me provoquem contradição. Pode ser também porque não vivo, nunca vivi, junto a grupos sociais que praticassem outras religiões. Uma coisa é praticar e outra é somente estudar o assunto em alguns livros, ou receber informação fragmentada de algum transmissor.

O certo é que considero mais completos, profundos e práticos os ensinamentos do profeta do deus único que o conserve por sempre de seu lado, que o breviário que testemunha os fundamentos do cristianismo e que faz parte do livro maior que remonta sua origem a mais de cinco e meio milênios passados. Essa religião tripartita remonta sua origem a tempos anteriores ao surgimento do conceito do deus único e absoluto, como o demonstram antiqüíssimos escritos ainda bem conservados desde aquela antigüidade

remota; mas mesmo assim posterior à época quando possivelmente existiam aqueles seres que foram considerados deuses por seus contemporâneos, ou elevados a esse nível na posteridade. Como vai a gente saber como era aquela realidade? Seilá sabe.

As histórias foram muito tergiversadas em diversas civilizações durante o decorrer do tempo. A ignorância sobre a realidade das circunstâncias de nossa origem resultante de uma intervenção divina – ou de várias intervenções – hoje é praticamente total. Apenas nos últimos trinta anos estão surgindo evidências concretas que muitos fatos considerados como mitos e lendas de origem psicológica, tenham alguma relação concreta com fatos aparentemente reais acontecidos em épocas muito remotas. Foram achadas e estão sendo transcritas, traduzidas e interpretadas informações respeito a épocas tão antigas que muitos sisudos cientificistas atuais se recusam aceitar. Mas o fato é que a informação chegou a nosso tempo e nos conta da realidade concreta de fatos reais, vivenciados e relatados pelos próprios atores e/ou seus descendentes próximos. Já existem amplas fontes literárias ao respeito, disponíveis em qualquer biblioteca pública, seja esta concreta ou virtual.

Assim, o que nos entrega o livro sagrado quando nos conta sobre o gênesis, a criação do mundo e do ser humano, sobre o paraíso e o dilúvio, as declarações de deus, são comprovadamente condensações ou adaptações que provêm de fontes muitíssimo mais remotas e que não tem muita relação com as práticas religiosas gerais atuais, nem com as

“verdades” que as religiões querem propagar nos dias de hoje.

Vamos querer permanecer eternamente na ignorância?

Só porque é tanto mais fácil?

Ou não será que existem interesses criados que tenham bastante força e poder para ocultar aquilo que não poderia mais que prejudicar posições evidentemente privilegiadas? O certo é que este tipo de conhecimento e informação circula apenas em âmbitos restringidos e, quando consegue romper as barreiras e chega a conhecimento público, é imediatamente degradado e combatido com os argumentos mais estapafúrdios. O cidadão comum está em condições extremamente precárias para chegar sequer a se inteirar que esta informação existe.

Por que e para que estas coisas são ocultadas do povo comum?

Por que são especialmente as diferentes castas sacerdotais as que se opõem ferreamente à difusão destes conhecimentos?

Por que são tão ferozmente combatidas as pessoas que em suas publicações se referem a questões que toquem em estes assuntos?

Por que se apela insistentemente à fé cega e absoluta do crente e não ao conhecimento empírico de um deus verdadeiramente vivo?

**EXISTE MEDO DE QUE?**

**HOUE ALGUMA VEZ UM DEUS?**

**ONDE ESTÁ E QUE ESTÁ FAZENDO AGORA?**

Não estou com vontade de responder a nada disso. Não foi essa a intenção ao colocar as perguntas. Estou cansado e vou dormir. Se vire como poder e por sua própria conta.

Nada como um bom sono para descansar e ser iluminado por alguma personalidade divina. Por que será que essa tem aquela tendência de se manifestar quando alguém está dormindo? Será que o estado de sono é a realidade superior? O problema começa a se delinear quando estas personalidades aparecem no mundo concreto de nossa realidade cotidiana, em forma tão concreta como tudo aquilo que nossos sentidos podem perceber, como qualquer outra pessoa que compartilha nossas vidas e intervém nos comuns fazeres humanos de uma maneira não muito comum digamos, pois manifestam poderes que não são próprios de nós.

Estão aparecendo provas que houve épocas onde estes fatos aconteceram, estes seres existiram, e foram relatados e registrados de forma que pudessem alcançar a posteridade,

até os nossos dias. São coisas e pessoas muito estranhas que se encontram na borda do que é incrível e que só poderiam ser explicados suficientemente se estes chamados deuses voltassem para nos contar sua própria versão. Por agora, os pesquisadores e estudiosos que se especializam em este tema, estão restritos a teorias especulativas que não nos satisfazem plenamente.

O que sobra para nós é a certeza que toda religião atual está construída sobre conhecimentos e experiências concretas e reais de antepassados remotíssimos de nossa espécie. Histórias que são mais antigas que qualquer uma das religiões existentes. Não podemos mais negar a possível existência de várias civilizações antiqüíssimas que foram tanto ou mais poderosas que a maior atual. Existiram seres tão humanos como nós que conseguiram realizações que, hoje mesmo e com todo nosso conhecimento tecnológico, dificilmente poderíamos repetir. Houve gente com aparência tão humana como qualquer de nós, que teve e compartilhou conhecimentos próprios de todos os âmbitos de nossas atividades, que ainda hoje temos que reconhecer como extremamente avançados, sábios e profundos.

Essas coisas aconteceram em períodos que estão submersos milhares de anos antes da data que marca o acontecimento histórico mais antigo que podemos registrar e também posteriormente durante a época que registra o que poderíamos chamar de nossa história provável. O fato que nos produz um grande problema e que nos impede aceitar a possível existência de esse passado tão diferente, é justamente que essas presenças não voltaram a se registrar

nos tempos que estão mais vivos em nossa memória coletiva. Os deuses desapareceram de nossas vidas, não estão mais presentes e por aí concluímos que nunca existiram, que as notícias sobre suas proezas são mitos e lendas e que os restos de algumas/muitas portentosas obras descobertas nos Andes, na América Central, no norte da Europa, no Meio Oriente e em vários lugares da Ásia e da África, são produto de faustuosos rituais funerários, adorações místicas de seres primitivos, ou de alucinações coletivas.

Se hoje tratamos a lembrança dessas pessoas como se houvessem sido vítimas heréticas de inspiração diabólica, como será que nós seremos recordados por nossos descendentes? Não faltarão aqueles que tentarão entender por que o mal os alcançou de forma tão brutal e reconhecerão as causas de seu sofrimento em nossa atitude irreverente. Com certeza abominarão os atos e todas as crenças exóticas que degradam nossa condição humana. Isso não nos acontece com nossos longínquos antepassados e assim podemos supor que somos bastante piores que eles. Foram eles – deuses, astronautas ou gente deste Planeta – que tentaram nos transmitir os conhecimentos que aperfeiçoariam nossas existências. Nós, hoje, só estamos tentando degradar e destruir tudo. Raro e difícil será que sobre alguém para nos maldizer.

Desde a mais remota Antigüidade nos foi transmitido, repetido através de incontáveis gerações por meio das mais variadas formas adotadas pela mídia em uso, que prejudicar outros – ou um só que seja – de qualquer maneira, é o ato

mais baixo, abjeto, criticável, punível e proibido de ser realizado. Existe essa sabedoria de origem muitas vezes milenar que nos permeia a consciência de seres vivos, manifestada em forma clara por todas as religiões e filosofias existentes. Não me interessa, em absoluto, se este ponto de vista seja humano ou divino, se foi manifestado por diversos líderes espirituais que apareceram por aí, ou se este conhecimento é produto do mais puro e simples senso comum que às vezes somos capazes de manifestar. O que é de interesse maior é a grande verdade que este conceito encerra e de que hoje estamos justamente atuando em contra de este ensinamento. Esse é o problema.

Uma parte deste problema pode residir no fato de ser totalmente insignificante e irrelevante se foi deus, um cristo, eu ou você mesmo/a quem originou o conceito de que só deveríamos tratar os outros do jeito que gostaríamos ser tratados nós mesmos, se é que, a pesar de que deveríamos saber como deveríamos proceder, seguimos incorrendo em práticas que contradizem este preceito supremo.

Só pra ilustrar, menciono uma historinha que circula por aí. Diz assim:

Uma vez cada cem anos Jesus de Nazaré se encontra com o Jesus dos cristãos no cimo de uma alta montanha. Sentam frente a frente e conversam, intercambiam impressões, discutem, desde o pôr do sol de um dia, durante toda a noite e o dia seguinte, até o novo entardecer.

Quando o sol desaparece no horizonte eles se despedem e separam, até que, cem anos mais tarde, se encontram de novo. No momento da despedida, Jesus de Nazaré diz ao Jesus dos cristãos: *“É isso mesmo, meu amigo. Cada vez que voltamos a nos encontrar estou menos de acordo com você. Parece-me que nunca vamos a concordar. Cada vez a gente se entende menos”*.

Está claro que é uma historinha que pode ser entendida de várias formas diferentes; então tanto dá se exponho só uma das possibilidades, adaptada a meu propósito e finalidade pessoal.

Há um assunto que chamamos – em termos técnicos – *“degradação da informação”*, o qual é um fenômeno da comunicação humana.

Tentando simplificar a explicação, podemos facilmente perceber que quando uma pessoa relata a outra um fato ou acontecimento qualquer, podendo ser este da maior simplicidade e até uma só palavra, essa pessoa o passa para outra, quem faz a mesma coisa com a seguinte e assim por diante, muito logo a informação inicial é distorcida e rapidamente perdida. Experiências mostram que às vezes isso acontece depois de 3, 5 ou dez e até 20 repetições e muito poucas vezes supera mais que essa quantidade, a pesar de todo empenho e seriedade colocados na experiência. Quando juntamos as pessoas que fizeram parte da experiência, podemos ver que a palavra original foi progressivamente modificada, até perder todo significado original.

Imaginemos então o caso de uma informação mais complexa que pretenda ser transmitida a bilhões de pessoas a través de centenas de gerações. Podemos, já faz há bastante tempo, recorrer à escrita para obter um apoio, mas também estaremos em mãos dos transcritores que, por outra falha humana, cometem erros e estes às vezes até são intencionais. Complicuemos ainda mais um pouco o assunto em questão e agreguemos a necessidade de traduções que, além do mais, devem ser de alta fidelidade, coisa bastante difícil a ser alcançada.

Considerando o caso de uma comunicação que esteja revestida de alguma complexidade, ou até considerando as diferenças culturais do emissor e do receptor, esta também deverá estar acompanhada de certos esclarecimentos e explicações, as quais também podem haver sido dados no momento de origem e, por isso mesmo, tenderiam a refletir as condições, o meio, os conhecimentos, a cultura da sociedade então contemporânea.

De jeito nenhum podemos ser tão fanáticos ou míopes para afirmar que qualquer tipo de mensagem possa atravessar incólume centenas ou milhares de anos, estando exposta a estes condicionamentos. E isso que não quis, ainda, agregar o caso dos interesses que sem dúvida surgem no caminho e que maldosa e intencionalmente deformam a mensagem, procurando satisfazer interesses estranhos às intenções originais. Isso também existe, acontece, não o podemos negar e é parte relevante do problema.

Pois imaginemos então que apareça, em qualquer momento histórico, como tantas vezes realmente apareceu, uma pessoa ou um grupo de pessoas que transmitiu alguma mensagem relevante para a humanidade. Com suas boas intenções e ações realmente conseguiram que, de alguma maneira, conseguíssemos um progresso, avanço, aperfeiçoamento ou evolução. Observamos que ao passar de anos, séculos e até milênios em alguns casos, a informação original foi sendo distorcida e deturpada de seu propósito inicial.

Muitos impérios e grandes civilizações poderosas se levantaram e caíram neste processo repetitivo, mas também podemos observar que, nos momentos mais críticos, surgia alguém que tentava impor alguma ordem no caos imperante, em esse caos que sempre foi concomitante com a degradação da informação. Uma característica comum aos novos mensageiros (poderíamos chamá-los assim) é negar os ensinamentos dos precedentes, estabelecendo modificações freqüentemente bastante drásticas. Isso também faz com que esses mensageiros sejam contraditados, atacados e combatidos pelos integrantes das estruturas corruptas e decadentes que tendem a se perpetuar no poder.

Isso último parece-me um assunto bastante superficial e somente aparente, pois, se fôssemos examinar os detalhes, a rejeição e a modificação dos ensinamentos transmitidos pelos antecessores só se realiza à luz e em relação dos acontecimentos daquela atualidade. Muito freqüentemente explicam e complementam os mesmos fundamentos, apenas adaptados ao nível de compreensão de uma sociedade

que mudou, que tem uma diferente visão do mundo e outros conhecimentos que aquela que existia quando a mensagem original foi gerada. Assim, na realidade, nos dizem o mesmo com outras palavras. Não entender isso nos leva à base do fanatismo religioso.

Pois bem, se estudamos as religiões que nos foram legadas por nossos antepassados, vamos achar em todas elas a síntese de aquele princípio mencionado algumas páginas atrás, que incentiva a prática do *“fazer ao outro o que gostaríamos que o outro fizesse para nós”*. Expressado de diversas formas, é uma visão de comportamento correto que foi nos sendo transmitida repetidas vezes durante toda a história da humanidade, em todas as culturas e civilizações que existiram nesta Terra. Isso sempre existiu com mais ou menos evidência e, sempre quando esta mensagem foi degradada e deturpada ou ignorada, surgiram fatos que prejudicaram profundamente a qualidade de nossas relações existenciais.

É absolutamente errado acreditar e afirmar que esta idéia tenha surgido faz uns dois mil anos de uma pessoa específica, em um lugar específico e que desde ali tenha se estendido pelo mundo. Isso já existe faz tantos milhares de anos que é muito difícil lembrá-lo. O que acontece é que, como com tudo, temos que renovar o apelo de este princípio superior, desta regra de ouro, para que voltemos a poder nos considerar igualmente humanos a todos nós por igual.

Voltando um pouco atrás, é isso mesmo o que permitiria a convivência não-violenta das diferenças.

Quer ser respeitado?  
Respeite!

Quer manifestar livremente suas opiniões?  
Deixe que os outros também as manifestem!

Quer construir seu próprio sistema social-econômico-político?  
Deixe que os outros também o façam!

Quer praticar sua própria religião?  
Permita que os outros tenham o mesmo direito!

Tem um conceito próprio de justiça?  
Respeite os que vejam o assunto de maneira diferente!

Como consequência e durante o decorrer do tempo, seguramente descobrirá que sua vida melhorou tanto como a dos outros.

Não queira nem tente impor seus pontos de vista, suas crenças, sua cultura, sua religião, sua forma de vida ou esquema social, nos outros de forma arbitrária e violenta. Não acredite que sua verdade é maior e melhor que a do outro. Acima de tudo, entenda que a vida não é produto nem resultado de uma ação violenta da existência, mas da harmônica coexistência cooperativa e solidária de todas as coisas existentes, seja que o possamos perceber com nossos sentidos, ou não.

E mais, compartilhe em forma honesta e equânime a informação, a energia e a matéria, que assim teremos, muito provavelmente, a oportunidade única de criar as condições que façam surgir uma sociedade ecologicamente apta para sobreviver.

O que é para um deve ser para todos e do que todos recebem não pode haver um só que seja privado, do todo ou de parte do que lhe corresponde segundo sua necessidade. Parece-me que a coisa vai por aí, ou não?

## **A SOLUÇÃO UTÓPICA**

Deve estar claro para o leitor, ainda que só tenha colocado uma mediana e superficial atenção no escrito, especialmente no começo desta obra, que este não é o primeiro nem único trabalho que realizei. Apesar de não haver publicado, ainda, pela grande rede editora, nem em papel nem em forma eletrônica, já imprimi algumas coisas em tiragens pequenas e por conta própria, produzindo livros rudimentares, artesanais, que vendi, dei de presente ou prestei a diversas pessoas. Quer dizer que já fui lido por alguns poucos contemporâneos, o que me pode servir como certa referência às reações que meus escritos possam apresentar.

Para minha íntima satisfação, não recebi maiores críticas pela forma de escrever ou de apresentar as questões que me interessa expor, mas fui um tanto criticado pelas soluções que considero possíveis, ou até necessárias, e que apresento à consideração do público em geral. Fora de ser considerado, por alguns, um extremista radical, chegando a ser tachado – em forma pejorativa – de anarquista e de comunista (término que nem os próprios políticos demonstram entender), fui considerado unanimemente como um utopista. Isto também em forma crítica, pois uma visão utópica da realidade não é considerada como algo realizável; ou, de outra forma, tudo o que implique ou considere um câmbio profundo – social, econômico, político, religioso, cultural, psicológico, etc. – é considerado comumente como algo impossível ou, pelo menos, tão difícil de realizar que o torna impraticável. Isso é chamado de utopia.

Defendo-me afirmando que é a dificuldade na aplicação de soluções coerentes que coloca o rótulo de “utópico” em alguma coisa; é o sistema que chama utópico aquilo que o contradiz, como defesa própria, não querendo permitir que transpareça a mais mínima possibilidade que as coisas possam realmente ser de maneira diferente. É a própria tendência à indolência e à preguiça das pessoas que denigra o termo utopia, colocando-o como sinônimo de impossível, fechando-se às possibilidades existentes. É a igreja oficial que provoca o atraso em alcançar condições utópicas de vida, porque, ainda que diga concordar com a possibilidade do estabelecimento de um mundo utópico humano, relega a criação deste à intervenção alienígena extraterrestre. É a própria política adotada, praticada pela dita esquerda revo-

lucionária vermelha, que nos impede alcançar um estado utópico de convivência, com suas reacionárias propostas que nos desviam dos fins da verdadeira revolução.

Existe um ditado por ai que afirma: a grandes males, grandes remédios, o que nos pode indicar a necessidade de proporcionar possíveis soluções proporcionais ao tamanho e/ou características dos problemas que tentamos equacionar. As características das soluções estão em consonância com as características dos problemas colocados. Não me sinto em absoluto culpável de que as coisas tenham chegado ao ponto em que estão, de que a vida apresente a degradação que hoje podemos registrar. Não fui eu que inventei o pensamento utópico nem fui eu quem instilou nos humanos este sentimento, a crença, as ânsias que nos fazem almejar uma forma de vida que possamos compartilhar em forma amigável. Isso é algo que se remonta a muitíssimos anos antes da invenção do próprio termo de utopia e muito provavelmente nos remete aos tempos mais primordiais da existência humana neste Planeta. O pensamento utópico nada mais procura que uma melhora nas condições que se apresentam adversas à convivência pacífica e digna de todos e, enfim, à vida em geral.

De seres pensantes e relativamente racionais que pretendemos ser, não pode se esperar outra coisa que – pelo menos alguns de nós – procuremos formas que nos ajudem a superar ou contornar situações adversas que nos estão prejudicando, tal como hoje – outra vez e ainda – está acontecendo. São momentos como o atual, extremamente crítico

e perigoso, quando tende a se avivar a chama nunca apagada do pensamento chamado utópico.

Sendo que todas as crises anteriores que a humanidade registrou – e incluo nisto também as duas grandes guerras mundiais que aconteceram no século/milênio passado – não foram globais, não alcançaram a totalidade da humanidade, mas foram fenômenos limitados a âmbitos relativamente amplos, mas mais ou menos reduzidos e localizados, o problema de fundo nunca antes pode ser completamente avaliado em sua total complexidade. Assim também não houve condições que permitiram surgir propostas de soluções ou formas novas que colocassem um fim, ou pelo menos diminuíssem em forma apreciável o sofrimento da humanidade e a destruição paralela que sempre foi implementada.

Hoje, pela primeira vez na história, a crise alcança até os rincões mais isolados do Planeta, alimentada por um sistema absurdo, abjeto, condenável, que nos oprime e prejudica a todos por igual. Ricos e pobres, poderosos e escravos, estão no mesmo balaio. Nunca antes a humanidade toda esteve tão mal no mesmo momento. Nunca antes sua sobrevivência esteve tão ameaçada como hoje e só podemos observar que amanhã será pior, ainda que comecemos agora mesmo a implementar soluções, pois estas só poderão produzir efeitos realmente positivos em prazo bastante longo. A coisa está extremamente deteriorada e não será fácil concertá-la. Em isso podemos concordar, com relativa facilidade, sejamos anti-utopistas ou não. Enquanto às palavras dos que afirmam que se tentamos melhorar vamos

estragar tudo, nisso podemos tranquilamente cagar em cima.

Se pudéssemos chegar a um acordo na visão da extrema decadência de nosso acionar, de nossos pensamentos e sentimentos e do resultado demolidor que isto produz em todos os nichos de nossa existência - o que produzirá efeitos que indudavelmente podemos prever - poderíamos, sim, escolher se a gente se deixa estar, passa por tudo sem reacionar, se seguimos participando do lado dos destruidores da vida, ou se tentamos de nos unir na busca e na aplicação dos elementos que nos ajudem a solucionar o problema e modificar o estado atual para algo melhor, mais humanamente aceitável.

A palavra utopia também chega a ser usada como sinônimo de ilusão, mas essas são duas coisas muito diferentes.

Ilusão é acreditar que podemos melhorar a vida de todos e também evitar nosso fim com esse sistema que estamos implementando.

Ilusão é acreditar que a vida de todos mudará se somente aplicamos algumas correções e/ou modificações a este sistema.

Ilusão é acreditar que poderemos mudar algo para forma mais positivas e aceitáveis com os meios que o sistema nos permite.

Ilusão é acreditar que vivemos no melhor dos mundos possíveis, quando, se abrimos os olhos, observamos tanta porcaria por todos os lados.

Ilusão é acreditar que a religião dominante seja capaz de evitar a destruição e implementar os câmbios requeridos.

Ilusão é acreditar nos fatalistas e niilistas que afirmam que nada pode ser feito para reverter a situação, nem para melhorar nossas condições de sobrevivência.

Ilusão é quando acreditamos que a utopia não é possível de ser realizada em este momento concreto onde se desenvolve nossa existência.

Já afirmei em outro escrito que a utopia é *a ciência que nos mostra o que é possível de realizar* e não volto atrás nessas palavras. A visão utópica não nos mostra um mundo impossível, mas um mundo que nos é proibido por todos aqueles que nos impedem nossa realização plena porque obtém inegáveis e fabulosos (pseudo)benefícios decorrentes do esquema anacrônico e desumano que nos está exterminando. Os humanos, em geral, sempre soubemos o que era melhor para nós, mas também sempre houve aqueles que, com prepotência e em forma violenta, impediram-nos implementar as formas mais ideais e isso nos trouxe até onde estamos. Resta-nos aceitá-lo ou seguir lutando incansavelmente contra as forças que se opõem ao objetivo de implementar uma vida digna para todos e pelo tanto superior ao que estamos experimentando.

**SE ISSO É CHAMADO DE UTOPISMO,  
POIS BEM, ENTÃO “A UTOPIA AO PODER”  
E O RESTO PODE IR PRO INFERNO,  
QUE É AONDE PERTENCE.**

Se encararmos os problemas que se apresentam a nós e se as soluções possíveis nos parecem em extremo radicais e difíceis de implementar por suas características evidentemente utópicas, não é isto causado pela existência do pensamento utópico em si, mas porque agora, finalmente, não temos outra possibilidade alternativa de desenvolvimento, evolução e sobrevivência, a não ser implementar de vez e definitivamente aquele mundo utópico que sempre nos foi mesquinhamente negado.

Chegamos ao ponto onde tudo o que não pertença ao âmbito utópico não nos serve, em absoluto, e isso pode ser extremamente benéfico para todos, se o encaramos da maneira correta.

## **ENXURRADA DE LETRAS**

Em dias passados tive uma espécie de arrebatamento, que produziu uma verdadeira diarreia de letras, as que resultaram em 119 páginas manuscritas. Coisa não muito freqüente, sempre é bem-vinda para quem acredita ser escritor. Serviu para engrossar o volume desta obra, contribuindo à formação do novo livro, o que não deixa de produzir certo contentamento e satisfação.

Mas, como geralmente sucede em ocasiões similares, a gente chega ao ponto onde o vazio predomina outra vez. Acaba-se o tema, botou-se tudo pra fora e nada fica para seguir. Há quem chame isto de falta de inspiração e não são poucos que apelam aos recursos mais bizarros para produzir essa condição, que chega a assumir características mistioides. Não me parece que a coisa seja bem por aí, pois tenho ainda uns 4 ou 5 pontos temáticos que gostaria desenvolver, mas me faltam dados e me falta pensamento e meditação sobre eles, pelo qual não posso tecer mais que uma ou duas frases coerentes ao respeito. Isso não é falta de iluminação inspiradora; é pura falta de conhecimento, pelo qual é lógico que não possa seguir escrevendo e ponto.

Durante os nove ou dez meses que estou tentando escrever este novo livro, várias vezes encarei a pergunta de por que não estava incluindo fatos da vida diária, já que o título “DESDE MINHA JANELA” estava aí como idéia-força que me põe o mundo inteiro como tema atual e exemplar. Parece-me que fui como que sintetizando e abstraindo esse dia a dia do cidadão sofredor, sem entrar em maiores detalhes sobre suas características particulares e sobre os acontecimentos que nos marcam em nossas vidas comuns. Os casos vistos diariamente são chocantes, escandalosos, altamente descritivos da desgraça humana.

Está claro e é muito óbvio que uma boa coleção de casos, sem grande necessidade de muita seleção, daria farta quantidade de excelente matéria que mostre as bestiais ações do sistema que o império impõe sobre nós, mortais comuns

e menos que comuns, flagelados, des-socializados, aculturados, martirizados, marginalizados, esterilizados na mente e no espírito, condenados à exterminação.

Ou seja, tema é que não falta, se observamos o dia a dia das pessoas individuais e suas vidas desgarradas, desgraçadas e sofrentes. Já seria denúncia bastante para condenar nossos opressores. Mas algo me impulsiona a evitar, a me abstrair do caso pontual e particular. Parece-me que cairia em uma espécie de jornalismo que podemos observar, ainda que de forma bastante superficial, nos jornais e revistas que o sistema produz. Não é por ali a trilha.

Outro caminho seria aquele percorrido pelos que colecionaram fatos bárbaros que permitiram ao Império Sacro do Norte se apoderar de nossos corpos e nossas almas, de nossas terras e todas suas riquezas, de nossos governos e nossas instituições. Foram necessários vários volumes para que um uruguaio genial pudesse nos mostrar as Veias Abertas da América Latina, que de latina tem cada vez menos. Foi um norueguês que publicou o relato de uma coleção de barbaridades realizadas por seres humanos contra seres humanos. Foram muitos outros que denunciaram os feitos selvagens e sangrentos que nos trouxeram até aqui, hoje e agora mesmo, a maldizer a situação estúpida e degradante que estamos vivenciando. Ou seja, já está feito. Para que repetir, se podemos achá-lo ciscando em algumas livrarias ou bibliotecas públicas.

Mas aí, quando tudo estava meditado sobre as coisas que agora exponho superficialmente, que surge um fato que

não posso deixar de comentar. Eu vi, como todo mundo viu e até os astronautas ali acima o viram: caíram dois edifícios colossais, tão grandes que faz duas gerações era difícil sequer imaginar que fosse possível construir torres desse tamanho. O impacto da queda remexeu o Planeta inteiro, como as ondas de um terremoto que alcança as mentes de todos os humanos. Passados já quatro dias, ainda não me recupero do impacto que me produziram as imagens transmitidas pela TV e as fotos dos jornais, os artigos, as entrevistas, os comentários pretensamente eruditos, as especulações surgidas, os comentários do povo em geral e tanto mais que me deixou incapaz de pegar esta caneta esferográfica e escrever alguma coisa ao respeito, ou nada mais que míseras três páginas que reproduzo mais adiante.

Vivi algo levemente semelhante faz já bastante tempo, o dia que cumpri minha maioria de idade, que em aquele tempo e lugar era de 21 anos. Trabalhava, para uma empresa chilena, na construção de uma refinaria de cobre. Era intérprete dos engenheiros alemães que dirigiam e supervisionavam a obra. Eu queria passar meu aniversário com a família e havia recebido um telegrama – enviado por meu cunhado – que me informava que minha mãe estava doente, me pedindo para que viajasse imediatamente à capital. Isso me facultava pedir algum dinheiro adiantado e fui falar com o chefe administrativo da empresa. Só que a plana maior estava em reunião e esta estava demorando em acabar. Foi em esse intervalo de tempo de espera quando chegou um dos trabalhadores com a notícia bombástica. Tinha um rádio a pilhas, coisa que em aquele tempo era pouco

comum, tal como os telefones celulares faz poucos anos atrás.

A notícia se derramou como um maremoto pela obra. Trabalhadores, capatazes e subchefes não tardaram a se reunir frente ao escritório onde se realizava a reunião dos chefes máximos, mas ninguém tinha coragem para interrompê-los. Esperávamos, todos atentos ao que informavam algumas emissoras nos rádios portáteis que foram aparecendo. Lembro poucos detalhes, mas estávamos bastante nervosos e até com medo das possíveis conseqüências do fato que estávamos sendo informados, tanto devido à importância e gravidade deste, como também pelos rumores e especulações que já, nos primeiros momentos, se entreveravam com a realidade pura, concreta e objetiva.

Sim tenho certeza que passou coisa de uma hora e meia até que se abriu a porta do escritório. Guardo a imagem do chefe que chamávamos Bolas Negras por seu mau humor, gritando: “*Que merda estão fazendo aqui, que putaria está acontecendo?*”, e a resposta dada por várias vozes: “*Mata-ram o Kennedy!*”. O restante da chefatura estava saindo, os donos da empresa, os chefes seccionais, os engenheiros alemães e chilenos. Mata-ram o Kennedy. Assassinaram o presidente dos Estados Unidos. Foi uma bomba psicológica. Não acreditavam, mas logo muito rapidamente convenceram-se, graças aos receptores que traziam a notícia, interrompendo toda programação normal.

Houve uns quantos que quase entraram em pânico. Os russos, os cubanos, os comunistas, a terceira guerra mundial, o apocalipse, especulavam enchidos de terror.

Sem maior problema nem trâmite consegui alguns pesos e três dias de licença, viajando logo à capital para passar meu aniversário com a família e os amigos. O peso da história que se desenvolveu a partir dessa notícia é de conhecimento geral, ou deveria ser, e minha própria história acredito não interessa muito a ninguém. Isto só pretende ser uma pequena introdução para o que segue, ou uma forma de dizer que vi esse filme antes.

## **ONZE DE SETEMBRO**

Acordei tarde, como em qualquer dia comum sem ilusão de nada na minha vida, cansado de debilidade e com a fome que gostou de mim e se tornou companheira inseparável. Nada para comer e nem um gole de café velho disponível. Cumprem-se duas semanas sem gás de cozinha e nem água posso ferver. Sem pressa fui colocando na minha sacola a garrafa térmica que uso pro café, um restinho de pó de café, um pacote de macarrão (mais nada tinha de alimento), o caderno inseparável onde escrevo e algumas outras poucas coisas. Vou à parada onde tenho que pegar o primeiro dos dois ônibus que me levarão à casa de uns amigos. Eles, artistas, não se levantam cedo, pois trabalham até tarde. Pelo qual retardo ao máximo minha saída.

Disponho de mais de uma hora para ir pensando. Onze de setembro foi um dia triste, um dia de tristes recordações, durante longos vinte e oito anos. Foi o dia em que se realizou um golpe de estado em um pequeno país sul-americano, isolado entre cordilheira, mar, deserto e geleira eterna. O povo dessa nação soberana foi duramente punido por tentar alcançar uma forma mais humana de sobrevivência. Algumas poucas dezenas de milhares de pessoas foram assassinadas, outras tantas e mais foram torturadas, várias centenas de milhares tiveram que fugir de sua pátria, e alguns milhões foram perseguidas e subjugadas.

O fato repercutiu fortemente no Planeta e uma boa parte de sua população humana ficou horrorizada com o acontecido, suas conseqüências e seqüelas. Outra boa parte celebrou o golpe militar sangrento, o bombardeio do palácio presidencial e sua invasão acompanhada do assassinato do presidente eleito democraticamente, apoiando aberta e explicitamente o terror desenvolvido nos anos seguintes, que deu lugar a uma, mais uma, cruel ditadura. No fundo, bem no fundo, não foi coisa que causasse muita preocupação nem impressões muito profundas na humanidade como um todo, pois não afetava em grande coisa a ordem estabelecida em termos globais; não punha em perigo aos envolvidos diretamente e também podia ser considerado como mais um caso relativamente isolado, ou similar a tantos outros onde se sacrificavam alguns milhares de vidas na luta pelo poder. Isso está acontecendo durante toda a história americana desde que o continente foi invadido, há mais de quinhentos anos. Nada extremamente grave e nada que fuja do padrão normal e acostumado.

Poucos, relativamente muito poucos, hoje sabem e reconhecem que as mais horríveis carnificinas dos últimos cento e cinquenta anos foram inspiradas, organizadas, executadas e financiadas pelos EUA. Esta verdade inegável é convenientemente apagada da história.

Hoje esta data de tão tristes lembranças, para muitos simboliza a lembrança de tantas outras datas igualmente tristes, quando o poder hegemônico que emana do norte da América mostrou sua violência criminosa a nosso povo escravizado.

Chegando à casa de meus amigos preparo café, cozinho alguma coisa, conversamos, escutamos a música que gostamos e, bom, cultivamos nossa amizade.

Estávamos em isso quando, perto do meio dia, a vizinha comentou o que viu na televisão de uma amiga que mora algumas quadras mais pra baixo, na mesma favela. Contou de um avião que se estatelou contra o edifício mais alto do mundo, lá em Nova Iorque, e de outro que caiu naquele outro lugar que chamam de Pentágono ou algo assim. Parece que foram os terroristas, agregou, e não sabia mais. Sua própria TV não estava funcionando e meus amigos não têm, tal como eu, condições de financiar uma caixa idiota em casa. Não é porque não queremos, mas porque não podemos adquirir uma.

No rádio achamos uma única emissora que nos confirmou a veracidade daquilo que a vizinha contou. Um rádio paraguaio estava retransmitindo o que parecia ser uma coletiva

de imprensa. O ruído de fundo consistia em uma voz que falava com um inconfundível sotaque american-english incompreensível, uma voz de mulher traduzia pro espanhol perguntas do que pareciam ser jornalistas e uma voz de homem fazia a tradução simultânea das respostas. Depois de alguns poucos minutos interveio a voz do locutor de turno, que cortou a entrevista e voltou à programação habitual. Parecia meio aborrecido porque alguma coisa alheia a ele havia interrompido seu horário sagrado. Vai saber. Ficamos nisso pelo resto da tarde.

Não foi até as seis da tarde que cheguei de volta a meu bairro. Desci do ônibus e vi que no mercado da esquina haviam colocado uma televisão. Um programa de audiência nacional mostrava as primeiras imagens que vi. A temática se desenvolvia em redor das predições de Nostradamus, tentando demonstrar que esse homem havia previsto tudo isso textualmente, acertando com uma precisão quase dia, hora, minuto e segundo. Desde esse ponto especulavam sobre o futuro da humanidade e a intervenção divina nos terríveis dias para nosso futuro quase imediato. As imagens que serviam de fundo a este blá blá, repetiam o incêndio do primeiro edifício, aparecia um avião que fazia uma curva e impactava o edifício que estava oculto atrás do primeiro, e corpos que caíam e voltavam a cair várias vezes. Logo os prédios desmoronavam um depois do outro e toma replay outra vez de novo, enquanto o pessoal corria na rua e só uns poucos voltam pra olhar atrás, atônitos, como que sem poder acreditar que era a mais pura realidade tudo aquilo que estavam testemunhando.

Essas imagens de aqueles prédios grandiosos implodindo foi realmente muito forte e sua repetição durante meia hora não me deixava sair da estupefação. Cheguei a me sentir identificado com um negro que foi mostrado muitas vezes voltando sua cabeça, ficando com a mesma boca aberta que eu tinha em esse momento. Ele aí, ao vivo, direto e gravado, ator em destaque; eu aqui algumas horas mais tarde, irmanados pelo incompreensível pesadelo que nos mostrava o mundo real. A diferença é que ele teve que correr para salvar sua vida e eu não podia me mexer do lugar para não perder o espetáculo, mas penso que estávamos igualmente perplexos. O que ele não escutava era a voz atrás das imagens, ou acima delas, de aquele entrevistado que predizia o começo do final da besta, baseando sua interpretação nas previsões daquele antigo e discutido visionário. Acredite nisso quem quiser; eu só descrevo o que observei pela minha janelinha miserável.

Pouco mais tarde assisti o noticiário e já tentava encaixar esse acontecimento nas páginas deste livro. Umas horas mais tarde consegui escrever o texto que segue a continuação.

Hoje aconteceu uma reviravolta. À tardinha assisti às imagens do que aconteceu em NY e Washington nesta manhã. Pouco foi mostrado, fora de três prédios destruídos e um flash do Pentágono coberto de fumaça, além de pessoas nas ruas fugindo atordoadamente dos locais afetados, mais alguns feridos. Poucas imagens, se considerarmos a magnitude do desastre e a capacidade da mídia norte-americana,

e todas elas mostrando apenas o que aconteceu de manhã. Parece que nada mais filtrou pra fora depois de meio dia.

As notícias estão no mesmo nível. Dizem que oito aviões de passageiros foram seqüestrados. Dois deles atingiram o World Trade Center (Centro Mundial de Comércio, o prédio gêmeo, quinto maior do mundo), e outro se espatifou contra um lado do prédio de cinco lados que abriga o QG do maior e mais poderoso exército da Terra. Um outro caiu em algum lugar do país e dos outros quatro ignora-se o paradeiro. Em total, pouco mais do que isso e fim da transmissão, a qual teve que ser estufada com estratos históricos de acontecimentos anteriores, atentados perpetrados por guerrilheiros em diversos lugares, complementado com comentários mais ou menos especulativos de alguns personagens.

Entre todo o que escutei em pouco mais de uma hora, a única coisa coerente foi dita por um certo filósofo ou analista político gaúcho, que comentou algo assim como: *“isso é consequência da política exterior norte-americana”*. Síntese simples, clara, bem na cabeça do prego.

Onze de setembro de 2001, dia em que os EUA sentiram na pele, por primeira vez na história, o que é, como é, quando a guerra se realiza no próprio quintal. Tiveram seu batismo de fogo. Nunca antes souberam o que é a guerra, em carne própria. Por primeira vez receberam o troco em casa, umas miseráveis moedinhas de troco, pelo investimento selvagem que fizeram no Planeta. Isso não é nem mais nem menos do que eles produziram em qualquer ação isolada, em

tantos lugares do planeta e não só em diversos países americanos. Apenas representam uma cifra similar aos que perderam há 28 anos, vítimas da ação implementada pelos americanos, em um paisinho sem muita importância internacional, no extremo sul do Continente Americano. Em aquele momento não foram muitos que fizeram ouvir seus protestos, comparando com os que hoje são incentivados pela mídia. Mas o horror foi o mesmo, a desgraça foi similar. (*Nota posterior:* naquele momento especulava-se em 30 mil mortos nos EUA, cifra que dava uma equivalência à carnificina praticada pelo regime terrorista do esbirro americano Pinochet, no Chile. Hoje se sabe que não foi nem dez por cento disso.)

O que agora, ainda poucas horas – nem um dia inteiro – após o desastre, não podemos prever, é o desenvolvimento da questão, as conseqüências desta ação e, ainda que se esteja manifestando uma tendência a uma especulação sem limites, parece ser que não é coisa muito apropriada. O assunto é complexo demais, os dados são poucos demais.

Pessoalmente acho que o que aconteceu é muito maior e mais grave do que foi noticiado, mas está sendo ocultado ao mundo com o fim de evitar conseqüências econômicas, financeiras e políticas. Devo esperar para saber. Buemba: de onde vamos, pra onde viemos?

## O DIA SEGUINTE

O dia seguinte demorou quatro dias em chegar. Simplesmente não podia escrever. Se fosse jornalista teriam me mandado pra rua. Não conseguia reacionar, apenas tentava me informar pelos jornais que podia ler na biblioteca pública municipal, sem acesso a TV nem internet.

Para compensar, tentei conversar com a maior quantidade possível das pessoas que encontrava. Conhecidos, amigos, desconhecidos, no transporte público, na rua, nas oficinas, nas repartições, interroguei a quem se pós na minha frente. Interessante foi constatar que o choro cínico e servil dos meios de comunicação não havia contagiado o povo comum. Com certa reticência no começo e com aberta franqueza e sinceridade a continuação, não encontrei uma só pessoa que não manifestasse pelo menos uma apreciável dose de concordância com o fato em questão. Não os contei, mas foram muitos e todos eles pertencentes às camadas sociais e culturais mais diversas. Em geral, não tinham coragem a se manifestar publicamente, por uma mistura de medo, vergonha e pudor ante tanta morte e destruição, produzido em essa forma e circunstância que não tem referências na história comumente conhecida.

Logo, quando se soltavam e começavam a criticar duramente o orgulho e a prepotência dos norte-americanos que, com que direito, acreditavam ser donos de tudo, que mandavam em tudo e não aceitavam nada que fosse diferente a eles. Segundo seus conhecimentos relativos, começavam a se lembrar tanto de Chile como de Kosovo, da Pa-

lestina e da Colômbia, de Hiroshima, Nagasaki, Vietnam, Irak, Santo Domingo, Granada, Argentina, Angola, Timor Leste, Somália, da conferência sobre racismo em Durban, dos acordos ecológicos não assinados, da fome e da miséria de este próprio Brasil, rico país selvagemmente depredado pelos interesses econômicos dos vândalos nortistas, das 300 mil mulheres esterilizadas sem consentimento nem conhecimento no Peru – ato financiado pelo dinheiro americano que também é usado na compra de armas que matam crianças no Oriente Médio e na África, tanto como em qualquer rua ou favela do planeta.

Muitas coisas escutei e tenho certeza que dava para escrever outro livro, mas há uma frase que quase todas as bocas pronunciaram: *“Eles bem que mereceram”*, geralmente acompanhada desta outra: *“Eles o procuraram. Estão recolhendo uma pequeníssima parte do que semearam.”*

E a pena pelos inocentes? Inocente – eu escutava – sou eu que não tenho serviço e minha família que está passando fome por causa desse regime injusto que nos oprime. Inocentes são esses cem milhões de patrícios que sofrem a desgraça, para que eles lá possam ter todos esses luxos e construir aqueles edifícios que caíram. Inocentes são aqueles que morreram assassinados porque preferiam uma vida diferente, com outros valores e crenças. Inocentes são os que pilotaram os aviões, mártires no desespero de ver seus povos, suas nações, suas famílias, seu deus, sua cultura, tudo destruído pela avidez, pela ambição, pela prepotência selvagem dos (norte)americanos. Inocentes são os que vão morrer pelas represálias que comandará aquele presidente

louco que eles tem. Inocentes são os que morreram em My-Lai. Que inocentes? Aqueles que mandaram 54.728 de seus filhos a uma morte suicida em Vietnam? Aqueles que destruíam aldeias de camponeses com bombas de napalm e cobriram as selvas e plantações do país com pó da china? Quais inocentes? Aqueles que trabalhavam nesses prédios onde estavam as sedes dos maiores bancos e financeiras que só prosperam com o lucro proveniente da exploração de aqueles que si são os verdadeiros inocentes. Inocentes aqueles que destroem o futuro de nossos filhos, deixando o planeta em situação insustentável? Inocentes os funcionários que sustentam essa estrutura diabólica?

Vou lembrando e transcrevendo o que escutei durante quatro dias de pesquisa, como aquela afirmação mais radical: *“Ali só morreram alguns cúmplices; não houve inocentes entre as vítimas”*. Ou aquele outro que manifestou: *“Se queixam de quê? Se só aconteceu o mesmo que os cristãos fizeram em suas cruzadas”*. Ou ainda outro que sugeriu que na declaração americana de que este haveria sido *“o maior, mais covarde, o mais brutal e mais selvagem atentado da história”*, se trocasse a palavra *atentado* pela palavra *império*, já que assim se poderiam entender as coisas em sua verdadeira dimensão.

Dou a garantia de minha palavra que não coloquei nada daquilo que eu mesmo penso e sinto e até calo certas coisas que podem ofender algumas pessoas que são conhecidas por suas tendências á extermínio dos que escolhem como inimigos, mas não posso deixar de mencionar que me chamou a atenção as tantas, muitas vezes que o presidente

do país afetado foi chamado de louco, doente mental, incompetente, lunático e acusado de ser o causante direto de esse ataque, por sua imbecil postura ante o mundo. Não faltou quem o comparasse com os imperadores da decadência romana e não faltou quem profetizasse que este seria o homem que ia levar seu povo à derrota.

Claro que escutei muitas vozes que lamentavam o acontecido. Honestamente também o lamento e muito, mas também não posso esquecer que é em essa forma que as forças imperiais nos atacaram e atacam: sem misericórdia, sem pena pelos vencidos e com orgulho pela glória dos triunfadores. Apenas estão comendo algumas poucas migalhas da porcaria intragável que nos estão obrigando a ingerir faz bem mais de cem anos. Eu me pergunto sinceramente de que posso sentir pena, se não é dos que sofrem e dos que são massacrados pela mortífera máquina imperial.

Ainda devo, mais que isso, estou obrigado a esclarecer que essa pesquisa foi feita em Foz do Iguaçu-PR, cidade com mais de 12 mil habitantes árabes. Entre as opiniões aqui publicadas não tem uma só que seja proveniente de algum deles. Muito pelo contrário, não encontrei então, nem depois, um só sequer que não manifestasse seu sincero pesar pelo acontecido. A grande maioria dos entrevistados foram brasileiros, gente do povo e não grandes ou destacadas autoridades, além de alguns estrangeiros em trânsito, que não são difíceis de achar em aquela terra. Por outro lado, achei grata satisfação em alguns judeus, que enxergavam alguma vantagem para eles no acontecido.

Li que o presidente-imperador Buxa-Khan – aquele mesmo que evidencia claros sinais de graves distúrbios mentais e emocionais – declarou que ia responder como se o ataque tivesse sido um ato de guerra. Guerra não declarada, comentou. Puxas, que tipo tão lerdo, penso eu. Aqui todos sentimos e sabemos que o país que tão mal representa está em guerra contra todos nós faz muitíssimos anos antes dele assumir a presidência de sua nação. Isso é evidente em qualquer lugar do planeta. Será que teve que levar um golpe de esse tamanho para se tocar, ou está blefando? Há sim uma guerra mundial em andamento, só que até o dia 11.9.1 esta foi desenvolvida em forma unilateral, fora de suas próprias fronteiras que ninguém nunca teve a extrema ousadia de invadir para realizar um ataque. Se o povo americano não está consciente disso, seria bom que alguém lhe explique. A guerra que sua nação implementa já alcançou muitas outras nações e já produziu incontáveis mortos. A guerra não começou agora e não foi declarada por aqueles assinados como inimigos. A guerra está sendo desenvolvida e alimentada há várias gerações por atos conscientes de seus dirigentes políticos, econômicos, culturais e religiosos. É muita miopia pensar e acreditar que um dia o feitiço não ia se voltar contra o feiticeiro.

Haveria ainda que ponderar se a alegada inocência do povo (norte)americano os coloca na categoria dos inocentes. Tem que ser muito ignorante para não reconhecer que a manutenção da própria vida fastuosa, de toda a riqueza e superdesenvolvimento da própria nação, não ocorra por causa da exploração daqueles que são condenados à verdadeira ignorância, à extrema miséria e à morte humilhante

e vergonhosa. Cabe perguntar, sinceramente, quem são as verdadeiras vítimas dessa guerra cruel que estou presenciando tantos anos como existo.

O que aconteceu faz quatro dias atrás foi só uma pequena escaramuça de essa guerra. Não passa de uma anedota, de uma pequena cena de um ato que é parte de uma obra teatral que está sendo representada em todo o planeta faz muito tempo. É uma coisinha pequeníssima, se a colocamos no contexto do cenário total das operações guerreiras que estão sendo tão bem representadas. Não é mais do que isso e muito menos do que isso. Apenas uma operação comum de guerrilha, na qual participaram diretamente dúzia e meia de pessoas. Os tipos criaram coragem, utilizaram os meios que estavam disponíveis e realizaram uma proeza que pode ser considerada heróica por boa parte da humanidade. Por minha parte, prefiro outro tipo de heroísmo, como sempre tentei explicar em meus escritos, mas estes também correm o perigo de morrer como os que pilotavam aqueles aviões rumo a seus alvos escolhidos, ou como morreram e ainda morrem tantíssimos outros, inocentes vítimas alcançadas pela repressão imperial.

## PAUSA E REFLEXÃO

Foi muita coisa que coloquei no capítulo anterior. Certeza que entre os leitores há muitos escandalizados pelo que expressei. E que quer que diga a meus inquisidores? Eppur se muove? Ou que lhes peça que demonstrem sua boa vontade, suas honestas intenções e seu respeito aos outros, permitindo que a paz e a justiça se instalem entre nós como amostra e consequência de uma liberdade verdadeira? Ou será que vou ter que lhes implorar por minha vida ameaçada pelas retaliações dos verdugos a minhas palavras feitas públicas em um sistema que se gaba de permitir a livre expressão das idéias? Existe ainda alguém por aí que acredite nisso? Coitado! Eu não me faço ilusões desse tipo. Já pensei antes, faz muitos anos, que devo ser uma espécie de suicida libertário.

Bom, a pausa serviu para preparar algo de comida na cozinha do vizinho. A primeira e última comida do dia, porque são mais das dez e meia da noite. Enchemos as panças com arroz adornado com pedacinhos picados e fritos de uma cenoura, um pequeno pimentãozinho e um par de dentes de alho, acompanhado de uma banana e de um pé de alface inteiro para cada um. Um golinho de café que sobrou da manhã completou esse almoço-ceia improvisado. Pelo menos vou dormir bem e tranqüilo, sem que minha companheira desagradável me incomode. A fome não estará comigo esta noite.

Então e enquanto o sono não chega, dá tempo para anotar o que escutei pelo rádio: os estrangeiros que moram no Afeganistão estão sendo avisados que devem sair do país. Os países que de uma forma qualquer dêem ou manifestem apoio ao Afeganistão estão sendo ameaçados por representantes do governo americano. Pelo visto, querem exterminar a todos. Se não fosse coisa tão horrível e triste, me pareceria hilariante que o regime que domina esse país chegasse ao poder apoiado e financiado pelos próprios Estados Unidos. Foram eles que entregaram as armas mais modernas, saídas de suas fábricas, para que lutassem contra o exército da extinta União Soviética. Agora pretendem massacrá-los, para maior glória da pátria e do deus americano. A coisa parece caso encerrado, sem volta possível. Não será um protesto da antes imponente Rússia ou do insignificante Egito que possa evitar a tragédia. Os libaneses devem estar tremendo de medo em seu país, depois que foi noticiado que o primeiro guerrilheiro identificado tem aquela nacionalidade. Não confirmados são os rumores que entre os outros havia egípcios e até um árabe nascido no Brasil. Será que, neste caso, vão bombardear o palácio que abriga seu gerente em Brasília, ou será que soltam uma bomba atômica sobre São Paulo? Pode que não; pode que se contentem só com a entrega da Petrobrás e da Amazônia, que é o que mais querem, porque lhes falta. O resto quase tudo já tem.

O caso do Afeganistão é exemplar e sem dúvida contribuirá fortemente a polarizar a opinião pública contra a política americana, contra o povo americano em geral. Não se precisa ser profeta nem adivinho para prever isso. Só eles que

não enxergam, ou certamente não lhes importa. Como dificilmente será a única ação vingativa, também é fácil prever que os americanos do norte terão uma forte tendência a cair no ibope da opinião pública mundial. A medida de sua reação serve de medida para as dificuldades que encontrarão no futuro. Vi em estes dias que o povo não é tão burro como podemos crer. Não vão faltar, no planeta todo, focos de protestos pelas barbaridades que serão cometidas. Como sempre quando se tentou protestar contra o império e sua forma de atuação, serão reprimidos em forma violenta. E assim, por aí vão se diluindo em um mar de violência, todas e quaisquer possibilidades de pacificação da humanidade. Pelo menos até o império cair, ainda que isso, por si mesmo, também não garante coisa alguma.

É ai onde queria chegar. Não podemos nos enganar que a queda do império opressor significará nossa libertação. Nada significa a morte física da besta, se esta segue viva em nossas almas. De nada nos servirá triunfar sobre o capitalismo se não sabemos criar, entre nós, uma forma melhor de relações, unido a um trato adequado do meio ambiente. Já escrevi muito sobre isso. Devido ao caso atual que nos preocupa, também devo agregar que não estou de acordo com ações do tipo das que se produziram em New York e Washington DC. Isso nada tem a ver com a revolução proposta e, pelo contrário, a prejudica enormemente. Uma coisa é sentir um certo regozijo ao ver uma pessoa muito ruim levar um chute nos colhões, outra é estar de acordo com que as coisas sejam resolvidas a chutes nos colhões.

Para mim está bem claro que não é por ai. Estou mais do lado de aquele mártir hindu e o igualmente mártir negro americano, militantes da não-violência dinâmica, ambos assassinados por violentos fanáticos reacionários. Meu entendimento pode justificar a ação dos guerrilheiros suicidas desde o ponto de vista deles, não desde o meu. Os posso compreender, ainda que não possa estar de acordo com eles. Basta ler tudo o que escrevi para ver que não estou blefando.

Não vou ser tão cínico e me declarar partidário do pacifismo ridículo que irmana hippies e cristãos. O primeiro leva à negação de toda atividade e o segundo é usado para consolidar a opressão incontestada dos tiranos. Esses tipos de pacifismo entreguistas não nos servem para chegar à meta proposta. Assim mesmo também não servem as ações violentas como as realizadas nos EUA, por exemplo. A guerra de guerrilhas pode ser até válida, mas pressupõe uma certa dose de fanatismo e, no caso discutido, até pode ser entendida como uma ação desesperada dos que estão sendo aniquilados. O ataque não foi realizado por um grupo que queria se divertir, ou por quem pretendeu infligir algum dano gratuitamente. Mas justamente por entender o fato em uma dimensão mais objetiva, tenho que manifestar que não estou de acordo com esse tipo de ações, porque não contribuem à realização da revolução pretendida. Independentemente de onde provenham ou onde se realizem ações violentas, elas prejudicam o futuro da humanidade; elas endurecem quem tem o poder e dão lugar a represálias muitíssimo mais cruéis. Aí é quando sofrem os verdadeiros inocentes.

Poderíamos tomar como exemplo as tribos que se estão combatendo no Oriente Médio, faz já mais de sete mil anos. As civilizações de aquela área sempre seguiram a Lei do Talião, aquela que diz olho por olho, dente por dente e um monte de coisas mais nesse estilo. Temos aí, bem frente a nós, um exemplo vivo do que acontece quando a vingança é incorporada à ideologia humana. Um ato violento leva a outro, uma retaliação produz outra e não tem como parar e quando aparece alguém que pede para perdoar os inimigos é rapidamente assassinado e seu pedido degradado tanto que o primeiro que se escuta de seus seguidores é “*vamos nos vingar*”.

Bravo cristão, o imperador Buxa-Khan encontra ótima oportunidade de declarar a guerra do bem contra o mal, mas outra vez chega tarde, pois essa guerra já existe há muito tempo; e também erra profundamente ao acreditar que está ao lado do bem. A pesar de tantos governos que se colocaram ao lado do império do mal e a pesar da campanha de todos os meios de comunicação que controla, os povos oprimidos e explorados – que são a maioria em este planeta – reconhecem muito bem de onde provém o mal que os aflige.

A aplicação da Lei do Talião por esses que se autodenominam cristãos, não faz mais que confirmar a distorção e degradação de aquela religião que em nada contribui à paz mundial nem ao bem-estar dos habitantes deste planeta. O próprio império do mal invoca o deus cristão para instalar a justiça e a paz entre nós? Me surgem sérias dúvidas.

Por isso sigo insistindo que um mundo novo e diferente não pode ser construído a partir de atos violentos. A dinâmica das ações não-violentas é o único que nos possibilita reverter este processo que a todos prejudica. Se não conseguirmos realizar o que queremos a través de ações não-violentas, então não temos outra chance. É isso ou nada. O contrário é nada mesmo. Os métodos tradicionais até agora empregados, como o confronto guerreiro direto ou a guerra de guerrilhas, já demonstraram seus resultados e estão totalmente obsoletos. Servem tão pouco como o pacifismo das ovelhas e das galinhas ou das emas.

Uma das críticas que recebo com freqüência, quando exponho este ponto de vista, é que os não-violentos foram, são e sempre serão eliminados. Eu só pergunto onde estão os revolucionários que estabeleceram e mantiveram, por meios violentos, uma nova sociedade que hoje nos possa servir de exemplo e espelho. Será que não foram igualmente eliminados? Um grave e estúpido erro é considerar que ações não-violentas vão produzir uma espécie de impunidade, ou criar um escudo virtual que nos proteja do mal diabólico que nos oprime e mata. Isso vai seguir igual (e hoje podemos contar com a certeza que vai piorar) até a hora em que uma nova ordem seja instalada na Terra, o que só acontecerá quando a besta demoníaca seja extinta. Essa nunca poderemos eliminar se usamos seus métodos, pois a estaríamos reincorporando e perpetuando em nós mesmos, causando as mesmas conseqüências que queremos erradicar agora. Dito de outro modo (e outra vez): não podemos combater a AIDS aplicando doses de HIV, tal como

não podemos usar o capitalismo para evitar o holocausto ambiental.

No final de tudo isso há uma coisa da qual tenho absoluta certeza: não quisera ser árabe nem muçulmano morando hoje nos Estados Unidos. Acredito firmemente que, se tem algum ainda vivo, é porque deve estar muito bem escondido. A história nos conta o que passou a chineses, japoneses, mexicanos, alemães e alguns outros em certos momentos quando surgiram algumas crises e conflitos relativamente grandes ou maiores que agora. Morei lá durante três anos e só poderia escrever que as mais horríveis imagens, as mais intoleráveis idéias, desfilam por minha imaginação. Será que ainda existe alguma mesquita em pé, ou alguma escola, um clube, um restaurante, uma loja só que seja árabe, que não tenha sucumbido à xenofobia americana? Digo que tomara não seja verdade. O futuro dirá, porque agora não passa notícia do que aconteceu por lá. Parece que toda informação proveniente do território atacado está sendo peneirada e selecionada rigorosamente. Já o anotei antes e o repito: dá a impressão que a história completa não está sendo contada.

# JUSTIÇA INFINITA

Quando era pequeno e ainda era obrigado a morar na casa de meu pai, junto a minha família mais direta, com certa frequência acontecia que me era imputada a culpa de alguma coisa que eu não tinha feito. Geralmente era uma de minhas duas irmãs, ou ambas, que cometiam um ato que “merecia castigo”. Como eram duas e menores que eu, se aliavam colocando a culpa em mim. Como resultado, eu era castigado, o que significava que ficava sem sobremesa, ou trancado no meu quarto, ou que recebia uma quota de açoites de meu pai, de acordo com seu humor do momento e não com relação à relativa gravidade do caso.

Nos colégios onde estudei os seis anos de educação primária que eram obrigatórios nesse tempo, passei por situações similares (descontando a maior parte da violência física, mas incluindo bastante violência psicológica) e também comecei a ver que a mesma coisa acontecia a alguns companheiros de estudo.

A medida que fui crescendo, fui aprendendo que esse tipo de justiça injusta também era sentida por grupos de pessoas dentro das diversas sociedades e, pasmem, é o cúmulo, até com sociedades inteiras, povos e nações. Hermes Trimegisto já se referia a este fenômeno de as coisas ser em cima do mesmo jeito como são embaixo, em tempos do império egípcio. Viajei o bastante para saber o que está acontecendo neste planeta. Os órgãos de comunicação só me ampliam e confirmam minha visão.

Escrevendo agora, chego a me sentir um especialista em injustiça. A conheço desde bem pequeno, em algumas formas simples, primitivas, e foi se revelando a mim em suas formas mais complexas e requintadas, através dos anos. É um assunto que é fácil de conhecer e estudar, seu conhecimento é empírico e os exemplos abundam na vida comum e vulgar.

Pelo lado contrário, o que é uma justiça verdadeira é um assunto mais complicado. Tem que ser estudado em livros, pois exemplos oferecidos pela vida comum não são assim tão freqüentes. Com a progressiva corrupção e degradação social à qual estamos expostos atualmente, o conceito de justiça está relegado a um âmbito estrito e exclusivamente utópico, nos níveis individual, social e nas relações entre povos e nações. Comprovados ladrões de “colarinho branco” andam soltos por aí, ainda que tenham roubado milhões do erário nacional, enquanto as prisões imundas estão abarrotadas de contraventores menores e menos perigosos, porque carecem dos meios econômicos para comprar sua liberdade. Politiqueiros fazem suas súcias negociatas que prejudicam povo e nação, e aparecem sorridentes, com pose de santos protetores dos necessitados, nos órgãos de comunicação. Grandes empresários exigem respeito dos demais, ainda que estejam devendo anos e anos de impostos e condenem seus semelhantes a uma vida miserável. Pessoas são escolhidas para realizar funções, não por sua capacidade, mas por se prestar a servir ao esquema de seus amos políticos ou empresariais. Os necessitados, os carentes, só são ajudados na medida do valor de seus votos ou do lucro econômico que possam gerar. Re-

almente não há condições para me estender em este caso; temo nunca acabar.

Entre povos e nações o assunto é mais ou menos similar. Uns se impõem contra outros procurando vantagens e benefícios que são negados à outra parte. Desgraçada a nação que possua algum recurso ou produto que interesse a nação mais poderosa. Será privado deste e nunca poderá esperar uma retribuição justa. O tipo de intercâmbio econômico imposto pelo império fundamenta e justifica a opressão, a tirania, a intervenção armada em prol dos interesses próprios. Isso produz fome, doenças, torturas, prisões, mortes de milhões de pessoas que são realmente inocentes, por ser injustamente tratadas de forma desumana.

Pior ainda para aqueles que nada tem para ser explorado ou comercializado. São esses povos que mal subsistem em seu próprio meio natural, adaptados aos recursos que esse meio oferece, sem riquezas nem sobranças que possam lhes alcançar uma melhora. Esses estão tão abandonados como o infeliz marginalizado que vive em uma favela de qualquer cidade.

Dirão que isso sempre foi assim e pelo tanto é uma situação natural e imutável. É bastante óbvio que essa afirmação não provém do afetado, mas é própria dos que obtém sobredimensionadas vantagens vindas de essa forma de proceder. Pensando como eles, justificaríamos a invasão da América e o conseguinte holocausto de seus habitantes primeiros, acompanhada da destruição de suas culturas originais. Ou justificaríamos a escravização dos negros na

própria África, tanto como os que foram trazidos a América. Não pode haver nenhuma dúvida que essas foram injustiças criminosas e nem usando a famosa lâmpada de Diógenes poderemos achar um só dos agressores que fosse devidamente punido. Podemos afirmar, sem temor de errar, que as ações dos reinos de Espanha, Grã Bretanha França, Holanda e Portugal – especialmente – na América, foram infinitamente mais cruéis e selvagens que o exemplo mais moderno, ao qual se recorre tão assiduamente, oferecido pela Alemanha na Segunda Guerra Mundial. Mas aqui, em nossa própria casa, índios, negros e mestiços seguem sendo tratados como seres inferiores e sem direitos plenos. Seguem sofrendo a aplicação da justiça dos mais fortes, dos vencedores.

Os centros relativamente isolados de poder que estavam espalhados pelo globo terrestre começaram a se concentrar em um só lugar. Durante os últimos 200 anos foi emergindo e se consolidando uma potência única na região norte do continente americano. Pouco depois de declarar sua independência, iniciou e ganhou sua primeira guerra, dirigida à expansão territorial. O país vizinho perdeu a maior parte de suas terras para os invasores do norte.

Desde então a cobiça dos conquistadores não conhece limites nem tem fim. Só aumenta. Conscientes de sua potência e com vontade de se impor ao restante do planeta, foram paulatinamente aumentando sua área de influência. Com orgulho e prepotência consideram de sua propriedade privada todas as nações do continente americano. Estenderam suas garras predadoras sobre África, Europa, Ásia, até

Oceania. Até agora nada houve que pudesse deter sua cobiça. O que não conseguia sua diplomacia ou suas manipulações políticas e econômicas, suas corruptas propinas, era conseguido pela força de seu exército, não importando as vítimas que por acaso houvesse – do outro lado, está claro.

Assim originou-se o maior império que já existiu na face deste planeta. Até alguns territórios ainda não conquistados sofrem a influência dos que se apresentam como donos da verdade, polícias do mundo e juizes do bem e do mal. Entretanto não existe povo na Terra que não tenha sofrido algum tipo de agressão dos tiranos opressores. A existência de qualquer divergência com o modelo padrão por eles implementado é considerada uma ameaça a seu domínio. Nunca vacilaram ante a eliminação física de seus opositores, ainda que muitas vezes representou o assassinato de dezenas e até centenas de milhares de pessoas. Sua cobiça infinita está deixando nossa Terra na borda da extinção. Sua selvagem prepotência está lançando – diariamente e a todo momento – a uma morte infame a milhões de inocentes. A imposição de seu modelo cultural amoral está destruindo o tecido social (até o deles mesmos) que pode sustentar uma vida digna.

Essas são coisas que estou sentindo e observo aqui, onde se encontra minha presença, lugar que foi conquistado e colonizado por povos bárbaros que tinham os mesmos ideais, culturas similares e formas religiosas convergentes com os invasores do norte. Hoje estamos subjugados por estes, mas nossas formas sócio-culturais não se diferenciam em muito. Estamos tão dominados que à maioria parece coisa

normal e muito poucos verdadeiramente se preocupam do assunto. Não é que o povo se esqueça, por exemplo, da 6ª frota americana frente do litoral brasileiro nos dias do golpe militar; só se retrai ante a força desmedida da repressão exercida pela superpotência. É puro instinto de preservação, pois parece que nada se pode empreender contra império tão poderoso, que impõe seus ditados e ditadores sem necessidade de presença física nos lugares que domina. Já se viu coisa igual antes? Hitler era fichinha e Stalin um burguês calmo durante sua regência, se comparados com a sucessão de presidentes-imperadores que o diabo nos enviou para converter o paraíso em um inferno.

Viajei bastante neste planeta, mas não tanto como para ultrapassar as fronteiras onde predomina o que comumente é chamado de civilização ocidental e cristã. Pouco andei além desses limites e não é muito o contato que tive com representantes de outras culturas que diferem profundamente da nossa. Posso ser criticado por pretender possuir a capacidade de me colocar no lugar que ocupa um árabe muçulmano, um chinês comunista, um africano com suas tradições milenares, um hindu budista, um lapão, um sikh, um cidadão do Timor Leste, um indonésio, um coreano seja do norte ou do sul, um, um, um, e tantos outros que estão passando por situações parecidas, mas posso supor que todos eles percebem a terrível desumanidade e a escandalosa injustiça que o império impõe com a força de suas armas.

Existem no planeta várias etnias humanas e muitos povos, muitas nações, culturas, religiões, formas políticas e de re-

lações econômicas diferentes. Todas estão ameaçadas pelo império que não perdoa as diferenças, querendo absorver tudo para sua própria satisfação. Mas assim como somos todos diferentes, assim também nos diferenciamos em nossa forma de reagir. A rebelião ante a ameaça contra nossas culturas, formas sociais, religiões, etc., não é igual. O que um agüenta, o outro não permite; o que a um ofende, ao outro parece educado; o que para um é religião, pro outro é heresia; o que aqui é permitido, logo aí é proibido; o que em um lado é castigado, em outro é incentivado; muitas das coisas que são transmitidas pelas televisões do império são consideradas muito escandalosas por outros seres que, geneticamente, não são diferentes a ninguém; e assim por diante.

Mas há coisas que nos irmanam a todos no mesmo sentimento e isso é a injustiça que podemos perceber nos atos de nossos congêneres, é o respeito que esperamos dos outros por nossas crenças, nossos costumes, usos e tradições, é a propriedade de aquele espaço onde desenvolvemos nossas formas particulares e diferenciadas de vida. Quando elementos estranhos se introduzem em nossos recintos considerados privados, não é raro, nem injustificado, que se produzam reações contra o invasor.

O corpo principal do império americano se encontra em uma privilegiada posição geopolítica, colocado entre os maiores oceanos do mundo e ao sul da calota polar impenetrável. Se antes era praticamente impossível atacá-lo, isso ainda é das tarefas mais difíceis, especialmente se não se possuem as modernas armas que só algumas poucas po-

tências dispõem. Com sua política de ataques a pontos isolados, sempre mais débeis, também nunca deixou que suas ações guerreiras alcançassem seu próprio território. Assim seu povo sempre gozou da ilusão de uma falsa paz, até nos momentos quando seu país se envolvia em sangrentas guerras de extermínio, como em Vietnã ou (indiretamente) na Palestina. Guerras que, digamos de passo, eram sempre bem-vindas pela população, pois injetavam novas forças a sua economia decadente. Não é falso nem errado afirmar que em certos momentos provocaram conflitos para poder ativar as fábricas bélicas e assim gerar os lucros necessários para sustentar seu modo de vida. Que em esse processo morriam inocentes, a ninguém preocupava. A infinita justiça que agora invocam não passava por suas mentes (e menos por seus duros corações), pois era uma incomodação que prejudicava seus costumes licenciosos e degradantes. Sempre manifestaram claramente que entre os inimigos não existem inocentes, a não ser os traidores que se colocavam de seu lado.

Pois agora estão encarando uma conseqüência de seu acionar. Alguém conseguiu levar uma mensagem ao povo americano, alertando-o de seu possível engano ao se acreditar modelo e salvador do mundo em uma cruzada de paz e justiça. Alguém furou o esquema, entrou lá no país deles, e mostrou ao mundo que também é possível levar a guerra ao território inviolado dos eternos atacantes. Não fosse a novidade do ocorrido, não seria considerada uma ação de grande envergadura. As perdas humanas foram mínimas e as materiais nem tanto – para eles, pois para qualquer um paisinho explorado os números podem representar mais do

que a dívida externa, ou seja, o que devem ao império. O resto é choradeira pura e orgulho ferido, sem maiores conseqüências.

Sustento que foram guerrilheiros e não terroristas os que realizaram a façanha. Acertaram o Pentágono, que demonstra ação de guerra; foram frustrados em suas intenções de acertar a Casa Branca, o que também seria uma ação de guerra; em Nova Iorque não acertaram um cartão postal nem um prédio residencial, mas a maior concentração mundial de empresas que controlam as finanças e a economia do planeta, além de abrigar as sedes estaduais da CIA e do FBI. Quem trabalhava ali não o fazia porque era coagido ou obrigado, mas por própria decisão e interesse, pelo tanto pode ser facilmente considerado como um abjecto cúmplice dos poderosos tiranos, por qualquer cidadão do planeta que sinta sua vida afetada ou prejudicada pelas medidas que o império implementa. Eles, à luz dos atacantes, não passavam de inimigos tão desprezíveis como os uniformizados e fortemente armados que atacam e invadem seus países, destroem seus lares e matam a população indefesa.

Considerando a justiça, não é possível pedir que sejam usados dois pesos e duas medidas diferentes. Não se pode acreditar na honradez e na honra de um país que, de um lado arrasa outras nações, deixam 50, 100, 200 mil civis mortos, e faça tamanho escândalo internacional porque foi retribuído com menos de três mil mortos de sua própria população. É totalmente desproporcionado e extremamente cícnico. Antes de procurar culpados para praticar uma

sangrenta vingança, poderiam melhor se sentar e meditar nos fatores que causaram essa pequena tragédia que tanto os enlouquece. Possivelmente descubram alguns indícios que indiquem sua própria culpa no conflito. Digo isso ainda que estou seguro de sua total incapacidade e falta de vontade de realizar uma autocrítica, por pequena que seja. Eles têm um bloqueio muito forte em essa direção e isso os prejudica profundamente. Parece que não os deixa enxergar nem o que eles mesmos estão fazendo. São tão fanáticos e inflexíveis como aqueles que eles mesmos acusam. Sua justiça egocentrista só se interessa por si mesma. Esse é o perigo que a humanidade mais teme: a ira irracional do mal que corre solto.

Não existe guerra que careça de episódios com personagens que entregam as vidas por seus ideais, em formas que são descritas como heróicas. Desprezar a própria vida pelo bem ou a salvação de outros sempre foi considerado heroísmo, tenham os tais heróis sobrevivido ou não. Só de exemplos podem se encher vários volumes. Em casos extremos, sempre houve seres humanos que não deram valor a suas próprias vidas. Seja para defender um território, como em Massada ou nas Termópilas; seja a mãe que não sabe nadar, mas pula no rio para tentar salvar sua filha, como aconteceu há algumas semanas em lugar perto a minha residência de este momento; sejam monges budistas que se queimavam vivos em Saigon, protestando pela guerra; sejam aposentados argentinos que se suicidavam por causa do abandono que eram condenados pelo regime neoliberal; sejam os cristãos que se entregavam às feras nos circos

humanos; ou os humanistas que não se acovardavam ante a fogueira durante a inquisição, sem renunciar a suas convicções; sejam os kamikaze japoneses tentando evitar a derrota de seu país; sejam os soldados sem nome que lutaram até a morte defendendo uma trincheira, um morrinho, uma pontezinha, sem significado dentro do contexto de um confronto maior; seja o cidadão anônimo, pessoa comum, que encara uma morte segura a fim de que alguns outros possam se salvar; seja um militante da defesa de seu povo, que não tem outra alternativa que explodir a si mesmo, ante a tremenda superioridade das armas dos atacantes; sempre houve e haverá indivíduos e grupos que estão dispostos a morrer por alguma causa ou ideal.

Em esse sentido, com nada de novo contribuíram os seqüestradores dos aviões que impactaram a opinião mundial. O império do ocidente está conquistando o mundo, não pela alegada superioridade de suas idéias, seus valores ou sua religião, mas sim por sua superioridade em aplicar a violência organizada. Os ocidentais freqüentemente esquecem este fato, mas os não-ocidentais nunca.

Nós (humanos) estamos mal equipados para entender a tirania monstruosa. Preferimos acreditar que o nosso sacro imperador Buxa-Khan - como Saddam Hussein, Adolf Hitler, Augusto Pinochet, Josef Stalin (e tantíssimos outros) – é meramente um psicopata, um corrupto assassino sedento de poder.

Mas ele não é apenas um criminoso que acontece de pôr as mãos no mundo inteiro, usando sua polícia para alimentar a

ganância. Igual a outros tiranos que desfilaram pela nossa história, ele também é um ideólogo, um pensador com uma visão histórica que encontra ressonância em muitas pessoas de seu povo e pelo planeta inteiro. Ele é obcecado pela crença na superioridade de seu império, de sua raça, de suas crenças degeneradas, que usa sua preponderância tecnológica para se impor aos outros. Seu orgulho e arrogância se unem a sua ânsia de vingança, proveniente da visão histórica megalomaníaca da sociedade que pretende representar.

Lembra muito aos tiranos já citados, os quais acreditavam que o sentido de suas miseráveis existências era personificar metas falsamente elevadas de grandiosidades utópicas, justificando (por e para isso) o extremo sofrimento que impõe aos povos do planeta – pela repressão e o assassinato – porque só assim pode se tornar forte e poderoso.

Como esses outros monstros, está convencido que seus opositores não apenas são inimigos pessoais, mas traidores de uma grande causa. Assim ele supera em barbaridade aqueles “bárbaros” que pretende civilizar. Com o agravante que o termo “civilizar” é usado como camuflagem da invasão e apropriação indevida de territórios alheios.

**JUSTIÇA? ...**

////////////////////salaam aleikum